



PUC RIO

JACYARA CARRIJO ROCHAEL NASCIUTTI

INSTINTO E APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE DA AGRESSÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

N. Chamada: 150 / N244 / Tese UC

Título: Instinto e aprendizagem : uma análise da



0 0 2 4 7 6 7

2034

Ex: 1-CENTRAL

B C — PUC

DOAÇÃO

UC 15088-2

JACYARA CARRIJO ROCHAEL NASCIUTTI

INSTINTO E APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE DA AGRESSÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

9765
MILLION
RIO DE JANEIRO

BC - FUS

DOAG

JACYARA CARRIJO ROCHAEL NASCIUTTI

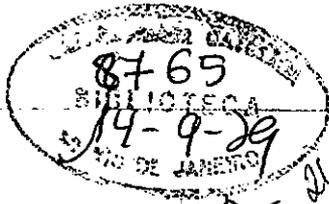
INSTINTO E APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE DA AGRESSÃO

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia Teórico-Experimental.

Orientador: Aroldo Rodrigues

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO, 11 DE JUNHO DE 1979



Mc 24767

JACQUES CARRE
INSTITUTO
TO B A E D I S I
UMA ANA ISE DE ABRIL

Departamento de Biología
Instituto de Biología
de la Universidad de la Habana
Calle de Martí
No. 1045
C. P. 71200
La Habana, Cuba

DEPARTAMENTO DE BIOLÓGICA
INSTITUTO DE BIOLÓGICA
CALLE DE MARTÍ
NO. 1045
C. P. 71200
LA HABANA, CUBA

150
N244
TESE UC
UC-15088-2

McA

RIO DE JANEIRO

A meus pais

A Juliana e Fernanda.

Meus agradecimentos:

- Ao Professor Aroldo Rodrigues, por sua orientação.
- Ao CNPq e a CAPES, pelo subsídio financeiro.
- À Coordenação de Pós-Graduação do Departamento de Psicologia, pela colaboração.
- Aos amigos Bernardo e Rosa, pelo auxílio e amizade.
- Ao Lu, pelo apoio e paciência.

Jacyara / Rio
agosto de 1979

R E S U M O

O fenômeno da agressão tem sido objeto de estudo de diversas áreas da Psicologia. Nosso foco de interesse principal diz respeito à natureza desse fenômeno: trata-se de um fenômeno inato ou aprendido?

Analisamos as principais teorias que enfocam o estudo da agressividade nos seus diferentes aspectos.

Inicialmente, apresentamos as posições teóricas de autores experimentalistas ligados ao behaviorismo: Dollard e colaboradores, que propõem ser a agressão decorrente da frustração; Berkowitz, que acrescenta outros elementos na relação frustração-agressão; Bandura, que postula a aprendizagem da agressão e Feshbach, que distingue diversas formas de agressão.

O segundo capítulo é dedicado à análise de duas teorias instintivistas da agressão: A teoria etológica e a teoria psicanalítica freudiana. São distinguidas as conotações do termo "instinto", utilizadas por essas duas teorias. A etologia é representada pelos trabalhos de Lorenz e Storr. Na psicanálise freudiana é analisada a última teoria dos instintos proposta em 1920 quando Freud postula a dicotomia "Instintos de Vida" e "Instintos de Morte".

Em seguida, tecemos algumas considerações acerca das teorias analisadas, com contribuições críticas de diversos autores.

Concluimos argumentando sobre a limitação dessas teorias em abarcar o fenômeno da agressão em toda a sua complexidade e procuramos fornecer alguma contribuição no que se refere ao caráter inato ou aprendido da agressão.

S U M M A R Y

The aggression phenomenon has been studied in different areas of psychology. Our main focus of interest concerns the nature of this phenomenon; is it an innate or a learned phenomenon?

We have analysed the main theories that deal with aggression in its various aspects.

Firstly, we presented the theoretical positions of authors somehow connected with the behavioristic school of thought: Dollard and his collaborators, who assert that aggression derives from frustration; Berkowitz, who adds other elements to the frustration-aggression relationship; Bandura, who postulates the learning of aggression and Feshbach, who differentiates among several forms of aggression.

The second chapter is dedicated to the analysis of two instinctivist studies of aggression, namely, the ethologic approach and Freud's psychoanalytic theory. The different connotation of the term "instinct" as used by these two theoretical positions is highlighted. The ethological approach is represented by the works of Lorenz and Storr. In regard to the psychoanalytical approach the last theory of instincts as advanced by Freud in 1920 is analysed; in it Freud postulates the dichotomy of "life" and "death" instincts.

Next, we advance some considerations on the theories presented, adding the critical contributions of several authors.

We conclude the work asserting the limitation of these theories in the way they deal with the aggression phenomenon in all its complexity, and we try to provide some personal considerations on the innate/learned controversy regarding aggression.

S U M Á R I O

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - TEORIAS EXPERIMENTAIS DA AGRESSÃO DE INSPIRAÇÃO BEHAVIORISTAS	6
1.1 - Teoria frustração-agressão do Grupo de Yale	6
1.1.1 - Conceitos fundamentais	7
1.1.2 - Princípios Psicológicos Determinantes da Agressão	9
1.2 - Teoria da Aprendizagem Social de Bandura	14
1.2.1 - Processos de rotulação social ..	14
1.2.2 - Sistemas Reguladores do Comportamento	19
1.2.3 - Processos de Aprendizagem da Agressão	23
1.3 - Contribuições às Teorias Experimentais da Agressão	28
1.3.1 - A posição de Berkowitz	29
1.3.1.1 - Determinantes da Agressão	30
1.3.1.2 - O desenvolvimento da personalidade agressiva	34
1.3.2 - As contribuições de Feshbach ..	39
1.3.2.1 - Os diferentes tipos de agressão	39
1.3.2.2 - Dinâmica da Agressão ..	45
CAPÍTULO 2 - TEORIAS INSTINTIVISTAS DA AGRESSÃO	47
2.1 - O termo "Instinto"	47
2.1.1 - Instinto na Etologia	47
2.1.2 - Instinto na Psicanálise	48
2.2 - A Teoria Etológica da Agressão	50
2.2.1 - Funções da Agressão como um instinto	51

2.2.2 - O comportamento agressivo compa rado	61
2.2.3 - O instinto da agressão analisa do por Anthony Storr	67
2.2.3.1 - Funções da Agressão na Sociedade e na Ontogê nese	70
2.2.3.2 - O controle da agres são	76
2.3 - A Concepção Psicanalítica da Agressão .	78
2.3.1 - A origem da concepção "Instin to de Morte"	79
2.3.2 - Cultura e Agressão - O sentimen to de culpa	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
CONCLUSÕES	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107

I N T R O D U Ç Ã O

A agressão tem sido cada vez mais, objeto de atenção e estudo por parte dos cientistas atuais, seja na área biológica, social ou psicológica. No entanto, a diversidade de abordagens teóricas quanto ao problema da agressão, suas causas e origens, manifestação e possível controle, tem proporcionado grande divergência entre os estudiosos do assunto. Essa situação despertou em nós o atual interesse em questionar e analisar criticamente as teorias da agressividade com as quais temos tido contacto.

Entre as teorias que hoje se ocupam da questão do comportamento agressivo humano merecem especial consideração a psicologia behaviorista, a psicanálise e a etologia. As três analisam a hostilidade e agressividade, embora nenhuma delas parece ter conseguido até agora estabelecer teoricamente um modelo que explique todas as formas e origens da agressão. Para o exame dessas questões decidimos, por razões metodológicas dividir essas teorias em duas correntes:

A - Corrente behaviorista - Esta parte da suposição de que o objeto de estudo psicológico devem ser os processos comportamentais objetivos. Estímulos e reforçamento interatuam na modelagem do comportamento agressivo. A agressão como fruto essencialmente da aprendizagem por reforçamento, direto ou vicário, é a hipótese defendida pela maioria dos teóricos experimentalistas behavioristas.

Dollard et al., os pioneiros dos teóricos behavioristas no estudo da agressão sustentam a hipótese frustração-agressão, isto é, toda frustração gera agressão e toda agressão pressupõe uma frustração antecedente. Berkowitz reformulou a teoria F-A e ampliou-lhes os limites, introduzindo na relação F-A outros fatores que influenciam no comportamento agressivo, não considerados por Dollard et al. Bandura enfatiza sobretudo os aspectos de aprendizagem direta e vicária do comportamento agressivo e Feshbach se interessa mais em distinguir as diversas formas de agressividade, diferindo entre agressão hostil, agressão instrumental e agressão inintencional. Esses autores serão analisa-

dos no primeiro capítulo do trabalho.

B - Corrente instintivista, que divide-se em duas linhas teóricas:

1) etologia - Lorenz é o maior representante teórico dessa corrente e baseou grande parte de seu trabalho na teoria da seleção natural de Darwin. Lorenz considera a agressividade como hereditária em qualquer espécie, inclusive a humana e desempenha um papel de manutenção da vida do indivíduo e da própria espécie. Anthony Storr, seguidor de Lorenz, postula que o homem deveria conviver com a agressão como algo inerente e benéfico a si próprio e à sua espécie.

2) psicanálise - Nessa corrente focalizaremos a teoria freudiana que vê a agressão como manifestação do instinto de morte, secundariamente dirigida para o exterior. O princípio de redução de tensão, utilizando o modelo hidráulico, se aplicaria à agressão e a catarse seria necessária para o indivíduo voltar ao estado de equilíbrio. A teoria psicanalítica será centrada na última teoria dos instintos de Freud. Muitos psicanalistas atuais não aceitam a concepção do instinto de morte e vêem a agressão como surgida principalmente de experiências nas relações objetivas na infância. No entanto, o conceito de Instinto de Morte permanece presente nas teorias de diversos seguidores de Freud. Uma análise dessas teorias seria um trabalho laborioso e extenso demais para ser inserido como um capítulo de dissertação. Em consequência, nos limitamos a apresentar a teoria freudiana e apenas acrescentamos formulações propostas por alguns psicanalistas atuais.

As teorias instintivistas formarão o segundo capítulo desta dissertação.

Questões relevantes surgem quando as teorias se confrontam. É essencial investigar se a agressão é um instinto hereditário e benéfico ao homem, se é uma pulsão que necessita "descargas" periódicas através da catarse ou se pelo contrário haveria uma aprendizagem que se manteria pelo reforçamento.

A intenção deste trabalho não é a de propor soluções a essas questões, senão a de tentar fornecer uma contribuição através da análise crítica das teorias mencionadas sobre a agressividade.

Definições da "agressão"

A palavra "Agressão" - do latim "Adgressio, onis" se relaciona com o verbo latino "Adgredior" que significa acercar-se, aproximar-se (Bychowski, 1968, pág. 144). Por outro lado, tem o sentido mais usual de violência e hostilidade contra outros. Bychowski sintetiza: "Os impulsos agressivos são, pois, a fonte das maiores realizações humanas, assim como das mais terríveis catástrofes" (14).

Os termos "agressão" e "agressividade" são usados pelos estudiosos do assunto dentro de um consenso mais ou menos comum, sendo poucas as variações encontradas de autor para autor. Apesar disto, necessário se faz apresentar as definições utilizadas pelos autores cujas teorias serão por nós analisadas. Essas esclarecimentos semânticos visam ainda definir todo o contexto do trabalho no que se refere à conotação que usamos do termo "agressão". "Agressão" ou "impulso agressivo" se referem sempre, em nosso trabalho, a sentimentos ou atos hostis e destruidores. Isso se faz necessário pelo próprio significado ambíguo do termo. (1)

Dollard et al (1939/1961) definem a agressão como "qualquer sequência de comportamento cuja resposta-objetivo é a injúria a quem é dirigida" e "como aquela resposta que segue uma frustração".

Berkowitz (1962) não difere muito dos teóricos da F-A ao conceituar o termo "agressão". Para ele os termos "agressão"

(1) - A palavra agressão tanto pode ser usada no sentido de auto-afirmação, disposição para a vida, coragem, ânimo, como para descrever atos ou sentimentos hostis de injúria contra outras pessoas ou objetos.

e "hostilidade" são sinônimos e significam comportamento de injúria a um objeto. A agressão é ainda definida como uma resposta inata, determinada para a raiva, que é um elemento que poderia ou não entrar entre frustração e agressão.

Para Bandura (1978) agressão é um comportamento que resulta em injúria pessoal (psicológica ou física) e na destruição da propriedade.

Feshbach (1970) concorda com seus colegas experimentais e coloca que o rótulo "agressão" deve ser aplicado a qualquer sequência comportamental que resulte em injúria ou destruição de um animal, homem ou objeto inanimado.

Lindzey et al (1975) vai um pouco além e define a agressão como o desempenho de um ato cuja intenção, seja consciente ou inconsciente, é causar injúria, dano ou destruição a outros ou a si próprio.

Johnson (1972) argumenta que a inabilidade que encontramos para estabelecer uma definição unitária de agressão indica que não estamos lidando com um processo singular, que deve então, ser entendido e analisado em vários níveis e prefere não adotar uma definição única, sugerindo ao invés do termo "comportamento agressivo" o uso do termo "comportamento agonístico" por ser mais abrangente.

Rodrigues (1972) salienta que a causalidade do comportamento deve ser considerada numa definição de agressão. Dessa forma, considera este autor que agressão é "qualquer comportamento cuja finalidade é causar dano a outrem" e restringe o uso dessa definição ao ser humano, devido ao seu caráter intencional.

Bychowsky (1971) usa o termo "hostilidade" para caracterizar a agressividade destrutiva, diferenciando-a da agressividade usada às vezes como sinônimo de segurança, auto-afirmação ativa e energética.

Maple (1973) aplica o termo "agressão" para se referir a comportamentos de luta individual ou coletiva em homens e

animais e com todos os estados emocionais que o acompanham.

O termo "agressividade" aparece na psicanálise como tendência que se realiza em comportamentos reais ou fantasmas, visando prejudicar, destruir outros (Laplanche, 1970). A pulsão agressiva é caracterizada ainda por Laplanche como parte da pulsão de morte voltada para o exterior e que só pode ser apreendida na fusão com a sexualidade. O sadismo seria característico dessa fusão. A outra parte, que se dirige para o organismo é o masoquismo.

Brenman (1975) define agressividade como força primitiva impulsionadora da vida. A onipotência unida a agressividade se realiza na destruição.

Freud não definiu explicitamente o termo, caracterizando apenas a agressão como instinto destrutivo, derivado do Instinto de Morte (Freud, 1930).

Lorenz e Storr não definem precisamente o conceito, no entanto o uso que fazem do termo "agressão" parece indicar tanto a aceção de assertividade quanto a de animosidade.

Capítulo I

TEORIAS EXPERIMENTAIS DA AGRESSÃO

DE INSPIRAÇÃO BEHAVIORISTA

Nurture theories: ... "these environmental factors may be called 'nurture variables'. The word 'nurture' refers to those external events that influence behavior (Maple).

1.1. Teoria Frustração - Agressão do Grupo de Yale.

Em 1939, John Dollard, Neal E. Miller, Leonard W. Doob, C. H. Mowrer, Roberto R. Sears e colaboradores, (16) da Universidade de Yale, escreveram o livro "Frustração e Agressão" onde foram colocadas formulações e princípios básicos relativos a um postulado central sobre a agressão. Uma segunda edição revista de 1961 atualizou o trabalho teórico acrescentando dados obtidos em pesquisas e no progresso da teoria comportamental. A formulação teórica permaneceu a mesma, porém atualizada. Faremos, a seguir, uma análise desta teoria.

O postulado básico que norteia todas as formulações subsequentes é a suposição de que "aggression is always a consequence of frustration" (16, pág. 1). Esta suposição implica em que o ato agressivo pressupõe uma frustração anterior e, do mesmo modo, a existência de qualquer frustração gera sempre alguma forma de agressão. A hipótese frustração-agressão foi formulada principalmente com base nos trabalhos intermediários de Freud, onde a frustração ocorreria sempre que a busca do prazer ou a esquiva da dor fossem bloqueadas. O organismo dirigido para um fim de manutenção de um nível ótimo de tensão psíquica reagiria caso seus objetivos não fossem atingidos, defendendo-se do objeto frustrador. A agressão seria a reação primordial a esses estados. Deve-se salientar que, posteriormente, Freud abandonou essa idéia ao adotar o instinto de morte. Esses conceitos serão analisados mais profundamente no 2º capítulo deste trabalho.

É lembrado que o postulado básico, embora apresentado de

forma suscinta, envolve complexidades, pois o homem, desde cedo, aprende a reprimir e moderar suas reações agressivas, não significando que tais tendências sejam eliminadas e sim temporariamente reprimidas, retardadas ou deslocadas de seu objetivo lógico e imediato.

1.1.1. Conceitos fundamentais

Uma série de definições e conceitos fundamentais foram formulados no sentido de desenvolver e clarificar a idéia central.

A frustração que antecede a agressão é um instigador. Um instigador pode ser diretamente observável ou uma condição interna que apenas pode ser inferida. Este conceito é considerado pelos autores mais amplo que o de estímulo. O último se refere só à energia empregada num sentido orgânico, enquanto o primeiro se refere a qualquer condição antecedente, da qual a resposta pode ser prevista, seja um estímulo, uma imagem reportada verbalmente, privação ou motivo. Uma resposta pode ser resultado do efeito combinado de diversos instigadores operando simultaneamente.

A resposta, consequência do instigador, é chamada uma "resposta-objetivo". É a reação que reduz a força da instigação a um grau no qual não se tem mais a tendência para produzir a sequência de comportamento prevista. Uma resposta-substituída pode ocorrer no lugar da resposta-objetivo e tende a terminar e reforçar a mesma ação precedente. Pode ser mais ou menos efetiva nessa operação do que a resposta original. Se é igual ou mais efetiva, põe um fim à frustração e à agressão produzida por essa frustração.

A frustração é qualquer evento que interfere com a ocorrência de uma resposta-objetivo, que pode ocorrer através de punição ou inacessibilidade ao objetivo em si. Os instigadores, no caso, se mantêm e a resposta-objetivo adequada fica interdita.

A agressão é definida como injúria a uma pessoa. É a reação primária à frustração e ocorrerá quando algo interfere

rir com os esforços de alguém para obter algo. Nem sempre a agressão é manifesta em movimentos claros, patentes, podendo existir em fantasia ou sonho. Pode ser dirigida diretamente para o objeto percebido como fonte da frustração ou deslocada para alguma fonte inocente ou mesmo para o eu, como nos casos de masoquismo e suicídio.

Os conceitos de frustração e agressão são definidos pelos autores de modo dependente e independente. A definição dependente de agressão é "that response which follows frustration, reduces only the secondary, frustration - produced instigation and leaves the strenght of the original instigation unaffected (16, pág. 11). A definição independente de agressão é "an act whose goal-response is injury to an organism (or organism-surrogate), e a definição independente da frustração é condição que existe quando uma resposta-objeto sofre interferência (16, pág. 11).

Existe uma relação causal universal na hipótese frustração-agressão assumida pelos autores, como já ficou evidenciado. Com relação à origem dessa relação, parece provável que a frustração possa ocorrer durante mesmo o processo do nascimento em si e a qualquer tempo a partir daí. A primeira reação à frustração pode não manifestar a destrutividade que é aqui proposta como agressão.

Dentre as muitas respostas à frustração algumas são aprendidas como efetivas em reduzir a força da instigação secundária induzida pela frustração e isso se manifestará mais tarde como agressão. Os autores preferem passar por cima do problema teórico referente à origem inata ou aprendida dessa relação, sustentando apenas que "frustration and aggression are already joined as response sequences" (16, pág. 14).

Quanto ao alcance e limitações que geram o postulado básico, os autores recorrem à teoria da aprendizagem, supondo que a aprendizagem humana opera de acordo com alguns princípios básicos como "a lei do efeito". Outras consequências da frustração que não a agressão, são ignoradas e consideram que respostas substitutas e solução racional de problemas envolvem exten-

sas formulações teóricas que são então deixadas à parte.

Atribuem importância à relação agressão-ansiedade (ou medo) através da postulação de que medo (ou sua antecipação) à punição pode inibir atos de agressão, mas nenhuma análise sistemática é feita dessa relação.

1.1.2. Princípios psicológicos determinantes da agressão.

Ao fazer uma análise extensiva da hipótese básica, várias considerações são tecidas sobre as formas que essa agressão pode assumir. Alguns fatores que presumivelmente influenciam a força da instigação para agressão e o grau de inibição da agressão, são analisados sistematicamente. A força da instigação para agressão varia diretamente com a quantidade de frustração isto é, com a interrelação dos seguintes fatores: força da instigação para a resposta frustrada, grau de interferência com a resposta frustrada e o número de sequências da resposta frustrada. O fator temporal é de grande importância nessa conexão mas não há dados para precisar por quanto tempo depois da remoção da frustração primária, a instigação secundária para a agressão persistirá.

Existem situações que inibem a expressão manifesta da agressão. A variável básica que determina o grau de inibição para um ato específico de agressão parece ser a antecipação de punição. Esse princípio "punição pode eliminar qualquer ato específico de agressão" pode ser aplicado igualmente para ato manifesto, não-manifesto, ou alguma outra dimensão descritiva. A força da inibição de qualquer ato de agressão varia positivamente com a quantidade de punição antecipada como consequência de tal ato.

Surge daí um conflito entre duas sequências de ação incompatíveis - a da expressão de um ato agressivo (instigação) e a de evitar a punição prevista para tal expressão (inibição). Se a força da instigação é muito grande pode superar a antecipação de punição e a pessoa poderá atacar o agente frustrador. O "traço individual" da teoria de Allport representa um ti-

po de tendência determinadora da força maior. A Teoria de Allport sugere aos autores que "hábitos generalizados" de responder a situações de frustração com agressão manifesta ou não-manifesta pode ser outro fator que determina as reações específicas em qualquer ocasião. Poder-se-ia falar, no caso de tipo de agressão manifesta ou não-manifesta, em um traço de manifestação ou de não-manifestação.

Sintetizando, poderia ser dito que se a força da frustração é mantida constante, quanto maior a antecipação de punição para um ato agressivo, menor a possibilidade de que este ato ocorra. E, por outro lado, se a antecipação de punição é mantida constante, quanto maior a força da frustração, mais a agressão está apta a ocorrer.

Tendo examinado esses fatores, faz-se necessário o estudo de outros fatores que influenciam a direção da agressão.

A instigação mais forte, despertada por uma frustração, é para fazer atuar a agressão diretamente contra o agente percebido como sendo a fonte da frustração e, progressivamente, instigações mais fracas são despertadas para progressivamente menos diretos atos de agressão. Assumindo que o ato direto da agressão é fortemente instigado, interferência com essa agressão direta constitui em si uma frustração adicional. Isso leva à instigação direta de atos de agressão contra o agente percebido como responsável pela interferência com a agressão original e indiretamente a aumentar a instigação para todas as outras formas de agressão. Na terminologia freudiana, essa sequência seria, o "deslocamento" de um objeto para outro. Se todos os atos de agressão dirigidos para um dado objeto são impedidos, haverá uma tendência para ocorrer outros atos de agressão, não dirigidos para esse objeto, ou então outras formas de agressão. Ocasionalmente, a agressão deslocada pode ter um destino feliz ou mesmo servir a fins aprovados socialmente, como na sublimação, através da política, por exemplo. Os problemas sociais como racismo e linchamentos são exemplos de deslocamento de agressão.

Quando antecipação de punição inibe a agressão direta, mudanças ocorrem não só no objeto mas também na forma da

agressão. O indivíduo pode imaginar que está agredindo o frustrador, simbolizar a agressão através da pintura. O humor e o ridículo são outras formas comuns de comportamento agressivo. Leitura de estórias de horror seria outra forma que a expressão indireta da agressão poderia tomar.

O indivíduo pode, além dessas formas de agressão, injuriar a si mesmo. Pela teoria freudiana, a auto-agressão parece ser uma forma de deslocamento da agressão direta inibida. A pessoa pode se castigar por faltas cometidas não só por ela senão por alguém amado que a frustrou. A forma mais dramática seria o suicídio.

Os casos de auto-agressão são complexos, desde que uma certa quantidade de agressão direta ou indireta é dirigida aos outros. O histérico, com atitude ambivalente de amor e ódio contra a família, pode ter sintomas de injuriá-los como a si mesmo. Algumas evidências surgem da análise da auto-agressão:

- instigação para auto-agressão pode ser forte quanto o eu é percebido como fonte da frustração.
- haverá maior tendência para agressão direta inibida ser dirigida contra o eu quando essa inibição é gerada pelo próprio eu do que quando é inibida por um agente externo.
- outras condições mantidas constantes, a auto-agressão pode ser um tipo relativo não-preferido de expressão que não ocorrerá até que outras formas de expressão sejam mais fortemente inibidas.

O comportamento agressivo é visto como reativo, já que só se manifesta quando precedido por uma estimulação específica - frustração. Esta posição coincide com o modelo teórico behaviorista que embasa esta teoria. Entretanto, pela influência psicanalítica sofrida por esses autores, a agressão é tida também como catártica. A ocorrência de um ato agressivo deve reduzir a instigação para a agressão, mesmo que este ato seja dirigido para outro objeto que não o frustrante. Se o agente frustrador permanecer, então, a instigação para agressão aumentará novamente e haverá necessidade de novas descargas. Essa noção pressupõe um modelo hidráulico da existência de um reservatório armazenador de ener -

gia. A hostilidade quando não descarregada direta ou indiretamente, vai acumulando tensões até um nível em que o organismo não seja mais capaz de suportar, havendo então necessidade de que a agressão seja manifesta de alguma forma, o que diminui a tensão a um nível ótimo ou pelo menos suportável.

A simples ocorrência do comportamento agressivo já funcionaria como catarse, diminuindo a força instigadora para a agressão, temporariamente, supõem Dollard e col. A repetição de uma forma catártica, pode, ademais, produzir sua aprendizagem. E ainda o fato de haver a expressão da agressão (a própria catarse) diminui a instigação para outras respostas agressivas. A catarse pode ocorrer pela expressão direta da agressão ou pode haver deslocamento, pela auto-agressão ou para outros objetos que não o frustrador.

Para Megargee, (48, pág. 43) a pesquisa da hipótese frustração-agressão se concentrou na inibição, no deslocamento de objeto e de resposta, e ocorrência da catarse. Em grande parte foram ignorados os problemas cruciais da maneira pela qual as respostas agressivas são inicialmente aprendidas, da forma que essas respostas apresentam inicialmente e do papel de outros fatores.

Estudos de Hokanson (1968, 1969) levaram à conclusão que a dinâmica da agressão pode não incluir o efeito catártico, i.é, alguma forma de liberação, aceito pelas teorias tradicionais da emoção. Hokanson admite que os princípios de aprendizagem podem ser mais adequados para explicar os dados observados por ele. Os resultados dessas pesquisas mostram que a agressão manifesta não acompanha inevitavelmente a redução de tensão psicológica ou uma redução em agressão subsequente. Conclui que uma família ou cultura em que se estimula a reação violenta à instigação, e onde a violência consegue afastar a frustração, pode-se esperar dois resultados: que a agressão terá pelo menos um efeito temporário de redução de tensão e que aumenta a probabilidade de violência futura. Argumenta ainda esse autor que a agressão manifesta não é um resultado inevitável da frustração como afirmaram Dollard e col. (1939) e pode-se considerar que os modos

não-agressivos de redução de tensão sejam mais eficientes e satisfatórios (36, pág. 104).

Com relação à teoria Frustração-Agressão, Denker (15, pág. 46), baseado na teoria das pulsões, argumenta que uma agressividade tão forte que pode chegar ao desejo de matar no homem não poderia se explicar por causas às vezes mínimas de frustração. Para Denker, as raízes dessa agressividade devem estar em outra parte, isto é, na estrutura pulsional do homem. A agressividade sempre existiria em forma latente, e o que poderia ocorrer é que as frustrações, principalmente produzidas no âmbito da libido, pudessem gerar um aumento da agressividade. O esquema F-A não admite a existência de uma pulsão autônoma da agressão, que pudesse ser manifesta também na ausência da frustração, como sustentam os psicanalistas e etologistas.

Também Kaufmann (40, pág. 318) considera que em termos gerais se pode dizer que a conduta agressiva se apresenta com maior frequência depois de uma frustração. Mas que os complexos processos que intervêm nas conexões entre frustração e agressão, assim como a difícil definição dos dois termos, são sumamente alheios ao sentido estrito da teoria Frustração-Agressão.

Rodrigues (51) acrescenta um outro fator situacional desencadeante do comportamento agressivo. Sua hipótese é de que a frustração precede realmente a agressão, porém há necessidade de que as condições precedentes sejam especificadas para que outros fatores determinantes também sejam considerados, como por exemplo a atribuição de causalidade à fonte frustradora. O outro fator desencadeante da agressão seria a provocação. Argumenta Rodrigues (51, pág. 381): "As pessoas tendem a reagir agressivamente, emitindo respostas capazes de infligir punição, quando o comportamento de outros lhe causa resultados pouco satisfatórios". A atribuição de causalidade na provocação também é um fator a ser considerado, e o próprio autor não distingue a provocação como isolada da frustração. A primeira poderia ser mesmo uma das formas que a segunda pode assumir.

1.2. A Teoria da Aprendizagem Social de BANDURA

Albert Bandura, analisa o problema da agressão dentro da abordagem teórica da aprendizagem social.

Comparado aos outros teóricos que estudamos até aqui, esse autor se interessa menos pela instigação da agressão do que pelas contingências de reforçamento no ambiente e que influem no fato de uma resposta agressiva, uma vez aprendida, ser recompensada ou não. Exporemos em seguida a posição de Bandura quanto ao fenômeno agressivo.

Comentando as definições do conceito "agressão" emitidas por Dollard e col., Berkowitz e Feshbach o autor argumenta que se a ação destrutiva é atribuída a forças de drive agressivo, a agressão instrumental seria uma pseudoagressão. A distinção entre agressão hostil e agressão instrumental reflete diferenças em consequências desejadas, não na instrumentalidade. Os atos agressivos deveriam então ser diferenciados em termos de seu valor funcional. A maioria dos atos agressivos serve a fins outros que somente produzir injúria. Bandura considera que agressão é o comportamento que resulta em injúria pessoal e na destruição de propriedade. A injúria pode ser psicológica (desvalorização ou degradação) ou física. Postula a necessidade de se usar critérios para distinguir entre injúria acidental e intensional, para que se possam excluir respostas que produzem dano da categoria de agressão e incluir outras que não injuriam por serem pobremente executadas.

Pela Teoria da Aprendizagem Social, uma explicação completa da agressão precisa levar em conta tanto o comportamento injurioso quanto julgamentos sociais para determinar quais atos injuriosos são rotulados como agressivos.

1.2.1. Processos de rotulação social

Existem diversos fatores a serem considerados no processo de rotulação social: a característica do comportamento em si exerce grande influência em como esse comportamento será julgado pelos outros. Assalto físico, humilhação, destruição de propriedade, são geralmente designados como agressivos a parte dos reais efeitos que possam ter nos que são alvo de tais comportamen

tos. A intensidade das respostas é um segundo fator que influencia a rotulação do comportamento como agressivo. Expressões de sofrimento e injúria pelo que sofre o ato agressivo é um terceiro determinante de como o comportamento será avaliado.

Também fatores externos ao comportamento afetam a consideração de uma ação como agressiva ou não. As intenções atribuídas ao autor - se o ato é percebido como intencional, mesmo que não inflija injúria, é considerado agressivo. As características do rotulador também interferem na rotulação do comportamento. A pessoa tende a atribuir aos outros, atributos que são seus, então, indivíduos que diferem entre si com relação a sexo, classe social, etnia e status educacional e ocupacional, tendem a julgar o mesmo comportamento por vias diferentes com relação às suas qualidades agressivas. As características do próprio agressor influenciam na avaliação diferente que se faz de comportamentos dependendo dos padrões normativos, estereótipos, etc.

A agressão é caracterizada por Bandura "as injurious and destructive behavior that is socially defined as aggressive on the basis, of a variety of factors, some of which reside in the evaluator rather than in the performer" (4, pág. 8). A controvérsia no julgamento ocorre quando o ato injurioso assume formas indiretas. No caso da agressão coletiva, os cientistas sociais, como outras pessoas, não estão imunes às influências de suas próprias bases ideológicas na interpretação da agressão, caracterizando grupos agressivos como impulsivos, emocionais ou manifestação patológica.

A adoção de uma definição de agressão primariamente serve para delimitar a área de fenômenos que uma dada teoria se destina a explicar. Mas não necessariamente leva a identificar relações causais, pois qualquer pessoa seleciona para estudo apenas classes específicas de comportamento e não uma agressão abstrata.

Com relação a dicotomia do comportamento ser aprendido ou inato, Bandura acredita que esta vem perdendo suporte a medida que o conhecimento sobre o funcionamento humano aumenta. A maioria dos teóricos sabe que influências sociais e fisiológicas não são tão facilmente separáveis, desde que ambos os fato-

res interagem de modo sutil na determinação do comportamento. A capacidade de aprender é afetada por características genéticas. Mas seria errado designar o comportamento social como instintivo simplesmente por que emprega alguns elementos inatos. Com relação à interpretação instintiva da agressão a disputa é se os padrões complexos de resposta vem préformados ou se são elaborados através de influências experienciais.

A questão crítica para Boulding (1967) é a extensão na qual a composição genética do corpo humano limita e determina o que ele pode aprender de seu ambiente. Evidentemente tais limites existem, pois nenhum homem tem capacidade ilimitada para aprender, no entanto são muito extensos esses limites e o que o homem vai aprender depende mais da experiência do que das limitações impostas pela natureza fisiológica do sistema nervoso humano (12, pág. 172).

Segundo Bandura, quando os efeitos das experiências sociais não são sistematicamente mensurados, comportamentos que resultem da aprendizagem observacional e por reforçamento, são prontamente atribuídos a herança biológica. Bandura cita Denenberg, que demonstrou que práticas no desenvolvimento neonatal não só tem profundos efeitos na agressividade, mas produz mudanças / permanentes na fisiologia do animal como as refletidas na atividade adrenocortical. Evidência de que potencialidades comportamentais podem ser significativamente afetadas pelo ambiente fetal, posteriormente complica a identificação de comportamento determinado instintivamente. A coordenação do comportamento agressivo, como outras formas de responsabilidades viscerais e motoras, depende de mecanismos neurofisiológicos. Pesquisas mostram que estruturas subcorticais, especialmente o hipotálamo e o sistema límbico, estão envolvidos na facilitação e inibição do comportamento agressivo. No entanto, experimentos demonstraram que as respostas agressivas não são, de fato, eliciadas direta e automaticamente, mas variam dependendo do tipo de alvo disponível. Tais evidências indicam para Bandura considerável controle ambiental sobre efeitos centralmente estimulados. A organização funcional desses elevados sistemas de controle é largamente determinada por experiências aprendidas. É então apenas variando influências neu

rais e experiênciais que um completo entendimento pode ser obtido de como as várias estruturas cerebrais interagem na regulação do comportamento agressivo, acrescenta o autor.

A teoria da aprendizagem social da agressão humana adota a posição de que o homem é dotado de mecanismos neurofisiológicos que o capacitam a comportar-se agressivamente, mas a ativação desses mecanismos depende de estimulação apropriada e está sujeita ao controle cortical. Além disso, as formas específicas que o comportamento agressivo assume, a frequência com que se expressa, as situações nas quais é manifesta, e os alvos específicos selecionados para ataque são amplamente determinados pela experiência social.

Sabe-se que o comportamento agressivo é multiplamente determinado, mas a questão é a que nível as influências biológicas, psicológicas e sociais contribuem para variações na agressão entre diferentes pessoas e no mesmo indivíduo a tempos diferentes e sob diferentes circunstâncias. Essas proporções variam entre espécies, tipos de comportamento agressivo e condições sociais.

Há diferentes influências sociais que produzem diversos comportamentos e as causas internas implicadas nessa relação não podem ser menos complexas que seus efeitos. Bandura questiona não a existência do comportamento motivado, mas sim o fato de tal comportamento ser totalmente explicado pela sua atribuição a ação de drives ou forças internas. Bandura critica as formulações psicodinâmicas que fornecem interpretações de eventos que já aconteceram, mas que não têm poder de prever como as pessoas se comportarão em dadas situações. Para o autor, as teorias precisam demonstrar poder preditivo, e necessitam identificar acuradamente fatores causais, como demonstrado pelo fato de que variando-se os determinantes postulados produzem-se mudanças correspondentes no comportamento. A atribuição do comportamento à forças internas poderia talvez ser ligada a esquemas explanatórios antigos em outros ramos da ciência. O desenvolvimento na teoria da aprendizagem transferiu o foco da análise causal de determinantes internos hipotetizados para o detalhado exame de in-

fluências externas na responsividade. Repetidas experiências de mostraram que padrões de resposta geralmente atribuídas a forças internas poderiam ser induzidas, eliminadas e restabelecidas simplesmente variando fontes externas de influência.

As implicações sociais da teoria de Freud para a modificação da agressão não são vistas com otimismo por Bandura. De acordo com a teoria freudiana, nem a satisfação das necessidades materiais nem igualdade entre as pessoas poderia alterar o nível da agressão. O desenvolvimento de laços emocionais entre os homens poderia ser um meio indireto de diminuir a violência extrema. Do mesmo modo, a provisão de oportunidades para descarga do impulso agressivo inato como um desvio regulatório também poderia reduzir a força da agressão. Porém, Bandura discorda dessa posição, ao assumir que o comportamento destrutivo está sob controle social em primeiro plano, ao invés de instintual. Continua seu argumento afirmando que a maioria dos psicanalistas atuais tratam a agressão como um drive instintivo, rejeitando porém a idéia do instinto de morte auto-dirigido. Além disso, acrescenta Bandura, é duvidoso que teorias de drive instintivo sejam capazes de verificação empírica. Drives inatos usualmente tem uma fonte biológica identificável, como a fome. Sua força é portanto externamente modificável e pelo menos indiretamente mensurável.

Bandura acrescenta ainda, que, uma crítica válida que se faz ao determinismo situacional extremo é que, num vigoroso esforço para evitar falsas causas internas, negligencia de terminantes do comportamento humano que surgem de seu funcionamento cognitivo. O homem é um organismo que pensa e que possui capacidades que o provêm com algum poder de auto-direção. As pessoas podem representar influências externas simbolicamente e mais tarde usar tais representações para guiar suas ações. Esses processos mentais superiores permitem comportamentos compreensivos e perspicazes.

Na Teoria da Aprendizagem Social, "man is neither driven by inner forces nor buffeted helplessly by environmental influences" (4, pág. 43). Ao invés disso, o funcionamento psicológico é melhor entendido em termos de interações contínuas e re

cíprocas entre o comportamento e suas condições controladoras. O ambiente é só uma potencialidade, não uma propriedade fixa que inevitavelmente impinge sobre o indivíduo e ao qual seu comportamento eventualmente se adapta. O comportamento em parte cria o ambiente e o ambiente resultante, por sua vez, influencia o comportamento. Nesse processo causal de ida e retorno, o ambiente é influenciável tanto quanto o comportamento que ele controla o é. As pessoas então desempenham um papel ativo na construção de suas próprias contingências de reforçamento através de seus modos característicos de respostas.

1.2.2. Sistemas Reguladores do comportamento

Padrões de comportamento podem ser adquiridos através da experiência direta ou pela observação do comportamento de outros. Através do reforçamento diferencial, tipos bem sucedidos de comportamento são eventualmente selecionados de atividades exploratórias enquanto os inefetivos são descartados. Também a capacidade do homem de aprender por observação habilita-o a adquirir padrões complexos de comportamento assistindo ao desempenho de modelos que servem como exemplo. Obviamente a estrutura biológica estabelece limites nos tipos de respostas agressivas / que podem ser completadas com sucesso, e dotações genéticas influenciam a taxa na qual a aprendizagem progride.

Na Teoria da Aprendizagem Social, o funcionamento humano depende de três sistemas regulatórios. Analisaremos rapidamente esses sistemas considerando a importância do entendimento da teoria, na análise do comportamento agressivo sob esse enfoque. A agressão humana é, segundo Bandura, uma conduta aprendida, que como outras formas de comportamento social está sob controle de estímulos, sofre influências de retroalimentação de respostas (reforçamento) e também é controlada por processos cognitivos.

- o controle de estímulos

À medida que o indivíduo vai se desenvolvendo cronologicamente, estímulos do ambiente, que a princípio não tinham influência alguma sobre o comportamento, passam a ativar reações fisiológicas e comportamento emocional, através de associações

com eventos evocativos. A aprendizagem ocorre sempre com base na experiência direta. No entanto, respostas emocionais são frequentemente adquiridas através das experiências vicárias. Além disso, estímulos simbólicos e pensamentos provocadores também evocam respostas emocionais. O homem, pelas suas capacidades cognitivas é capaz de atribuir valores positivos e negativos a coisas, emparelhando-as repetidamente com emoções produzidas pelo pensamento. As mesmas ações podem produzir resultados marcadamente diferentes, dependendo de tempo, lugar e pessoas a quem são expressadas.

As ações dos outros são o meio mais efetivo de influência no comportamento das pessoas. As influências do modelo desempenham papel importante no contágio da agressão. No dia a dia as consequências prováveis de uma sequência de ação depende da presença de fatores temporais, sociais e situacionais. A força das circunstâncias ativadoras pode, às vezes, induzir um indivíduo a agir agressivamente sem prestar muita atenção às consequências subsequentes.

- o controle do reforçamento

Além da estimulação advinda da influência de outras pessoas e do ambiente, de modo geral, o ser humano tem seu comportamento, também sustentado e modificado por reforçadores, simbólicos ou materiais.

O reforçamento vicário, isto é, a observação de outras pessoas sendo reforçadas, aumenta a probabilidade de ocorrência de comportamento semelhante, assim como a observação de punição, diminui a chance de imitação de tal comportamento.

A um nível mais alto no funcionamento psicológico, o indivíduo regula seu próprio comportamento por auto-avaliação e por outras consequências auto-produzidas. Nesse processo, as pessoas estabelecem para si certos padrões de conduta e respondem a seu próprio comportamento por meios auto-satisfatórios ou auto-críticos de acordo com suas demandas auto-impostas. Assim, uma dada ação produz dois tipos de consequências: uma reação auto-avaliativa e algum resultado externo. Algumas vezes a pessoa é reforçada socialmente ou materialmente por comportamen-

tos que ele próprio desvaloriza ou o contrário pode ocorrer. O homem, no entanto, possui capacidades cognitivas para reconciliar esses conflitos aflitivos.

- controle cognitivo

A capacidade do homem de antecipar consequências de suas próximas ações regula em grande parte o seu comportamento. Essa capacidade (cognitiva) do homem auxilia-o na direção de seu próprio comportamento, determinando como suas experiências afetarão seu comportamento. As respostas que são condicionadas são em grande parte cognitivamente induzidas, mais do que eliciadas por estímulos externos.

Esses sistemas que regulam o comportamento não operam independentemente. São intimamente interdependentes em adquirir e reter seus poderes de determinar o comportamento.

Bandura coloca ainda a existência de um sistema auto-regulador do comportamento, pelas consequências auto-produzidas. Dessa forma, tanto os fatores externos influenciam o comportamento, quanto o estímulo auto-gerado e a consequência auto-produzida também influenciam o próprio comportamento.

Este sistema se refere a estruturas cognitivas que fornecem padrões de referência para julgar o comportamento. Haveriam então três subfunções principais nesse sistema: auto-observação (originalidade, autenticidade, etc.) processos de julgamento (normas sociais, valorização, modelos, etc.) e auto-resposta (avaliação, reforço, punição, etc.) (5, pág. 24).

Implicações diferenciais das teorias do drive e da Aprendizagem Social

Bandura estabelece pontos de acordo e de discordância entre sua teoria e as teorias do drive. Nessas últimas, a frustração desperta um drive agressivo que só pode ser reduzido através de alguma forma de agressão. Nesse caso, a frustração seria condição necessária e suficiente para o comportamento agressivo. Na Teoria da Aprendizagem Social, ao invés disso, o tratamento aversivo produz um estado geral de excitação emocional que

pode facilitar uma variedade de comportamentos, dependendo dos tipos de respostas que a pessoa aprende a copiar quando em tensão e suas relativas eficiências.

Nesse caso, a frustração não resulta invariavelmente em agressão, mas a pessoa pode aprender a reagir à frustração com comportamentos diversos, como resignação, fuga ou tentativa de solução da angústia por outros meios, conforme os modelos que assiste.

Há evidências experimentais de que as mesmas mudanças fisiológicas podem ser experienciadas subjetivamente como diferentes tipos de emoção e isso tem implicações para uma teoria da agressão. Primeiro, surge a questão da validade de se invocar um drive agressivo inato, das observações de que crianças manifestam transtorno emocional difuso a restrições físicas e estimulação dolorosa. Segundo, o modelo de estimulação geral prediz que sob condições nas quais os indivíduos estão aptos a agir agressivamente, qualquer fonte de despertar emocional pode produzir comportamento agressivo.

Existem, é claro, certas condições limitadoras para a facilitação emocional do comportamento agressivo. Algumas fontes de estimulação como experiências reforçadoras tendem a ser incompatíveis com ações hostis e podem também servir como inibidores, mais do que como instigadores de respostas agressivas. A estimulação não só tem a capacidade de facilitar quaisquer respostas dominantes num dado padrão, mas através de reforçamento seletivo, adquire valor informativo em determinar o tipo de comportamento que será ativado.

O papel da excitação emocional na agressão é maior quando a agressão é estudada como uma função de condições que produzem estimulação apenas dentro de um contexto permissivo.

Nas teorias do drive, o drive agressivo persiste até ser descarregado por algum meio de atividade agressiva. Pela perspectiva da teoria da aprendizagem social, a raiva despertada dissipa, mas pode ser repetidamente regenerada em ocasiões fu

turas, por incidentes que provoquem raiva.

Outra implicação da teoria da aprendizagem social que difere das teorias tradicionais é que frustração ou despertar da raiva é uma condição facilitadora mas não necessária para a agressão. A frustração provocará mais provavelmente a agressão nas pessoas que aprenderam a responder ao tratamento aversivo com atitudes agressivas.

1.2.3. Processos de aprendizagem da agressão

Bandura afirma que as pessoas não nascem com repertórios pré-formados de comportamento agressivo; elas precisam aprendê-lo. O autor, então, se propõe a examinar os processos pelos quais padrões agressivos de comportamento são aprendidos. Dentre os métodos usados para se descobrir leis do comportamento humano, Bandura defende a investigação experimental e justifica: "causal relationships can be established most reliably through experimental inquiry. Under laboratory conditions it is possible to hold constant a variety of influences while others are varied and their effects assessed" (4, pág. 62).

Na defesa deste método de investigação, Bandura salienta que o relativamente lento progresso em entender o comportamento humano pode ser atribuído à justificada limitação do uso dos poderosos métodos experimentais ao invés de se atribuir às complexidades do comportamento humano.

A teoria da aprendizagem social da agressão distingue entre aquisições de comportamentos que tem potencial destrutivo e fatores que determinam quando uma pessoa irá desempenhar o que aprendeu. Essa distinção se faz importante porque nem tudo que as pessoas aprendem é exibido em suas ações. As discrepâncias entre aprendizagem e desempenho são mais prováveis de surgir sob condições nas quais o comportamento adquirido tem limitado valor funcional ou tem alto risco de punição. A importância dessa distinção é ilustrada num estudo de como a agressão imitativa é afetada pela visão das consequências de respostas experimentadas pelo agressor.

Nesse estudo de Bandura (1965) crianças observavam um modelo filmado que se comportava numa estória de modo agressivo tanto física como verbalmente. Numa condição, o modelo era punido por emitir o comportamento agressivo; na segunda condição, o modelo era reforçado por suas ações e numa terceira condição, o comportamento do modelo não sofria nenhuma consequência. Comparadas às crianças que observaram o modelo agressivo punido, as que viram agressão ser reforçada ou sem consequências, espontaneamente desempenharam uma maior variedade de respostas agressivas. Além disso, os meninos representaram substancialmente mais do comportamento do modelo do que as meninas. Esse último resultado, analisado em outros experimentos, parece provar que essa diferença do sexo na aprendizagem observacional surge porque os observadores seletivamente atendem mais aos modelos do mesmo sexo.

Na Teoria da Aprendizagem Social, a aprendizagem do comportamento agressivo se dá através da observação e da aprendizagem direta. Analisaremos a seguir cada um desses processos.

1) A Aprendizagem pela observação

A influência do modelo tem três efeitos principais: 1º) o observador pode adquirir novos padrões de comportamentos através da observação; 2º) aumenta ou enfraquece inibições de comportamento que o observador tenha aprendido previamente e 3º) serve como um indutor que facilita comportamento similar no observador.

A aprendizagem pelo exemplo depende de quatro subprocessos interrelacionados, que são os processos de atenção, retenção, reprodução motora, reforçamento e motivacional.

Não basta que a criança tenha um modelo à sua frente para que seja influenciado por ele. É necessário que o comportamento observado tenha determinado valor funcional, para quem assiste que pode assim selecionar quais os comportamentos / que merecem sua atenção ou não.

A aprendizagem por observação não é um processo

passivo receptivo no qual as pessoas simplesmente absorvem uma vasta rede de modelos que encontram nas suas interações diárias. Bandura salienta que: "Modeling is a continuous process in which new behaviors are acquired and existing patterns to some extent modified by exposure to influences from diverse actual and symbolic models at all periods of life" (4, pág. 70).

Outro requisito envolvido na aprendizagem por observação é a retenção a longo prazo de atividades que tenham sido modeladas a qualquer tempo. Para reproduzir comportamento social quando o modelo não está mais presente, para servir de guia, os padrões de resposta devem estar representados na memória de forma simbólica.

Mesmo que o indivíduo observe e retenha na memória certos padrões de comportamento, ele só será capaz de desempenhá-los se possuir as habilidades específicas necessárias para reprodução do comportamento em questão.

O reforçamento também influencia a aprendizagem por observação determinando como as pessoas observarão os modelos que se lhes apresentam, com relação às consequências reforçadas ou punitivas da conduta deste modelo. Por essas razões, em qualquer instante, a falta do comportamento imitativo pode resultar de observação falha, perda de retenção devido a representação simbólica inadequada, deficiências motoras ou mera relutância em desempenhar o comportamento exemplificado por causa de suas consequências desfavoráveis.

Diversos experimentos foram conduzidos por Bandura com o objetivo de demonstrar a transmissão social da agressão. Muitos deles utilizaram a TV como fonte de influência social na modelagem do comportamento agressivo. Outros analisaram a noção de que quanto mais remotos os modelos eram da realidade, menor a tendência da criança para imitar seu comportamento. As conclusões gerais são de que o modelo agressivo não só fornece exemplos para aprendizagem, como também reduz as inibições das crianças contra o desempenho de atos agressivos que tenham aprendido anteriormente, mas que não foram modelados no próprio experimento.

Com referência a este aspecto, Feshbach e Singer (1971) colocam que a violência pela TV pode não ter efeito discernível em reduzir as tendências agressivas pela catarse ou aumentar a agressividade. Salientam que se a agressão é afetada, pode ser devido a: a) aprendizagem, b) estímulo generalizado de paixões ou c) redução de inibições. As variáveis que influenciam o efeito de assistir ato violento podem ser: a quantidade e qualidade de violência observada, o contexto, as qualidades pessoais do agressor. Se o ato é reforçado ou punido, o estado emocional do expectador, personalidade, idade, sexo... enfim, que as complexidades são tantas que não é possível serem colocadas em uns poucos experimentos "cruciais" (21, pág. 154).

Ainda relacionado ao aspecto catártico de atividades agressivas, Megargee (48, pág. 42) faz uma comparação das teorias etológicas e da aprendizagem e coloca que evidentemente existe uma grande distância entre essas duas teorias. Enquanto os etologistas recomendam atividade levemente agressiva para reduzir a instigação agressiva que consideram inata, os teóricos da aprendizagem social sustentam que essa atividade apenas acentuaria os hábitos e reduziria as inibições contra a agressão. Através de generalização de respostas, o comportamento levemente agressivo pode preparar caminho para formas mais extremas ou anti-sociais de agressão.

2) Aprendizagem pela prática

Na aprendizagem pela experiência, o comportamento é modelado em novos padrões por suas consequências. Durante o curso de experimentação de tentativa-e-erro, as respostas mal sucedidas são descartadas, enquanto as alternativas reforçadas / são progressivamente fortalecidas. As pessoas estão sempre se deparando com situações que exigem algum tipo de ação agressiva. Uma vez que responsividade pela força produz bons resultados, as consequências reforçadoras podem modelar comportamentos agressivos.

O comportamento agressivo pode ser também transmitido pela família do indivíduo.

Bandura demonstrou, através de pesquisas, que

os pais são grandemente responsáveis pelo comportamento agressivo dos filhos. Crianças que foram tratadas violentamente pelos pais, sempre se mostravam agressivas mais tarde. Muitos pais punem a agressão com agressão e assim, fortalecem nos filhos através do exemplo, exatamente o comportamento que pretendem eliminar.

Rodrigues (51) acrescenta que não haverá internalização de proibição dos pais se esses punem a agressão com agressão. Apenas a agressão infantil não se manifestará na presença dos pais, mas poderá ser mais intensa em situações onde a criança não corre o risco de ser punida pelos pais, podendo então aí imitar seus comportamentos agressivos.

Além da influência da família, as maiores taxas de comportamento agressivo são encontradas em ambientes onde os modelos agressivos abundam e onde a agressividade é considerada um atributo altamente valorizado. Nessas subculturas delinquentes a combinação de modelo agressivo prestigiado com reforçamento positivo para luta e outras manifestações de resistência criam a condição mais efetiva para o cultivo da agressividade.

Para mostrar a nítida influência do modelo e do reforçamento no desenvolvimento do comportamento agressivo, Bandura relata trabalhos etnográficos de sociedades guerreiras e pacíficas. Conclui ele que nas primeiras, o comportamento de luta é encorajado nas crianças que recebem mesmo um treinamento para aprenderem a ser guerreiras, enquanto que nas segundas o comportamento agressivo é desvalorizado e punido (pelos deuses). Bandura argumenta que os instintivistas sempre recorrem a características sociais inerentes ao homem, quando buscam as origens de diversas práticas culturais. Porém, acrescenta ele, a dotação biológica do homem apenas cria potencialidades para a agressão e não padrões de conduta pré-formadas (como pretende Lorenz). Apesar de não procurar explicar as origens de práticas culturais numa civilização, Bandura enfatiza que a manutenção e perpetuação dessas práticas se dá através de sanções.

Indivíduos educados em sociedades agressivas preferem atribuir a luta à composição biológica do homem e tem difi-

culdades em conceber pessoas vivendo pacificamente. Segundo Bandura, os cientistas que se desenvolvem nessas sociedades, que acreditam na instintividade da agressão e na necessidade de descargas periódicas do drive agressivo, ao estudarem sociedades pacíficas só as concebem como contendo elementos psico-patológicos, justificando assim suas teorias. Essa constatação, embora fácil, não seria válida para o autor, uma vez que os métodos empregados para essas análises não merecem sua confiança. Os costumes de reforçamento e hábitos das sociedades agressivas são raramente estudados por observadores de culturas pacíficas. Se eles conduzissem estudos antropológicos revelando que sociedade nas quais a agressividade é idealizada e cultivada, as pessoas periodicamente se humilham, se injuriam e se matam, concluiria o quanto a agressão é gerada pelos costumes sociais do homem. Da perspectiva da aprendizagem social, a natureza humana é caracterizada como uma vasta potencialidade que pode ser moldada por influências sociais numa variedade de formas.

Com relação à posição de Bandura quanto ao controle da agressão, Maple e Matheson (47, pág. 210) questionam se seria aconselhável e prudente eliminar a agressão totalmente do repertório comportamental e consideram essa questão de extrema importância para o cientista do comportamento humano: "The idea that human emotions could be controlled in some fashion is abhorrent to our society, even though emotion is likely to be at root of our problems with violence". E colocam ainda que nesse ponto nos defrontamos com decisões de valor, pois não é bastante simplesmente saber que sistemas funcionam, mas que precisamos ter o bom-senso de antever as consequências de nossas decisões.

1.3. Contribuições às Teorias Experimentais da Agressão.

Dentre os estudiosos experimentalistas do comportamento humano destacam-se Berkowitz e Feshback pela atenção especial que dedicam à análise da agressividade. Apesar de não terem formulado uma teoria específica da agressão, suas contribuições a esse assunto são significativas justificando a inclusão de suas formulações teóricas num estudo do fenômeno agressivo.

Berkowitz enfoca o problema da agressão num nível de análise interpessoal, isto é, dá ênfase às ações do indivíduo no meio social. Seu trabalho é baseado principalmente na teoria Frustração-Agressão elaborada pelo grupo de Yale. No entanto, Berkowitz ampliou os limites dessa teoria ao introduzir novos elementos na relação F-A, distanciando-se a partir daí dessa posição criticada por ele atualmente como restrita e simplista.

Feshbach se preocupa mais em definir os diferentes tipos de agressão, distinguindo-se dos colegas behavioristas na ênfase que atribui a esse aspecto da agressividade. Analisa o ato agressivo, estabelecendo diferenças no desempenho da agressão que restringem a amplitude do conceito como vem sendo usado classicamente.

Apresentaremos as formulações feitas por ambos sobre a agressão, destacando em um e em outro o que consideramos mais relevante para o entendimento da dinâmica da agressão.

1.3.1. A Posição de Berkowitz

Berkowitz (7) ampliou a relação F-A ao introduzir duas classes de variáveis: raiva e interpretação, que intervem entre a situação objetiva e as reações do indivíduo a essa situação. Difere entre agressão e violência (11) sendo que a violência seria um elevado grau na severidade da injúria infligida a alguém.

Frustração é definida como "any interference with some on going goal-directed activity" (7), que por sua vez produz raiva: A raiva é descrita como reação emocional cuja intensidade é função de certos aspectos da frustração. A raiva, um instigador para agressão, é primária, reação inata à frustração que, no entanto, pode ser modificada em função da aprendizagem. A forma mais provável dessa alteração pode ser cognitiva. A interpretação que o indivíduo dá à situação frustradora pode determinar como será sua reação comportamental ao evento. Se a situação frustradora é interpretada pelo indivíduo como arbitraria, então a reação emocional que surge é a raiva. Mesmo a agressão, uma res-

posta determinada, inata, para a raiva, pode ter sua forma de expressão afetada, se não inteiramente moldada, por experiências passadas. Se o indivíduo antecipa consequências nocivas para si, punição por exemplo, a reação à frustração pode ser o medo mais que a raiva.

1.3.1.1. Determinantes da Agressão

Enquanto para Dollard et al. há uma relação direta entre a força do impulso inicial bloqueado e a força da agressão resultante, para Berkowitz, as interferências na sequência S - R afetam a força da instigação para a agressão. Também, discordando dos autores citados, propõe que a expectativa da frustração diminui a força da instigação para a agressão, considerando que a antecipação da interferência com sua atividade pode levar o indivíduo a alterar suas ações e que frustração esperada pode ser julgada como menos severa.

Existem condições em que a resposta agressiva é inibida e outras situações em que a inibição contra a agressão é enfraquecida. A antecipação de punição é uma condição que inibe a manifestação de agressão despertando emoções de medo e ansiedade. Porém, a expectativa de punição apenas inibe, mas não elimina os comportamentos agressivos. A pessoa pode reprimir a manifestação da agressão na presença do punidor, porém esta pode aparecer em outras situações em que a antecipação da punição esteja ausente. Status social, relações de dominância-subordinados, poder econômico e principalmente os pais tem efeitos inibitórios na agressão, quanto à antecipação de punição. As atitudes do indivíduo com relação à agressão também são fatores importantes na inibição da agressão. Se a agressão é tida pela pessoa como moralmente errada, suas inibições contra atos agressivos serão fortes. Afirma Berkowitz: "The strenght of an individual's aggressive tendencies is directly associated with the intensity of the aggression anxiety subsequently aroused in him to the extent that he anticipates punishment or disapproval for aggression" (7, pág. 93).

O que acontece frequentemente com o in-

divíduo é a esquivada da situação frustradora e instigadora para agressão, considerando que o despertar de intensa hostilidade evoca forte ansiedade e se dá então a formação reativa como uma auto-defesa.

Com relação a esse processo, Janis e Katz advertem que no processo de socialização da criança nos países ocidentais, os atos agressivos são geralmente censurados e punidos. A repressão e "retenção" da agressão podem ocorrer se há falta de compreensão dos pais e mesmo da criança nesse processo, além de frustração contínua. Como resultado, o adulto sentirá a carga de uma forte hostilidade latente, que ficará em contínuo conflito com seus padrões de superego. Esses padrões são reforçados socialmente pelas normas do grupo que não admite atos pessoais de agressão. Daí, a autoridade externa do grupo e a autoridade representada no superego inibem a manifestação da agressão no indivíduo. Porém, se essa sociedade passa a facilitar a ação agressiva, através da guerra, por exemplo, então toda a agressão latente é externalizada nas formas mais bizarras de hostilidade (38, pág. 230).

No entanto, situações do indivíduo em grupo diminuem as inibições contra agressão por vários fatores. A aprovação dos membros de um grupo coeso para ataque contra pessoas de outro grupo (estímulo social) reduz o medo de ação retaliatória e é tido como socialmente correto pelo grupo. A permissividade situacional também enfraquece a inibição contra agressão. Em testes projetivos, crianças tidas como não-agressivas mostraram alto índice de agressividade, concordando com postulações anteriores de que a agressividade não é eliminada pela punição, mas apenas inibida internamente em situações sociais reais.

Com referência a influência social na manifestação do comportamento agressivo Maple e Matheson (47, pág. 61) argumentam que: "A quick temper must have an environment for its expression, and the cultural milieu in which it develops may or may not allow it to its full potential".

Segundo Berkowitz quanto mais fortes as

inclinações agressivas aparecem no indivíduo, mais forte é a ansiedade e/ou culpa resultantes de qualquer ato agressivo nessa situação. Se se definisse a agressão como socialmente apropriada em dadas situações, tal ansiedade poderia ser diminuída ou até mesmo eliminada nos indivíduos.

Se a agressão não pode ser dirigida ao frustrador por causa de sua ausência, suas tendências hostis se rão dirigidas contra pessoas que estão numa pequena "distância psicológica" (mais similares) ao instigador. Mas se o indivíduo frustrado não pode agredir o instigador por medo de punição (inibições internas) então o alvo de sua agressão será objeto de similaridade intermediária com o instigador (deslocamento).

A interferência com a agressão direta é uma frustração adicional que aumenta a instigação para outras formas indiretas de respostas agressivas que então tem maior pro ba bi li da de de ocorrência.

Berkowitz (8) propõe que a auto-agressão se dá quando o "eu" é percebido como a fonte da frustração, ou como resultado da inibição da hostilidade direta contra os outros, concordando aqui com Dollard et al.

Os processos cognitivos são importantes na determinação da interpretação que o indivíduo faz da situação frustradora, isto é, a forma como ele percebe essa situação pode determinar se haverá e como será o ataque à fonte frustradora.

Analisando reações de deslocamento em conflitos inter-grupais Berkowitz coloca que atitudes agressivas contra grupos particulares não são sempre necessariamente resultado de frustrações. O comportamento preconceituoso ou racial pode ser prescrito por normas culturais. Mas mesmo assim, características de personalidade do indivíduo podem contribuir para a intensidade relativa da hostilidade pessoal contra um ou tro grupo. A teoria de que o bode expiatório é agredido por ser um alvo seguro para ataque é contrariada aqui, já que como foi visto, o objeto alvo do ataque tem sempre algum grau de associa

ção com o frustrador.

Ainda na análise da agressão inter-grupal, as diferenças de opinião e competição podem incitar raiva por causa das frustrações que criam. Essas crenças opostas criam dissonância dentro do indivíduo, que são em si frustrações, eliciando então tendências agressivas. A hostilidade é um mecanismo para reduzir dissonância. O autor propõe que para diminuir o conflito intergrupar deve-se diminuir a ocorrência de frustração, eliminar ganhos de ataque a outros grupos e minimizar a percepção da diferença entre grupos.

Os meios de comunicação de massa tem uma importância relativa no desenvolvimento de comportamentos agressivos na criança e no adulto.

Pesquisas mostraram que crianças muito frustradas socialmente e/ou pelos pais assistem mais TV, quando comparadas a outras. Isso seria lógico, desde que, segundo o raciocínio do autor, essas crianças frustradas teriam fortes inclinações agressivas e gostariam da agressão fantasiada nos filmes e em revista. Criticando trabalhos de Bandura e Loovás, o autor coloca a questão do modelo agressivo na situação de fantasia servir como deixa, estimulando tendências hostis já existentes na criança. Como resultado disso, as crianças seriam prontamente instigadas à agressão aberta em ocasiões subsequentes. Mas, só uma pequena parcela da audiência é suscetível à influência agressiva. Na maioria dos expectadores a predisposição (condição) necessária para o despertar da agressão é fraca ou ausente. No processo de socialização da criança a longo prazo o papel dos meios de comunicação não é tão importante, mas podem modelar e despertar comportamentos específicos de violência sob certas condições ambientais.

O que a comunicação de massa faz propõe Berkowitz é modelar a natureza do comportamento que ocorre para satisfazer impulsos que estão operando no indivíduo. A violência em fantasia pode gratificar o expectador, mas isso não significa, contrariando a hipótese catártica, que as inclinações hostis en-

fraqueçam. Elas continuarão enquanto existirem as frustrações e problemas reais do indivíduo.

A probabilidade de que agressão em meios de comunicação evoque comportamentos hostis posteriores está em função da força dos hábitos agressivos da pessoa, da intensidade das tendências hostis, do grau de associação entre fantasia e realidade, do ambiente pos-fantasia e da intensidade da culpa ou ansiedade despertada pela comunicação violenta.

A proposta de Feshbach (21) quanto à influência da TV no comportamento agressivo é um tanto distinta e será vista oportunamente.

1.3.1.2. O desenvolvimento da personalidade agressiva

De acordo com Berkowitz (7) um indivíduo altamente agressivo tem uma disposição latente para emitir respostas hostis a estímulos relevantes que evocam agressão. Essa pessoa generaliza para muitas pessoas e objetos a capacidade de evocar em si comportamento hostil e tem hábitos firmes, aprendidos, de emitir respostas agressivas à deusas agressivas. Estados emocionais internos assim como hábitos agressivos apenas pre dispõem comportamento agressivo. É necessário que haja uma indicação para agressão, isto é, um estímulo associado com instigadores da raiva. Para Berkowitz, (7) a classe social é uma variável determinante do comportamento agressivo pois as frustrações são diferentes e o meio encara de modo diverso o comportamento agressivo. Na classe social baixa há mais privações econômicas e sociais gerando alta frustração (instigador para agressão) e há pequena repressão à expressão da agressão. Ainda aí o tipo de educação dos pais usando técnicas disciplinares menos efetivas como punição física também serve como instigador da agressão, pois como já vimos o índice de frustração no caso é aumentado. A punição inibe apenas periodicamente a agressão, enquanto que em fantasia a agressão é aumentada. Existem situações, entretanto, que dificultam o aparecimento da agressão. As pessoas com fortes necessidades de afiliação e dependência inibem grande parte de sua

agressão temendo perder a amizade ou confiança das outras pessoas.

Existem características que estão associadas a indivíduos com diferentes graus de agressividade. Berkowitz cita alguns autores que salientam a influência que características constitucionais podem ter no comportamento. Fatores genéticos (produção excessiva de norepinefina) ou tipo físico mesomorfo por exemplo, gerariam pessoas mais agressivas. O sexo seria outra variável considerada, categorizando o homem como mais agressivo do que a mulher. Com relação a idade, haveria uma predisposição para a agressividade que aumentaria com o passar do tempo, embora sua manifestação se tornasse menos direta.

O autor concorda em parte com esses teóricos, salientando, porém, que a aprendizagem é o fator mais importante quando se analisam essas diferenças entre personalidades agressivas. Acredita, entretanto, que fatores biológicos também são responsáveis por essas características.

Continuando sua análise sobre os fatores inatos ou aprendidos da agressão, Berkowitz (10) coloca que o homem tem uma capacidade inata para violência e pode aprender a ser agressivo, mas não há razão para crer que ele seja corrompido por natureza. Guerra e violência como tal não estão nos genes humanos. A agressão ocorre quando algum mecanismo fisiológico interno é estimulado. Entretanto, o mesmo mecanismo não está envolvido em qualquer tipo de agressão. Uma das muitas coisas erradas com a noção tradicional do instinto agressivo é a suposição aparente de que toda luta deriva de uma fonte única. Há na realidade diferentes tipos de agressão, que são governadas por processos diferentes, embora se sobrepondo. Não há um centro específico de agressão no cérebro. Deve-se notar que quando mecanismos particulares no cérebro são ativados, especialmente aqueles nas regiões mais "primitivas", envoltas na base do cérebro (o sistema límbico), pode resultar comportamento agressivo. Todo indivíduo tem a capacidade neural para violência, mas os centros apropriados devem ser colocados em operação se o comportamento vai ocorrer.

Os processos psicológicos se apoiam obviamente num fundamento biológico. Mas, fatores que surgem do mundo externo, principalmente dor, frustração e aprendizagem devem ser considerados na análise do comportamento agressivo. A agressão seria uma resposta não-aprendida à dor, uma reação reflexa. Mas que não ocorre necessariamente. Parece que a dor cria mais uma prontidão para agressão do que um drive forte para violência. Os aspectos de ataques impulsivos e intencionais aparecem em paralelo, mas são algo independente. As intenções podem existir independentemente das ações. O ambiente externo desempenha papel importante no comportamento agressivo impulsivo. Certos reforçadores mantêm o comportamento, como aprovação e atenção.

Também deve ser considerada numa análise da personalidade agressiva a força do ego e controles internos. O ego fraco tem baixa tolerância à frustração, baixa resistência à tentação e inabilidade para lidar com insegurança, ansiedade e medo. Há uma intensa responsividade à estímulos que despertam a agressão e o controle do ego é fraco, demandando satisfação imediata. Nesse caso, a auto-estima é baixa gerando maior agressividade.

No desenvolvimento da personalidade agressiva devem ser levados em conta: frustrações frequentes, necessidade de afeto e cuidados maternos, rejeição, negligência e desarmonia entre os pais; interpretação de eventos como frustradores; aprendizagem de respostas agressivas à dicas agressivas e o modelo agressivo dos pais para a criança que assume seus papéis e normas. Quanto maior a identificação, mais forte a influência do modelo na criança.

O delinquente tem uma personalidade agressiva em que a frustração é uma parte importante na gênese da atividade criminosa. Esses indivíduos tem uma urgência incontrolável para o ataque, são grandemente influenciados por outros que aprovam o comportamento agressivo e tiveram enorme necessidade de dependência frustrada pelos pais quando crianças. Berkowitz separa dois tipos de criminosos: os "não-socializados" ou "individuais", que estão sujeitos a fortes ou incontroláveis reações

emocionais e não estão dependendo de outros. Supostamente tiveram extrema rejeição dos pais, produzindo ansiedade quanto às suas necessidades de dependência, quebrando assim a capacidade da criança de manter laços pessoais próximos com outras pessoas; e os criminosos "socializados" que são fortemente influenciados por subcultura criminal. Embora frustrados por pais ou outros agentes de classe-média conseguem desenvolver amizades com suas turmas de idade, se juntando a grupos delinquentes, assumindo seus valores.

A personalidade do delinquente é composta em grande parte de traços que o fazem sensitivo a classes particulares de estímulos. Associam então grande parte desses estímulos com situações facilitadoras de ambiente a que também são sensíveis e agem em resposta a essas associações.

É evidente que o ambiente age de modo flagrante nesses indivíduos. Os problemas culturais, econômicos, de status, família, grupo social e associações a que pertencem / tem enorme influência na aprendizagem do comportamento agressivo, através das frustrações, rejeição punição e valores impostos. Dessa forma, as ações agressivas anti-sociais não ocorrem necessariamente em todas as situações. Essa disposição latente para a resposta agressiva precisa de deixas situacionais para serem ativadas e essas deixas relevantes podem não estar presente em determinada situação.

O suicida, geralmente, tem fortes inibições contra comportamento desaprovado socialmente. Por um número de razões eles podem se acusar de alguma frustração séria sofrida. Geralmente, o suicídio é uma punição que o indivíduo inflige a si próprio por tal intensa auto-acusação. No entanto, pode ser também para punir outra pessoa considerada como frustradora e Berkowitz lembra os teóricos psicanalistas que consideram o suicídio como resultado da inibição da agressão para o exterior do próprio indivíduo.

Muitos assassinos não tem a intenção de matar quando inicialmente atacam suas vítimas. Berkowitz (10) ana

lisa algumas condições que influenciam as reações impulsivas no comportamento explosivo das pessoas.

A agressão instrumental, como a define Feshbach (19, pág. 258) é a "ação intencional que injuria outros mas que é dirigida para a obtenção de objetivos não-agressivos" 'cuja intenção primária não é de causar dano'. No entanto, na maioria das vezes, o que o assassino quer no momento do ataque é ferir sua vítima. Na terminologia de Feshbach isso seria chamado de agressão hostil e seria controlada primariamente pelas antecipações das conseqüências da ação injuriosa. Parte do comportamento criminoso é involuntário. Os indivíduos são levados pelo ambiente a certos atos. Essas reações relativamente involuntárias e rápidas são denominadas por Berkowitz 'agressão impulsiva', o que para Feshbach seria 'agressão expressiva'.

Em muitas situações a ação singular tem componentes instrumental e impulsivo atuando juntos. Em situações de laboratório e da vida real, o indivíduo pode agir agressivamente pelos reforços que pode obter dessa ação e também pelo próprio impulso.

Esses aspectos impulsivos da agressão são evocados por estímulos internos e externos. Os estímulos externos eliciam as respostas que estão mais fortemente associadas com eles. A excitação interna facilita o processo. De acordo com Hull e Spence, o autor coloca que a excitação energiza as reações habituais do indivíduo para o estímulo ambiental.

Berkowitz (10) demonstrou que a simples presença de uma arma aumenta a punição que o homem com raiva administra a quem o molesta. Isso também depende do significado da arma para o indivíduo. Se ele pensa na arma como um objeto perigoso ou terrível, isso evocará nele ansiedade mais forte que a agressão. As respostas agressivas evocadas podem ser facilmente mascaradas por inibições induzidas situacionalmente. Meios de comunicação podem aumentar a chance de que o indivíduo agrida abertamente, como já foi colocado.

Um objeto externo, mesmo uma pessoa ou

evento pode funcionar como estímulo capaz de evocar reações agressivas impulsivas, na medida que é associado com agressão ou reforçamento da agressão. O objeto ou evento funciona como um estímulo discriminativo, eliciando a reação mais ou mesmo automaticamente.

A dor ou revolta da vítima podem funcionar como recompensa. Para Bandura o alívio do tratamento aversivo de um opressor injuriado mais do que seu sofrimento pode ser a fonte primária de satisfação. Sinais de sofrimento geralmente inibem a agressão. Para Berkowitz o indivíduo quer que seu molestatador sofra a um grau apropriado. As pessoas diferem em como reagem à crença de que feriram alguém, dependendo de suas noções de justiça, ansiedade de agressão, etc.

Sinais de que alguém, que não o próprio molestatador está sofrendo a um certo grau pode ser reforçador, se a pessoa está disposta a agredir no momento. Qualquer que seja a natureza exata do reforçamento, estímulos que estejam conectados com ele adquirem a habilidade de eliciar componentes do comportamento que levou ao reforçamento; podem evocar reações agressivas. Outras associações podem também influenciar agressão impulsiva. Eventos aversivos podem funcionar como estímulos incondicionados para agressão. Reações reflexivas podem afetar comportamento socialmente significante. Estímulos neutros que sejam associados / com reforçamento para agressão, podem, através de condicionamento, aumentar a agressão instrumental, produzindo reações agressivas suplementares.

1.3.2. As Contribuições de Feshbach

1.3.2.1. Os diferentes tipos de Agressão

Feshbach (1964) analisa o ato agressivo estabelecendo diferenças no desempenho da agressão que restringem a amplitude do conceito como vem sendo usado classicamente por outros autores.

O termo "agressão" em Feshbach (19) se refere aos atos agressivos que são intencionais, ou pelo menos

distinguidos de agressão não intencional e motivada.

A agressão inintencional é definida como um ato que, embora resulte em injúria, não é contingente a suas consequências injuriosas. Os atos agressivos intencionais / não são todos funcionalmente equivalentes. Há uma distinção entre "agressão instrumental", que é dirigida para obtenção de objetivos não-agressivos, e "agressão hostil" ou drives agressivo" para o qual a resposta objetivo é injúria a algum objeto.

A "agressão hostil" é motivada por um desejo de resultado nocivo enquanto o termo "agressão instrumental" deve ser restringido para descrever comportamentos que produzem injúria que são motivados por um desejo de algum resultado outro que não a injúria do objeto. Tais resultados podem incluir reforçamento de motivos, variando de obtenção de atenção a auto-preservação.

Feshbach (19) salienta que há uma tendência crescente, entre os teóricos que estudam a agressão, de acentuar a agressão instrumental e não fazer caso ou relegar à importância secundária o conceito de drive agressivo. As consequências nocivas de um ato agressivo são vistas como um dentro de um grande número de reforçadores possíveis e a análise da agressão presumivelmente precisa concentrar-se só nas condições de estímulos reforçadores e os estímulos discriminativos que eliciam a resposta. Citando Bandura e Buss como exemplo, o autor discorda dessa abordagem pois ela falha em fazer justiça às implicações culturais de um ato agressivo e particularmente às suas propriedades interpessoais.

Os resultados que surgem da injúria da agressão instrumental devem ser considerados quando se observam as variáveis que influenciam o comportamento do agressor.

A criança no seu desenvolvimento precoce precisa aprender a distinguir entre frustração e injúria intencionais e não intencionais. A regulação desse complicado repertório de comportamento é feita através de uma variedade de reforços e punições que os pais podem às vezes administrar inadverti-

damente, e indiretamente, através de identificação ou imitação dos pais e outros modelos.

A consequência nociva de um ato agressivo pode exercer ainda outro tipo de influência no uso da agressão instrumental. As crianças demonstram reações afetivas similares às evocadas em alguém a quem estejam assistindo. Por exemplo, uma criança pode ficar ansiosa simplesmente observando um ato de agressão dirigido a outra criança. A primeira criança responde vicariamente às experiências da segunda.

Com relação à influência da família no comportamento agressivo da criança, Megargee (48, pág. 73) considera que três elementos principais do ambiente de uma criança influem em seu nível posterior de comportamento agressivo. 1) a relação emocional da criança com os pais. 2) os controles dos pais sobre a criança. 3) o ambiente difuso da família com relação a valores, normas, etc.

Feshbach concorda com a posição psicanalista de que muito do comportamento humano parece sobredeterminado. O menino que bate no irmão menor para obter a atenção da mãe, pode tanto obter uma pequena satisfação do desconforto do irmão como também a gratificação da presença e interesse da mãe.

Feschbah analisa o construto "instigação" na teoria "frustração-agressão" de Dollard et al (1939), partindo da formulação original de conceituar instigação num senso geral para se referir às condições antecedentes relativas à resposta agressiva, onde o uso do termo "resposta objetivo" sugere uma correspondência entre a noção de drive e "instigação". Além disso, a extensão na qual a aprendizagem entra na relação frustração-agressão é deixada ambígua. Para essa consideração, o autor considera útil distinguir entre a resposta de cólera ou raiva e a imposição de injúria motivada. Cita que os teóricos anteriores colocam a raiva como sendo uma resposta instintiva a certos tipos de restrição e desconforto, enquanto o desejo de ferir alguém nesse processo, não é tão claramente instintivo. Essa distinção é considerada essencial, para o autor, na análise da dinâmica da raiva e agressão.

Todas as emoções tem componentes expressivos e a maioria das emoções parecem ter um componente diretivo. No caso da raiva na criança, o componente expressivo inclui mudanças na aparência facial, a emissão de sons altos e agitação vigorosa dos membros. Esse padrão de comportamento é tido como uma resposta inata na criança à frustração. A medida que ela adquire maior controle motor e sensibilidade perceptiva, esses movimen - tos externos se tornam menos difusos e mais especificamente dirigidos à fonte percebida da frustração. Esses atos agressivos te - rão valor instrumental em certas ocasiões em remover o agente frustrador e à medida que o comportamento for reforçado a conexão inata entre frustração e reação da raiva será fortalecida.

A relativa negligência do componente expressivo da raiva em comparação com seus aspectos destrutivos é compreensível em vista da prevalecência de hostilidade nas relações humanas. Para Darwin (1873), citado por Feshbach (19), a expressão emocional é um transbordamento de energia. A atividade motora excitada do animal raivoso serve como um meio de regulação de tensão e descarga. Existem pontos de similaridade entre este princípio de Darwin e o princípio do prazer de Freud. No entanto, uma mudança foi introduzida no caráter do impulso instintivo como Freud o concebeu. Na medida em que é significativo falar de descarga e liberação de um impulso agressivo instintivo, o índice de liberação é expressão afetiva (agressão expressiva) e não injúria a algum objeto ou indivíduo. (drive agressivo).

Como parte do processo de socialização, a criança aprende a inibir expressões afetivas da mesma forma como lhe é ensinado inibir comportamento destrutivo. Conhecimen - to, treino e comunicação verbal de sentimentos tomam o lugar das expressões motoras da tensão emocional.

Em se rejeitando a noção do impulso destrutivo ser inato, tanto no senso freudiano de um drive instinti vo ou como uma reação não-aprendida à frustração, o problema surge da justificativa de suas origens. O autor se mostra particu - larmente interessado na evocação do impulso hostil como uma rea - ção à frustração e ameaça, reconhecendo que há outras fontes de

drive agressivo, como a gratificação do impulso erótico, que a teoria psicanalítica sugere ser o maior elemento do sadismo. Feshbach lembra que Sears e seus colaboradores (1958) justificam o comportamento agressivo mediado por um drive agressivo adquirido, que é independente da frustração, adquirido num processo de reforçamento secundário. Nesse ponto, interessa a Feshbach a descrição da simples situação na qual um organismo injuriado encontra satisfação em inflingir dor sobre a fonte da frustração.

Observações feitas por diversos pesquisadores do comportamento animal demonstram que o comportamento agressivo é quase sempre instrumental para alcance de objetivos não-agressivos. Os animais não atacam ordinariamente ou matam outros animais para provocar dor, apesar da frequência de agressão instrumental bem-sucedida, associada com algumas espécies e com alguns organismos dominantes dentro de uma espécie. A derivação de satisfação de provocar dor e sofrimento nos outros é um fenômeno peculiarmente humano, sugerindo ao autor olhar-se para os fatores que são unicamente humanos como fonte de seu modo de satisfação.

Um desses fatores é a habilidade da criança em retaliar e compreender os eventos contingentes no seu ambiente. Quando a criança é punida pela expressão da agressão, ela aprende a associar o inflingir dor e percepção de dor nos outros (produzidos por sua própria agressão) com a experiência de dor nele próprio. Essa correlação é tal que quanto maior a quantidade de dor provocada nos outros, maior o grau de punição recebida. Mais do que medo é adquirido quando a criança é punida. Ela também observa e imita o comportamento do agente punitivo. Por um processo de modelagem, ela aprende uma norma ou lei que estabelece que inflingir dor é a resposta feita para a experiência de dor. Ela aprende a aplicar essa lei a certas classes de "causar dor" que são categorizadas como "intencional" e "desleal". E também aprende o comportamento retaliativo, que é apropriado em certas circunstâncias sociais. A raiva evocada em tais situações serve para exagerar a força da resposta dessas tendências retaliatórias primitivas. Finalmente, a resposta afetiva de raiva pode se tornar parte do complexo de estímulos que iniciam a motivação pa

ra inflingir injúria.

A motivação para injuriar outros - ou "drive agressivo" - que pode ser influenciada pela raiva, é de acordo com essa análise, uma motivação adquirida baseada na internalização de um padrão que a criança adquire pela exposição a valores particulares culturais e de suas próprias experiências concretas. A hipótese de que as crianças adquirem o drive agressivo através do exemplo e do percepto pode ser considerada para tendências vingativas mas só parcialmente explica a "satisfação" derivada da percepção de dor no agressor. As propriedades reforçadores dessa percepção pode também surgir de seu status e implicações de poder.

Johnson (39, pág. 213) adverte que o desejo de injuriar quando a injúria sozinha é o objetivo pode ser um exemplo do drive agressivo, envolvendo comportamento afetivo ou expressivo. Lembra ainda que Freud considerava toda agressão como sendo desse tipo de motivação destrutiva, mas, continua Johnson, muita agressão é apenas instrumental para algum outro objetivo não-agressivo e não um fim em si mesma. Na agressão expressiva a ênfase é dada ao ato (hit) e na agressão hostil ao fim (hurt). O drive e os componentes do hábito não estão separados para Johnson. Muitas respostas agressivas são uma combinação de componentes expressivos, hostis e instrumentais.

A distinção feita entre agressão instrumental e agressão intencional se mostra indistinta quando a hostilidade é eliciada por uma ameaça a auto-estima. No ser humano, na maioria das ocasiões a hostilidade cai nessa categoria, considerada por muitos autores como fonte primária da agressão. Há uma relação entre ameaça a auto-estima e satisfação da provocação de injúria em conjunto com a aquisição de normas de punição-vingança. Essa relação é proposta por Feshbach como fonte primária com propriedade de reforçamento da percepção de dor nos outros. Afirma ele: "Violations to self-esteem through insult, humiliation, or coercion are powerful elicitors of hostility, probably the most important source of anger and aggressive drive in humans" (20, pág. 285).

1.3.2.2. Dinâmica da Agressão

Ao discutir a dinâmica e moralidade da agressão, uma consideração interessante é feita por Feshbach (20) quando coloca em pauta o aspecto moral da agressão. A avaliação moral deve ser levada em conta ao se julgar um ato agressivo, con- corda ele com Bandura (4). Afirma Feshbach que se surrar física- mente uma criança é avaliado como "certo" ou "errado" ou "bom" ou "mau" depende de crenças concernentes aos efeitos da surra na saúde mental subsequente da criança e seu ajustamento social. Is- to é, se os pais acreditam que a criança castigada fisicamente se tornará um adulto responsável e ajustado, então bater na criança terá um valor moral positivo. No entanto, salienta o autor que na socialização da criança existem situações em que a punição vio- lenta tem a consequência desastrosa de apressar o comportamento que pretendia inibir.

Quanto à dinâmica da agressão, Feshbach se mantém na posição anterior, ressaltando porém: "Intentional or motivated aggression does not imply that the individual is aware of or is consciously directing his aggressive behavior, only that the aggressive component of his behavior is an essential part of his function (20, pág. 283). Salienta ainda que há ocasiões em que fica difícil distinguir qual tipo de agressão está sendo ma- nifesta pelo indivíduo, ou mesmo que os dois tipos, instrumental e de drive, estão presentes.

Feshbach discute ainda a posição de Freud, que segundo ele assume que a agressão é um drive e que é instin- tiva. Entretanto, o conceito de drive agressivo não pressupõe pa- ra Feshbach, uma teoria do instinto, ou mesmo uma teoria do ins- tinto modificada, tal como a hipótese Frustração-Agressão. O con- ceito de uma reação agressiva instintiva está para Feshbach um tanto distante da noção de comportamento agressivo mediado por drive, cujo objetivo é inflingir injúria.

A raiva, que está intimamente associada com o drive agressivo, pode existir independente deste e é no processo de socialização que a criança aprende a inibir sua ex- pressão. O adulto pode obter prazer na injúria a outros sem sen-

tir raiva ou pode estar com raiva sem, no entanto, desejar ferir o agente provocador. Padrões culturais e processos psicológicos se adicionam na satisfação que o homem sente ao causar injúria a outros.

Feshbach estabelece distinções entre a agressão instrumental, reações agressivas inatas, agressão expressiva e drive agressivo. Propõe ainda que o conceito de agressão instintiva pode se aplicar a reações agressivas inatas e à agressão expressiva, mas não ao drive agressivo. Defende a hipótese de que o drive agressivo, não sendo instintivo, tem sua origem no emparelhamento de "causar injúria" com a "contra-agressão". Explica ele: "The 'lex talionis' becomes the basis, as it were, for the interlization of aggressive drive" (20, pág. 285). Este emparelhamento é reforçado por normas culturais que estabelecem que a retaliação é a resposta apropriada para um sujeito injuriado.

Feshbach considera que os fatores críticos não são o ato retaliatório ou a destruição do agente humilhante por alguém, mas sim o poder de represália e a expressão de raiva dessa pessoa. Argumenta o autor que existem pesquisas clínicas que mostram ser insustentável a tese de que a violência é um pré-requisito para a cura emocional dos homens que tenham sido submetidos à violência constante. A agressão, seja de que tipo for é evocada por estímulos. Aqui Feshbach concorda com Bandura e Berkowitz, ao afirmar que "when these cues are not present or are sharply modified, aggression is not elicited and, in a very meaningful sense, has been reduced" (20, pág. 288).

Capítulo II

TEORIAS INSTINTIVISTA DA AGRESSÃO

"Nature theories encompasses those ideas which reject culture or learning as factors in the development of an aggressive drive... aggressive behavior is inborn rather than acquired" (Maple).

2.1. Introdução - O termo "instinto"

Antes de iniciarmos uma análise da agressão nas teorias instintivistas, é necessário que aclaremos o conceito do termo "instinto" nas teorias etológica e psicanalítica, para que se possa entender mais claramente o contexto a que se referem.

2.1.1. Instinto na etologia

Lorenz considera o termo "instinto" como "mecanismos inatos do comportamento". Acrescenta ele: "Um comportamento de função uniforme, como a alimentação ou a reprodução é sempre o resultado de todo um complicado jogo de interações entre numerosas causas de origem fisiológica" (46, pág. 100) ⁽¹⁾. Isto é, qualquer função do organismo não é nunca o efeito de uma única causa ou pulsão e necessita sempre de uma explicação causal e não finalista. Lorenz critica os autores que consideram o instinto como finalista, que ao demonstrarem o significado de uma função qualquer acreditam estar resolvendo ao mesmo tempo o problema de sua causa.

O autor postula ainda um mecanismo de instintos que denomina "assembléia de instintos". Nessa assembléia, haveria um grupo dos "grandes instintos": alimentação, reprodução, fuga e agressão. E os movimentos instintivos cotidianos, "ajudantes" dos "grandes instintos" são denominados "atividades-utensílios".

Cada movimento instintivo, ou "coordenação here

(1) o grifo é nosso.

ditária", é um elemento independente do conjunto, tem sua espontaneidade própria. No entanto, na grande "assembléia" existe um sem número de interações possíveis entre duas ou mais pulsões.

Uma pulsão também pode ser estimulada: "Um ato instintivo é reação na medida em que há lugar para a instigação de um estímulo exterior ou de uma outra pulsão. Só na ausência de tais estímulos ele revela a sua espontaneidade própria" (46, pág. 103). Esse caráter de espontaneidade do instinto revela sua impossibilidade de ser dominado pela razão.

Lorenz não define propriamente o termo "pulsão", porém usa-o no mesmo sentido do termo "instinto", que define vagamente. Apesar disso, o que parece claro é sua base fisiológica e filogenética, existente em todos os indivíduos de uma mesma espécie de forma rígida e uniforme.

2.1.2. Instinto na psicanálise

Na obra de Freud, o termo "instinto" gerou discussões e análises, pela ambiguidade surgida na tradução de seus trabalhos do alemão para o inglês e posteriormente para o português. Os termos "Instinkt" e "Trieb" foram usados por Freud em seus trabalhos, porém ambos foram traduzidos como "instinto" tanto na edição inglesa de suas obras como na edição brasileira. É importante que se faça essa distinção, pois os significados dos termos originais são bastante distintos para o autor.

Como afirma Nagera (50), "Instinkts" são formações mentais herdadas". Acrescenta Laplanche que "Instinkt" refere-se a um "esquema de comportamento herdado, próprio de uma espécie animal, que pouco varia de um indivíduo para outro, que se desenrola segundo uma sequência temporal pouco susceptível de alterações e que parece corresponder a uma finalidade" (43). "Instinktiv" é o comportamento fixado por hereditariedade, característico da espécie, aparecendo então de forma quase idêntica nos indivíduos que a compõem" (43, pág. 507). O termo foi usado por Freud em poucas de suas obras para comparar fenômenos humanos e animais, sugerindo uma referência ao reconhecimento herdado de situações externas ao próprio indivíduo e tendo como fim mais a

auto-conservação do próprio indivíduo.

Já o termo "Trieb" é definido por Laplanche como "força impulsionante relativamente indeterminada quanto ao comportamento que induz e quanto ao objeto que fornece a satisfação" (43). Freud postula: "Trieb é um conceito fronteiro entre o mental e o físico" e "a fonte de um instinto (Trieb) é um processo de excitação que se produz em um órgão" (24), com o "fim imediato de... suprimir este estímulo orgânico" (idem). Este instinto busca uma descarga ou satisfação contínua.

Freud concebeu o "Trieb" como um processo, baseado no arco reflexo e que seria constituído por: fonte, pressão, objeto e finalidade. Seria um processo iniciado no organismo (soma), "a partir de um limiar de excitação, uma força com ação contínua, capaz de suprir com energia o aparelho psíquico, estabelecendo tensões, tendo por alvo a satisfação das necessidades, ou seja, a remoção do estado de estimulação somática, o que vai ser tentado através da procura do objeto adequado e das descargas correspondentes" (3, pág. 15).

Quanto às concepções de Lorenz e Freud acerca da agressão, Johnson argumenta que Freud concebeu a agressão como uma necessidade destrutiva, enquanto Lorenz a viu como um instinto adaptativo (39, pág. 212).

Montagu considera as definições de instinto como assumindo uma mesma idéia: determinantes inatos de algum tipo que quando afetados por um estímulo particular conclamam à ação certos mecanismos neurais, glandulares e musculares que aparecem em padrões particulares de comportamento ou mesmo estados psicológicos (49). Convém lembrar, entretanto, que tanto Lorenz quanto Freud admitem a possibilidade de uma manifestação espontânea dos instintos, na ausência de estimulação externa.

Ao compararmos essas duas concepções de instinto, parece-nos que o que Lorenz define como "instinto" estaria ligado à concepção de "Instinkt" formulada por Freud, descrita há pouco. Os padrões de comportamento descritos por Lorenz como instinto, que aparecem em forma estereotipada e rígida na maioria

dos membros de qualquer espécie, coincidem com a definição de Instinkt formulada por Freud e descrita por Laplanche. Isto nos sugere que estes dois teóricos, Lorenz e Freud, não estão se referindo ao mesmo processo, quando falam do fenômeno agressivo, pois Freud não se refere a "Instinkt" quando analisa a agressão como instinto derivado do "Instinto de Morte".

2.2. A teoria etológica

Konrad Lorenz (46), famoso etologista, dedicou importância especial à agressão em seu livro "A Agressão - Uma história natural do mal", que reúne trabalhos por ele desenvolvidos, especificamente nesta área. Seus estudos de fisiologia e psicologia comparada levaram-no a certas proposições sobre o comportamento agressivo no homem, que merecem ser colocadas numa análise geral da origem da agressão.

Lorenz se define como "darwinista" e todo seu trabalho se desenvolve com base na teoria evolucionista das espécies. O método de observação direta, isto é, observação do comportamento no ambiente natural do indivíduo, é o método por excelência utilizado por ele. Citando um exemplo, conseguiu ele concluir que as cores vistosas de determinadas espécies de peixe têm função específica para delimitação de território e atração sexual, seja no aquário ou mar aberto. Além disso, os peixes são muito mais agressivos em relação a seus próprios congêneres do que relativamente a qualquer outra espécie de peixes.

O "porquê" é para Lorenz a pergunta que o cientista deve fazer ao investigar fenômenos. Neste caso, caberia então o "porquê" dos seres vivos viverem em luta uns com os outros. Qual a função do comportamento agressivo no interesse da espécie? Que processo de seleção natural pode dar-lhe origem? O autor se propõe a responder essas indagações e justificá-las.

Outro autor que se propõe a analisar a agressão dentro da mesma linha, é Anthony Storr, psicanalista inglês, discípulo de Lorenz, que baseou seu trabalho nos preceitos de seu mestre, valendo-se da etologia e da fisiologia. Seu livro "A Agressão Humana" analisa o comportamento agressivo e suas finalidades den-

tro da evolução das espécies. Analisaremos a seguir as propostas de ambos, iniciando pelos estudos de Lorenz.

2.2.1. Função da agressão como um instinto

Lorenz coloca a conservação da espécie como uma primeira função da agressão. Essa função é mais nitidamente observada nos combates entre espécies diferentes do que nos combates intra-espécies, pois sempre se estabelece um estado de equilíbrio entre predador e presa, considerados enquanto espécie. O concorrente ameaça muito mais a existência de uma espécie, mas mesmo assim o equilíbrio ecológico permite que as espécies concorrentes sobrevivam. A agressão intra-espécie também tem função de conservação da espécie, exercendo "pressão de seleção". O autor cita Darwin que coloca que é sempre vantajoso para o futuro da espécie que, de dois rivais, o mais forte conquiste o território ou a fêmea desejada. Outra colocação é de que os indivíduos dividem-se uniformemente pelo território disponível onde os recursos alimentares são suficientes para todos que desempenham funções diferentes nessa "comunidade". Então, citando o exemplo de um recife de corais, o autor coloca que diferentes espécies de peixes vivem ali. No entanto, só poucos representantes de cada espécie podem ali habitar, já que cada um desses peixes tem interesse em não ver nenhum outro peixe da mesma espécie estabelecer-se no seu pequeno domínio e concorrer com ele para o mesmo alimento disponível.

Outra função da agressão intra-específica é da demarcação territorial. O mecanismo de luta territorial resolve quase de forma ideal o problema de se repartir, num território restrito, animais semelhantes de modo que a totalidade da espécie se aproveite disso. Assim, até o mais fraco pode, mesmo num espaço modesto, viver e procriar.

Mas os combates entre rivais ainda tem a função de favorecer a seleção natural, isto é, a seleção dos melhores e mais fortes. Além da defesa territorial, a defesa da família produz a luta entre rivais, que por sua vez produz os machos guerreiros. O homem, mais do que as outras espécies, en-

contra-se exposto aos efeitos nefastos da seleção intra-específica, pois torna-se senhor de todos os poderes hostis do meio extra-específico. O comportamento agressivo, devido a seus efeitos nefastos, mais do que outras propriedades e funções, pode ser exagerado até se tornar grotesco e falhar no seu objetivo. Assim que a humanidade atingiu um estágio da evolução em que conseguiu dominar os perigos e ameaças do exterior, começou uma seleção intra-específica prejudicial. O fator seletivo passou a ser a guerra entre as hordas vizinhas de homens inimigos. A defesa dos filhos é outra função da agressão inter-específica. A hierarquia social evita que os membros da sociedade se batam entre si, colocando em seus devidos lugares os mais fortes e os mais fracos, como meio de preservação da espécie.

Em síntese, a agressão intra-específica é uma parte essencial da organização dos instintos em vista da proteção da vida. Lorenz a considera essencial à sua conservação.

O instinto da agressão é herdado dos antepassados antropóides e não pode ser dominado pela razão. É a espontaneidade desse instinto que o torna tão terrível.

O sistema nervoso central pode responder a estímulos ambientais, mas também pode produzir por si próprio os estímulos. O limiar dos estímulos que provocam um comportamento instintivo pode ser aumentado ou reduzido, sendo que quando a diminuição se aproxima de zero, o movimento instintivo em questão pode iniciar-se sem ter havido qualquer estímulo exterior.

O comportamento instintivo não pode ser recalçado por tempo prolongado, pois pode resultar um organismo mais pronto a reagir e provocar transformações mais profundas que o afetam no seu conjunto. Esse recalçamento se torna tanto mais perigoso quanto mais intimamente os membros do grupo se conhecem, quanto mais próximos estão uns dos outros.

Com relação à espontaneidade do comportamento agressivo, Berkowitz discorda dessa posição e crê que estímulos / ambientais é que provocam essa descarga do drive (8, pág. 47). Scott (1967) concorda com Berkowitz nessa crítica e considera di

fícil de se imaginar como tal mecanismo de espontaneidade pode ter evoluído. Afirma ainda "Fighting is an emergency reaction, and it is hard to imagine how natural selection would lead to the development of a mechanism of continuous internal accumulation of enenergy which would unnecessarily put an animal into danger" (53, pág. 138).

A agressão não é uma reação à fatores externos, afirma Lorenz em contrapartida aos autores behavioristas; e os critica afirmando que métodos de educação baseados na não-frustração não foram eficientes para resultar crianças não-agressivas. A idéia de que o comportamento humano é reativo não é aceita pelo autor que admite que os seres humanos não nasceram todos iguais e que nem todos tem probabilidades de se tornarem cidadãos ideais.

No entanto, afirma Hunt, os instintos no homem estão sob influência do meio. Sem a aprendizagem o homem não pode fazer quase nada. E cita: "In some orphanages, where children get almost no individual attention other than feeding and changing, many of them are unable even to walk by the age of three or four. So much for man's instincts" (37, pág. 37). O papel da aprendizagem é grandemente ignorado por Lorenz, afirma Montagu que a considera como essencial no desenvolvimento do ser humano. A capacidade neural para aprendizagem dá ao homem esse caráter único dentre as espécies e é a natureza humana que torna o homem um ser humano (49).

Com relação a esse aspecto Montagu (pág. 11) argumenta que Lorenz assume que o comportamento irracional do homem é filogenético, que não é determinado pela razão e tradição cultural e baseado nisso conclui que as leis derivadas do estudo dos instintos nos animais são aplicáveis ao homem. Para Montagu, o homem tem uma história evolutiva única e é um excesso a extrapolação das conclusões (dúbias) do comportamento animal para o homem.

Também Rodrigues (51) chama a atenção para o perigo da generalização de resultados de observações em animais para a espécie humana. Além disso, observa que, uma vez que o com

portamento agressivo no animal é tido por Lorenz como determinado apenas por sua constituição biológica, o caráter intencional ausente nessa explicação, excluiria tal comportamento do rótulo agressivo. É bom lembrar aqui que Rodrigues só considera agressivo o ato intencional e ademais limitado a espécie humana.

Para Lorenz, muitos movimentos instintivos nascem no desenvolvimento filogenético, cuja forma imita a do modo de comportamento variável, causado por impulsos. Na ritualização desses comportamentos uma propriedade hereditária recém-formada copia modos de comportamento cujo fenótipo era anteriormente causado por fatores externos. Desse modo, se estabelece uma série sensivelmente autônoma e rígida de comportamento, um novo movimento instintivo. Esse novo instinto é tão autônomo como as grandes "pulsões": alimentação, sexual, fuga e agressão e tem como função inicial a comunicação. A importância dessa equiparação é que são as pulsões criadas pela ritualização que se opõem à agressão, canalizando-a para vias não-nocivas e impedindo seus efeitos capazes de prejudicar a espécie. Os ritos culturais do homem são transmitidos pela tradição, o que pode ser considerado um marco divisório entre o homem e as outras espécies humanas. Os hábitos adquiridos servem como adaptação ao meio e também tem a função de comunicação no interior da comunidade. A partir da comunicação duas novas funções podem nascer: a canalização da agressão para fins inofensivos e a criação de laços entre os indivíduos. Essas funções surgem dos fatores motivadores independentes que os rituais transcendem a sua primitiva função de comunicação. A ritualização cultural já está tão intrínseca ao comportamento social do homem que já não nos é perceptível. A supressão intencional de certos ritos pode equivaler por si a um comportamento agressivo. A agressividade que cada desvio das maneiras do grupo provoca, força todos os seus membros a uma observância uniforme das normas do comportamento social. Só por si, a incapacidade de compreender rituais de uma cultura estranha cria a desconfiança e o medo e pode facilmente levar à agressão.

O rito pode dominar a agressão sem a enfraquecer, o que prejudicaria a sua função em favor da conservação da espécie. Lorenz coloca a ritualização dentro de uma "assembléia

de instintos". Esse mecanismo representa um sistema de interação entre um grande número de variáveis independentes e seus métodos criam uma grande harmonia e compromissos entre interesses diferentes que tornam a vida possível.

Resumindo, o processo filogenético da ritualização cria um novo instinto autônomo, o rito, que atua como força independente dentre as outras motivações instintivas tendo como função a comunicação e servindo como paliativo aos efeitos da agressão, levando os membros de uma mesma espécie a se compreenderem mutuamente.

Hunt, no entanto discorda dessa posição e afirma que o instinto opera no homem num nível diverso que nos animais e não resulta, como Lorenz afirma, em padrões de comportamento específicos, predizíveis e estereotipados' (37, pág. 37).

Bandura (4) também discorda e considera que os fatores que regulam o comportamento sempre tendem a ser específicos para uma dada espécie e que a maioria dos teóricos rejeita a noção de que mecanismos que governam o comportamento agressivo em pássaros e peixes, igualmente se aplicam a seres humanos.

Argumenta que, espécies inferiores são equipadas com hábitos rudimentarmente preformados e alta susceptibilidade inicial para influências modeladoras que os capacita a responder adaptativamente de início às circunstâncias ambientais. Em contraste, o homem é equipado com poucos hábitos inatos, mas com vasta potencialidade para aprender. Não só o homem é mais maleável que o organismo biologicamente simples, mas possui capacidade avançada de processamento de informação que torna o comportamento humano mais sujeito ao controle social e cognitivo. Mecanismos inatos de liberação e de inibição foram grandemente substituídos pelo controle cortical.

Bandura acrescenta ainda que enquanto o comportamento agressivo de animais inferiores está condicionado a aspectos físicos, o homem tem capacidade de organização social que reduz a importância das características estruturais no comportamento agressivo. É difícil para o homem entender como pessoas so

cializadas podem repetidamente cometer atrocidades, mesmo com o risco de auto-extermínio. Então, atribuindo a agressividade a tendências inatas, as pessoas são absolvidas da responsabilidade de mudar as condições sociais que beneficiam seu auto-interesse com o risco de provocar agressão em membros ou desvantagem da sociedade.

O termo "instinto" é criticado por Lorenz enquanto obedecendo a um pensamento finalista, que demonstrando o significado de uma função qualquer para a conservação da espécie, resolve ao mesmo tempo o problema de sua causa.

Lorenz critica Freud pela postulação da pulsão de morte, considerando-a errônea. A pulsão da agressão para os etologistas é um instinto como qualquer outro e sob condições naturais sua meta é conservar a vida e a espécie e não buscar sua destruição. Mas, ao criticar o uso do termo instinto, Lorenz não se esforça por explicar de que processos fisiológicos emerge em última instância, o instinto da agressão. Apenas se pergunta quais as funções da pulsão de agressão e que papel desempenha na relação entre os animais.

Lorenz argumenta que tenta compreender as causas normais do instinto para compreender seus desvios e eventualmente remediá-los. Uma função determinada não é nunca, para ele o efeito de uma única pulsão. Conhecendo-se as "falhas patológicas" dos mecanismos inatos dos instintos percebe-se que o comportamento não é orientado apenas por fatores finalistas e admite-se a necessidade de uma explicação causal. As pulsões parciais formam um mosaico, não sendo completamente independentes uma da outra, propõe ele.

Continuando a análise das pulsões, Lorenz afirma que uma pulsão pode ser estimulada por outras pulsões parciais num processo de interações, ou por estímulo externo. No entanto, a quantidade de movimentos instintivos produzida espontaneamente corresponde mais ou menos ao consumo previsto, em funções simples, alimentação por exemplo. Mas se cada pulsão tem uma função diferente, pertencendo a outra organização de instintos, a relação é de certa rivalidade. A influência mútua consiste em que

cada um dos estímulos endógenos tende a impor ao outro a sua própria frequência e mantê-la numa relação constante, em termos fisiológicos. As análises de motivação dirigem-se, na maior parte, a modos de comportamento devidos somente à participação de duas pulsões concorrentes, a maior parte das vezes duas das quatro grandes: fome, sexo, fuga e agressão. Porém, nem sempre essas quatro categorias de instinto fornecem a principal motivação do comportamento animal, e ainda menos do comportamento humano. Nem há sempre uma relação de dominância dessas "grandes" pulsões com os instintos filogeneticamente mais novos, a tal ponto que os primeiros eliminem os segundos. Em muitas espécies, são mecanismos de comportamento "modernos", as pulsões particulares, nas ovelhas, por exemplo, que garantem a contínua unidade do rebanho - que dominam o indivíduo a ponto de cobrirem por vez todas as outras.

- Inibição da Agressão

Quando falamos da ritualização, dissemos que esse processo na Teoria etológica, pode criar instintos inteiramente novas que dirigem o comportamento da mesma forma que os instintos da fome, sexo, fuga e agressão, e também como funciona o mecanismo de interações entre os diversos instintos concorrentes. O autor coloca nesse ponto, a questão "como se desempenha o rito dessa tarefa praticamente impossível de impedir que a agressão intra-específica prejudique seriamente a conservação da espécie, sem que por esse fato sejam eliminadas as suas funções indispensáveis ao interesse dessa mesma espécie?"

Em primeiro lugar, argumenta ele, as funções da agressão são indispensáveis. A evolução cuidou de manter inalterada a pulsão útil, mas instalou, onde ela poderia ter efeito nocivo, um mecanismo especial de inibição criado "od hoc". Uma equivalência que o autor faz entre o homem e os outros animais é que esses mecanismos que obrigam os animais a um comportamento "desinteressado" que visa apenas o bem da espécie, é análogo ao que nos é imposto a nós homens, pela lei moral. Nos combates entre vertebrados, verifica-se esse comportamento com clareza, onde a luta tem função de estabelecer entre rivais quem é o mais forte sem prejudicar demasiadamente o mais fraco, como nos torneios desportivos.

Então, a ritualização seria um aspecto importante na inibição da agressão, simbolizada pelos combates de honra, que são mais diferenciados numa espécie do que em outras. O combate de honra produz mecanismos fisiológicos particulares de comportamento, destinados a inibir o movimento de agressão prejudicial. Esses mecanismos inibitórios especiais da agressão são de fato indispensáveis; segundo Lorenz, nos animais mais evoluídos e organizados a aprendizagem e a experiência individual desempenham um grande papel na manutenção vital do organismo.

Há também entre os animais, mecanismos de inibição contra o comportamento agressivo de animais adultos mais velhos e também contra o comportamento "não cavalheiresco" para com o sexo frágil". Esse último mecanismo se aplica também ao homem. Lorenz afirma que a submissão masculina é anormal, considerando / sua "enorme superioridade" tanto física quanto intelectual.

Os caracteres que provocam inibições sociais variam muito de uma espécie para outra. Dado que a inibição é um processo ativo que se opõe a uma pulsão igualmente ativa que ela trava e modifica, é certo falar de um "desencadeamento" dos processos de inibição, tal como se fala do desencadeamento de um movimento instintivo. Nos animais, existe um processo de apaziguamento, se contrapondo à agressão. Um grande número desses gestos de apaziguamento nasceram sob pressão da seleção exercida por mecanismos de comportamento que desencadeiam a agressão. Tentando apaziguar um congênere um animal faz tudo que pode para não o excitar. Existem os ritos de submissão e saudação que, nascidos dos movimentos agressivos, recebem uma nova orientação. Eles não travam a agressão, mas a desviam para canalizarem em outra direção. Nasce aí a distinção entre o "amigo" e o estranho e aparece o "laço pessoal" entre dois indivíduos. Devido à sua origem e função primitiva, os laços pessoais fazem parte desses mecanismos de comportamento que acalmam e travam a agressão.

A analogia feita por Lorenz com relação à ritualização entre animais e homens é criticada por Berkowitz (1969), que não acredita que o sorriso de cumprimento do homem, o gesto de apaziguamento entre os macacos ou a cerimônia de triunfo nos

gansos tenham evoluído de um aparato original agressivo comum. Os processos subjacentes a essas ações não podem ser considerados nem análogos, nem similares, afirma ele (8, pág. 44).

- Sociedade e agressão

Lorenz descreve algumas formas de sociedade, relacionando suas estruturas com o aparecimento da agressão. O que ele denomina "bando anônimo" é a forma mais primitiva de associação. O que caracteriza o conceito de bando é o fato desses indivíduos duma mesma espécie reagirem um ao outro por uma mútua atração e solidariedade pelos modos de comportamento que um ou mais indivíduos provocam nos outros. Há uma necessidade inata de aproximação dos congêneres, mas também isso pode resultar de uma aprendizagem individual. O que interessa é que esse comportamento de grupo tem evidente valor em proveito da espécie, principalmente de defesa, quando há ameaça externa.

A formação de grupos anônimos e a amizade pessoal se excluem, e isso porque essa última sempre se encontra ligada ao comportamento agressivo. Lorenz acredita que não há um só ser capaz de amizade pessoal e isento de agressividade. Há também entre os animais relações que ligam os indivíduos, sem dar origem a laço pessoal. Vivem independentemente um com o outro, limitando seu território, como animais pertencentes a espécies diferentes.

Nesses tipos de ordem social que vimos, as relações entre os indivíduos mantêm-se totalmente impessoais. No entanto existe ainda um outro tipo de sociedade, o "grupo" onde a comunidade é unida pelo laço pessoal, ou simplesmente "laço" como prefere Lorenz. Difere do bando anônimo, pois as reações de coesão estão estritamente ligadas à individualidade dos membros do grupo.

Um grupo se forma independentemente do local e mesmo em situações ambientais diversas, o papel desempenhado por cada um de seus membros mantêm-se o mesmo. A condição indispensável para a formação de um grupo é a identificação pessoal do companheiro em todas as situações possíveis da vida. Esta identifi-

cação do companheiro aprende-se individualmente.

O autor coloca em pauta o processo de atividade reorientada. O que o caracteriza é o fato de um certo modo de comportamento, provocado por um único objeto, dado que este emite ao mesmo tempo estímulos inibitórios, ser ab-reagido sobre outro. A maior parte dos casos de movimentos reorientados que se conhece dizem respeito a movimentos agressivos provocados por um objeto que inspira ao mesmo tempo medo. Desviar a agressão indesejável provocada pelo companheiro e canalizá-la numa direção desejada para o vizinho de território não é evidentemente uma invenção improvisada que o animal é livre para fazer ou não fazer no momento crítico. É um movimento há muito ritualizado e que pertence ao inventário de instintos da espécie.

A agressão discriminatória contra os estranhos e laço entre os membros de um grupo reforçam-se mutuamente. O laço pessoal, a amizade individual, encontram-se unicamente em animais cuja agressividade intra-específica é muito desenvolvida. O laço é tanto mais forte quanto mais agressiva é a espécie. A agressão intra-específica é bem mais antiga que a amizade pessoal e o amor e existe sem este. Ao contrário, não existe amor sem agressão.

Lorenz fez diversos trabalhos de observação do comportamento social de animais como gansos para verificar as relações de laço e atribui experiências subjetivas a eles. Afirma ele (46, pág. 220) "o cientista elimina geralmente como ilegítimas todas as afirmações sobre as experiências subjetivas vividas por animais. O sistema nervoso dos animais difere do nosso; no seu cérebro, os processos fisiológicos não são os mesmos que num cérebro humano, devemos portanto supor que os fenômenos subjetivos que lhes correspondem são qualitativamente diferentes dos nossos. Há no entanto semelhanças e analogias suficientemente grandes para que se possa concluir que os animais superiores tem experiências subjetivas que embora qualitativamente diferentes, são da mesma essência das nossas. Estamos portanto convencidos de que os animais tem emoções sem nunca podermos dizer exatamente o que são essas emoções". Considera ele, então, lícito estudar esses

comportamentos nos animais fazendo analogias com o comportamento humano.

Para Lorenz, existem analogias entre o comportamento social de certos animais, sobretudo os gansos bravos, e o homem. Esses caracteres similares formaram-se graças à adaptação convergente, não ao acaso. O fato de normas de comportamento extremamente complexas, como o desejo amoroso, a amizade, o ciúme, desgosto, etc. serem idênticas no homem e no ganso cendrado, mostra que cada um desses instintos tem determinada função em favor da conservação da espécie, função essa que deve ser a mesma no homem e no ganso. Só deste modo pode explicar-se a identidade do comportamento.

2.2.2. O comportamento agressivo comparado

O autor, a partir das colocações anteriores, baseadas no comportamento agressivo animal, parte agora para a análise do comportamento agressivo no homem e tece algumas considerações que explicam suas analogias entre o homem e o animal.

Para ele, o homem gosta muito de se imaginar o centro do universo, opondo-se à natureza como um ser de essência superior. O que impede o homem de conhecer-se a si mesmo? Três obstáculos ligados ao orgulho do homem se opõem ao seu conhecimento de si.

O primeiro é o mais primitivo. Opõem-se à aceitação do homem como um produto da evolução histórica. Há uma reação de defesa contra o fato de termos uma origem animal.

O segundo obstáculo é uma certa aversão sentimental em admitir que os nossos próprios atos e gestos possam ser causados por leis da natureza. Com relação à causalidade do comportamento, Lorenz observa que o livre arbítrio está submetido às leis da moral e nossa necessidade de liberdade tem, entre outras, a finalidade de impedir que obedeçamos a outras leis que não essas.

Um terceiro obstáculo ao conhecimento de nós próprios é a herança da filosofia idealista - pelo menos no mun-

do ocidental. O dualismo - um mundo exterior e um mundo interior do pensamento e da razão humana - tem prevalecido profundamente nos nossos hábitos de pensamento. Para os ocidentais, tudo o que se explica de maneira natural é desprovido de valor. Argumenta Lorenz, o erro de certos cientistas é não levar suas tentativas de explicação natural além dos limites do que lhes parece venerável. O obstáculo que se opõe à investigação é uma fronteira arbitrária entre o que pode ser explorado e o que não pode.

Lorenz defende sua posição, justificando que o perigo que corre o ser humano atualmente provém mais do que de sua capacidade para dominar os processos físicos, da sua incapacidade para controlar racionalmente os fenômenos sociais. Então, a falta de uma compreensão causal do comportamento humano é uma consequência imediata desses três obstáculos de orgulho, que impedem o conhecimento de nós próprios. E ainda, a lei moral humana é considerada aqui não como um dado "a priori", mas como qualquer coisa nascida da evolução natural, como as leis do universo.

Os fenômenos da história não tem causas racionais. São a ausência da razão e a natureza humana não-racional / que fazem com que duas nações entrem em competição, embora nenhuma necessidade econômica as obrigue a isso. Então, porque seres dotados de razão se comportam de forma tão irracional? Isso se explica, para Lorenz, se admitirmos que o comportamento do homem, especialmente o social, é determinado não só pela razão e tradições culturais, mas também submete-se a todas as leis predominantes no comportamento instintivo adaptado pela filogênese. Para o autor, essas leis são suficientemente conhecidas graças ao estudo dos instintos nos animais.

O que o homem possui a mais que outras criaturas - suas faculdades únicas de pensamento conceptual e linguagem verbal - são responsáveis pelos grandes perigos que ameaçam de extermínio a humanidade. O conhecimento surgido do pensamento conceptual tirou ao homem a segurança adquirida graças aos seus instintos bem adaptados. Esses dois "dons" citados modificaram toda a evolução do homem porque produziram qualquer coisa equiva -

lente à hereditariedade dos caracteres adquiridos. Pode se desenrolar no decurso de uma ou duas gerações um processo de adaptação ecológica, que na evolução normal, sem o concurso do pensamento conceptual teria levado um tempo de escala bem maior. Os mecanismos instintivos não estavam à altura de defrontar as novas condições criadas pela cultura desde o seu aparecimento.

Quando citamos os mecanismos de inibição da agressão nas espécies inferiores, falamos naqueles que impedem que um animal mate ou fira gravemente seus irmãos de raça. Falando agora do homem, Lorenz acredita que seu mal vem do fato de ele ser, no fundo, uma criatura inofensiva e omnívora, que não possui arma natural para matar grandes presas, sendo então, desprovido das válvulas de segurança que impede os "carnívoros" de matar seus congêneres. Na evolução do homem, os mecanismos inibitórios contra o assassinio eram supérfluos. Não existiu, então, nenhuma pressão da seleção que tivesse produzido um mecanismo inibitório que impedisse o assassinio de seus iguais até que surgiram as armas artificiais que perturbaram o equilíbrio entre as possibilidades de matar e as inibições sociais. "Se a humanidade, apesar de tudo sobreviveu, ela nunca conseguiu defender-se contra o perigo da autodestruição" (46, pág. 252).

Uma consequência indireta da invenção de armas artificiais é ela provocar uma seleção intra-específica pouco de sejável entre os homens. E acredita o autor que o homem civilizado de hoje sofre em geral da incapacidade de ab-reagir as suas pulsões de agressão. Os efeitos nocivos das pulsões agressivas do homem, que Freud explicava pela pulsão de morte específica provêm do fato de que a pressão da seleção intra-específica fez evoluir no homem uma quantidade de pulsões agressivas para as quais ele não encontra escape adequado na sociedade atual.

Claro que a seleção intra-específica atua ainda no homem, defende Lorenz, valorizando extraordinariamente os instintos que produzem a aquisição de bens, a necessidade de se fazer valer, etc. O comportamento agressivo e a inibição de matar representam apenas um caso particular entre tantos outros do desequilíbrio de mecanismos de comportamento outrora filogenética-

mente adaptados. A função da moral é restabelecer um equilíbrio aceitável entre os instintos do homem e as necessidades de uma ordem social evoluída pela cultura. Os comportamentos que servem para o bem-estar da comunidade não são ditados pelo pensamento racional, mas sim por instintos sociais. Se o homem fosse um ser puramente racional, se não tivesse a herança animal de instintos não seria um anjo, pelo contrário.

A força motriz que aciona o homem provem de mecanismos de comportamento instintivo muito mais antigos que a razão e que não são diretamente acessíveis à auto-observação racional. O dinamismo dessas camadas no mais fundo da pessoa humana não difere muito dos instintos dos animais. Quer tenha evoluído pela filogenese ou pela cultura, as normas de comportamento representam para cada ser humano motivações e são sentidas por ele como valores.

O aumento do número de indivíduos pertencentes à mesma comunidade basta por si só para falsear o equilíbrio entre os laços pessoais e as pulsões agressivas. O amontoamento de muitos indivíduos num espaço limitado provoca a fadiga de todas as reações sociais aumentando a propensão para o comportamento agressivo. Entre os comportamentos sociais do homem que a filogenese fez evoluir, não existe praticamente nenhum que não necessite de ser controlado e dominado por uma moral responsável. A fome, a ansiedade, o conflito, o desespero, tem como efeito minar a energia moral até vencê-la com o tempo.

Com relação à guerra, Lorenz acredita que o entusiasmo militante do homem é um instinto autônomo que tem seus próprios comportamentos de apetência, seus mecanismos de desencadeamento e gera como o instinto sexual, uma sensação especial de intensa satisfação. O homem seria então o único ser capaz de se consagrar aos mais altos valores morais e éticos e que precisa para atingir os seus fins, de um mecanismo de comportamento filogeneticamente adaptado.

- Defesas contra a agressão

O autor se propõe a preconizar medidas de defe

sa contra os "excessos" do instinto agressivo. Sua primeira medida é a recomendação: "conhece-te a ti mesmo", isto é, aprofundar mos o conhecimento de nosso próprio comportamento e das conexões causais que o regulam. Uma forma seria o estudo fisiológico objetivo das possibilidades de descarregar sobre objetos de substituição a agressão na sua forma mais primitiva. A agressão mais facilmente que a maior parte das outras pulsões, pode encontrar completa satisfação com objetos de substituição. O fato de compreender a fundo a fisiologia das pulsões dominadas e sua descarga por reorientação ajuda a dominar a agressão.

Outra forma seria o estudo psicanalítico da sublimação. Essa forma tipicamente humana de catarse contribui muito para distender as pulsões agressivas reprimidas. A sublimação não deve ser confundida com uma simples reorientação de uma atividade pulsional para um objeto de substituição. Por exemplo, o desporto tem a sua origem em lutas fortemente ritualizadas e é uma forma tipicamente humana de combates não hostis, dominado pelas mais estritas regras que a cultura já produziu. Diferem das lutas animais por conterem motivações agressivas. A principal função do desporto é a descarga catártica das pulsões agressivas. Além disso, educa o homem a controlar conscientemente e de forma responsável o seu próprio comportamento em combate.

Um estudo experimental de Sherif e Sherif (1953), citado por Megargee, realizado em ambiente natural, num acampamento de férias para meninos, teve intenção de verificar o efeito da competição e frustração na agressão. Esse trabalho contraria a teoria de Lorenz quanto à eficiência de esportes competitivos para drenar a instigação à agressão, pois o experimento teve que ser modificado nos seus objetivos, para evitar que as duas equipes, competindo em diversas atividades, não se destruíssem física e moralmente uma a outra. Conclui Megargee "Em vez de servir como uma sublimação eficiente, a rivalidade criada no estudo do casal Sherif induziu frustrações e precipitou acontecimentos que aumentaram a quantidade de comportamento agressivo. No entanto, encontrou-se uma confirmação para a afirmação de Lorenz, segundo a qual a agressão comum contra estranhos aumenta a harmonia dentro de um grupo" (48, pág. 228).

Mas o mais importante meio é canalisar o entusiasmo militante de forma inteligente e responsável. Os desportos mais duros e perigosos oferecem ao entusiasmo militante boas ocasiões e permitem às nações lutar entre si numa competição sem provocar qualquer ódio nacional ou político. As competições esportivas entre nações também levam os indivíduos a se unirem numa causa comum. Há necessidade de uma mobilização do entusiasmo por causas reconhecidas por todos como valores elevados, apesar das vinculações nacionais, culturais ou políticas.

Os teóricos do condicionamento consideram que a agressão pode ser eliminada, colocando o homem ao abrigo de todas as situações estimulantes do comportamento agressivo. Outra medida seria pretender controlar a agressão por um veto moral. Para Lorenz, essas medidas não só são ineficientes como equivale-riam a querer diminuir a crescente pressão numa caldeira fechando mais a válvula de segurança. A eliminação da agressão (agredir no sentido original) levaria a perda do entusiasmo com que nos dedicamos a uma tarefa ou problema. Na verdade, o amor e a amizade caracterizam bem melhor tudo que é bom do que a agressão caracteriza o que é mau, pois é erradamente que se identifica esta última com uma pulsão de morte destruidora. O riso e o entusiasmo militante derivam do comportamento agressivo e contém ainda um pouco de sua motivação primitiva e tem função social semelhante. O riso desenvolve-se provavelmente por ritualização a partir de um movimento de ameaça reorientado.

Humor e conhecimento são as duas grandes esperanças da civilização. Podemos esperar, afirma o autor, que um novo gênero de seleção possa reduzir a pulsão agressiva a um grau tolerável, sem por isso prejudicar suas funções indispensáveis.

Denker (15, pág. 147) discorda da colocação de Lorenz considerando-a não científica e afirma que Lorenz, apesar de exigir a penetração científica em todos os campos, recobre seus conhecimentos racionais com um halo místico. Por cima da ordem humana coloca o não-humano como algo melhor; para solucionar problemas humanos exige que se escute o "obscuro fundo primitivo". Dessa zona obscura nasce também sua fé na razão humana a

serviço do poder da seleção, com a expectativa otimista de algo melhor que o homem. Mas a exigência moral requer sempre uma base instintiva, sem a qual seria vazia e irrealizável; essa ética humanista só poderá ser efetiva e real quando a natureza seguindo seu princípio racional, criar a base instintiva correspondente mediante a mutação e seleção. Este pensamento de Lorenz é resumido no final de "A Agressão" (46, pág. 303):

"Não conseguimos sentir a emoção plena e quente da amizade e do amor senão por indivíduos, e a melhor das boas vontades não pode obstar a que isso suceda. Mas os Grandes Construtores podem-no e creio que o irão fazer. Creio no poder da razão humana, tal como creio no poder da seleção natural. Creio que a razão pode exercer e irá exercer uma pressão seletiva na boa direção. E creio que isso irá dar aos nossos descendentes, num futuro não muito afastado, a possibilidade de obedecerem ao maior e mais belo de todos os mandamentos" (amarmos uns aos outros).

Denker considera que esse credo nega ao homem a possibilidade de melhorar por si mesmo sua situação no mundo, eximindo-o ao mesmo tempo de qualquer responsabilidade.

2.2.3. O instinto da agressão analisado por Anthony Storr

Storr considera difícil se definir o termo "instinto". No entanto afirma que existe nos animais e mesmo no homem um mecanismo psicológico que quando estimulado dá origem tanto a sentimentos subjetivos de ira como a mudanças físicas que preparam o corpo para a luta. No homem, o treinamento faz diferir de indivíduo para indivíduo o modo como os sentimentos de raiva são adaptados e controlados. Mudanças fisiológicas, como ritmo de respiração, circulação sanguínea, movimentos intestinais e diminuição da percepção sensorial, ocorrem quando a ira é provocada nos animais superiores. Essas mudanças se dão sob a "ordem" do hipotálamo, cuja função é coordenar as respostas emocionais. Também a liberação de hormônios como adrenalina, noradrenalina e cortisona tem papel importante na estimulação da raiva. Todo esse sistema é posto em ação tanto pelo estímulo da ameaça como pela frustração. "É importante compreender que a resposta agressiva não é uma ação

reflexa que cessa imediatamente após o desaparecimento do estímulo que a provoca, mas sim uma série de mudanças fisiológicas que, uma vez iniciadas, são prolongadas o suficiente para manter o corpo em luta (55, pág. 29).

Por outro lado, Dubos (1971) considera que a potencialidade para agressividade é realmente parte da constituição genética, mas sua manifestação é feita pela experiência passada e circunstâncias presentes. Para Dubos não há um código genético que inevitavelmente resulte em agressividade, e sim uma série de atributos genéticos para a auto-defesa, que pode ser expresso como agressividade sob condições particulares (17, pág. 86).

Storr continua afirmando que a autoconservação exige que um animal tenha o potencial para agressão, pois vive num mundo natural onde há ameaças hostis que devem ser vencidas ou evitadas para que sobreviva. O mecanismo físico da agressão é inato e automático. O que permanece, entretanto em questão é a necessidade ou não do mecanismo ser posto em ação. Esse aspecto é importante no controle da agressão porque se se admite no homem um acúmulo interno de energia agressiva que necessite de descarga periódica, o problema pode ser resolvido provendo-se escoadouros adequados para a agressão. Se, por outro lado a resposta agressiva é apenas um potencial que pode ou não ser posto em uso, o que é necessário é apenas se evitar qualquer estímulo que possa provocar a resposta agressiva.

Fromm (33, pág. 264) argumenta que o comportamento agressivo nos animais é uma reação a qualquer espécie de ameaça a sobrevivência, aos seus interesses vitais. A agressão filogeneticamente programada, continua ele, tal como existe nos animais e nos homens, é uma reação biologicamente adaptativa, defensiva, como são o medo e a fuga. Como a faixa de interesses vitais no homem é muito maior que nos animais, além de outros fatores que diferem o homem dos animais, a crueldade no homem não pode ser explicada em termos de hereditariedade animal.

Para Storr, a agressão é um impulso tão inato quanto a sexualidade. Esses dois instintos diferem do da fome, já que esse último não necessita de estímulos externos pois os pró-

prios mecanismos internos do metabolismo conduzem a mudanças fisiológicas que produzem o estímulo para comer. Mas, o fato da resposta agressiva exigir um estímulo externo para despertá-la não subentende que o organismo pode ou não comportar-se agressivamente ou obter satisfação dessa forma. No entanto, o instinto agressivo ainda não pode ser descrito nos mesmos termos fisiológicos da fome, isto é, como um estado de privação que incita o animal a agir para aliviá-lo

Mas a comparação com o instinto sexual torna-se possível, pois a sexualidade como a agressão exige um mecanismo fisiológico interno que precisa de um estímulo externo para ser disparado. Se se impedir que um animal se empenhe em atividade agressiva que lhe é normal, ele procurará estímulos substitutos para descarregar sua agressão, da mesma forma como acontece na sexualidade.

Nesse ponto Megargee (48, pág. 79) argumenta que evidentemente a agressão é uma capacidade universal da natureza humana, uma capacidade que inicialmente se exprime na cólera não-focalizada do bebê. Mas que o desenvolvimento desse traço - se se transforma num síndrome difusamente destrutivo do comportamento ou se não se desenvolve parece estar no domínio da cultura humana, na medida em que esta cultura é mediada por experiências familiares iniciais.

Storr discorda dos teóricos que consideram a agressão como resultado único da frustração ou como mantida por reforçamento. Coloca ele que essa posição é típica dos norte-americanos que com seu otimismo peculiar, rejeitam a idéia de que possa haver coisas desagradáveis na natureza humana ou no mundo físico que não possam ser "consertadas".

Storr acrescenta que não existem provas convincentes de que a resposta agressiva é, em nível fisiológico, menos instintiva do que a resposta sexual e se não se restringe o termo agressão à luta real, a expressão agressiva pode ser uma parte tão necessária de um ser humano como a expressão sexual. Novamente aqui aparece a ambiguidade do termo "agressão", caracterizado agora como "energia vital".

2.2.3.1. Funções da agressão na sociedade e na ontogênese

Do momento que se aceita que a agressão, assim como a sexualidade, faz parte do equipamento instintivo humano, pode-se colocar sua função biológica de conservação do indivíduo e da espécie.

A agressão passa a ser então essencial à estrutura da sociedade, só se tornando nociva quando bloqueada. Embora a tentativa de se reduzir as formas destrutivas de hostilidade entre os homens seja essencial, não nos é possível, nem desejável, diz o autor, tentarmos eliminá-la, por ser inata e valiosa. O homem não teria sobrevivido sem o impulso agressivo, que tem inúmeras funções positivas - no aumento da população, na seleção sexual, na defesa dos jovens e na criação de ordem na sociedade.

Discutamos rapidamente essas funções colocadas por Storr:

A primeira função da agressão é "assegurar a capacidade de um animal de competir com os companheiros na luta pela sobrevivência". No entanto, o autor salienta que essas competições não levam ao domínio do macho mais poderoso sobre todos os seus rivais, o que seria danoso para a espécie (contrariando Lorenz). Os animais conseguem ser competitivos sem ser destrutivos.

A luta entre os animais na época da procriação determina que o macho mais forte tenha primeiro o acesso à fêmea, sendo que esse animal mais forte tem mais capacidade de defender os filhotes que geram e são mais dignos de confiança da comunidade na guarda das organizações sociais. Então, a seleção natural dos machos mais fortes seria uma segunda função.

A terceira função da agressão, segundo Storr, é manter a paz e a ordem na comunidade, função paradoxal à primeira vista. Há uma hierarquia baseada na dominância que conduz à ordem. Essa hierarquia assegura que os machos mais velhos tenham maior atenção do grupo e impede a luta dentro do próprio / grupo. Além disso, o estabelecimento de ordem na estrutura social

é valioso para a sobrevivência do bando quando atacado por raptantes. No reino animal, portanto, a "agressão é um impulso que favorece os interesses da espécie na qual se manifesta" (55, pág. 42). Ainda não é possível descrever a agressão no homem nos mesmos termos que os etnólogos empregam para o comportamento animal, pois a simplicidade dos padrões instintivos básicos é sobreposta por uma complexa estrutura de desejos, crenças e medos aprendidos e outros produtos de cerebração crítica que obscurecem as verdades mais primitivas a respeito do homem. Não obstante, é possível discernir que, no homem, como nos outros animais, a agressão serve funções úteis.

No entanto, Leach (1966) considera que a inteligência do homem lhe permite a escolha consciente de objetivos e isso o diferencia do resto dos seres vivos. A linguagem que o homem fala é determinada pela língua que ele ouve, embora a capacidade para linguagem seja uma consequência da programação genética das redes cerebrais, à medida que há maturação e experiência. Acrescenta Leach que o desenvolvimento da linguagem no homem alterou completamente sua natureza. A comunicação entre os animais permite transmitir uma mensagem muito reduzida através de gestos ritualizados. Ao contrário, o ser humano pode dizer um número infinito de coisas por diferentes meios e as respostas são, portanto, intrinsecamente imprevisíveis (44, pág. 157).

Uma sociedade estável deve ser baseada na dominância, continua Storr. Mesmo nas democracias ocidentais, os líderes aparecem menos autoritários, dando a cada homem o direito de voto, tentando diminuir a lacuna entre governantes e governados. Nas sociedades aristocráticas, o potencial agressivo do grupo é disposto hierarquicamente de modo que cada homem domina o que lhe é imediatamente inferior em categoria, até chegar ao camponês mais baixo, que descarrega sua agressão no trabalho de cultivo da terra. A medida que a moderna sociedade afasta-se desse padrão cria um problema da eliminação da agressão. Então, os homens criaram a oposição, uma característica da democracia que as sociedades totalitárias não toleram. Storr acrescenta que "se a coesão do grupo é objetivo principal, os princípios democráticos devem ser totalmente postos de lado" (55, pág. 43).

Mesmo nas democracias há a organização militar dos exércitos que obedecem a uma hierarquia rígida. E o treinamento militar destina-se a estabelecer que os homens não são absolutamente iguais. Cada qual conhece seu lugar na hierarquia, obedece sem discutir ao seu superior, mas pode descarregar sua agressão no inferior, o que justifica a estabilidade e mantém a coerência do grupo.

No caso de ameaça externa, as barreiras que dividem os homens em tempo de paz diminuem para se erguerem novamente, quando cessa essa ameaça; e a agressão da natureza humana reinicia sua função normal. A agressão intra-específica é tão peculiar ao homem quanto à outras espécies.

Também a competição por território necessita do instinto agressivo. Andrey R. em seu livro "The Territorial Imperative" citado por Storr, define assim território: "é uma área de espaço, quer de água, terra ou ar, que um animal ou um grupo de animais defende como coutada exclusiva" (55, pág. 47). A territorialidade tem como efeito espaçar o "habitat" entre os indivíduos, para que cada um possa garantir uma parcela do alimento existente, garantindo a melhor utilização possível dos recursos da área dividida.

Os animais territoriais usam a agressão para distanciar os vizinhos e sofrem de algo que pode ser comparado com a agressão reprimida no homem se a distância individual entre eles é reduzida. A superaglomeração aumenta a tensão entre os animais, podendo levá-los a lutar entre si até a morte.

O homem também é um animal territorial e delimita sua área de habitação. Reage com agressão à invasão não-autorizada de seu território conquistado e apesar de certa acomodação à aglomeração comum às cidades grandes, há uma maior facilidade de ressentimento mútuo. No entanto, os rituais de pacificação descritos por Lorenz desempenham a contrapartida do papel da agressão. Storr, como Lorenz defende a idéia de que a agressão é o pressuposto para a relação de "amor" entre os indivíduos.

- O papel da agressão na ontogênese

Storr considera que a agressão manifesta na fantasia infantil é natural e salutar. A agressão entre mãe e filho é inevitável e os recém-nascidos tem impulsos agressivos percebíveis, embora não se tenha acesso direto ao seu mundo de fantasia. Criticando Melanie Klein, o autor argumenta, que o tipo de fantasia descrito pela autora nos recém-nascidos está em demasia relacionado com a suposta frustração do seio e desmerece a agressão como um impulso positivo para a separação e independência. O comportamento exploratório da criança que engatinha torna facilmente entendido como a agressividade nesse início de vida se assemelha à atividade.

Storr cita ainda as palavras de Clara Thompson:

"A agressão não é necessariamente destrutiva. Ela se origina de uma tendência inata para crescer e dominar a vida, que parece ser característica de toda matéria viva. Somente quando essa força vital é destruída em seu desenvolvimento é que os ingredientes da ira, raiva ou ódio passam a ser ligados a ela" (55, pág. 58).

Então, Storr compreende a partir dessa posição que na nossa cultura ocidental este impulso exploratório natural é na maior parte das vezes bloqueado, provocando frustração. Essas restrições geram, conseqüentemente, reservas de agressão reprimidas, perigosas, originárias na infância.

Bender, L. conclui que a "agression in childhood is a symptom complex resulting from deprivations which cause developmental discrepancies in the total personality structures, such that the constructive patterned drives for action of the child find inadequate means of satisfaction, and result in amplification or disorganization of the drives into hostile or destructive behavior" (47, pág. 254).

A dependência e a agressão estão intimamente relacionadas. Quanto mais uma pessoa for dependente de

outras, mais agressão terá latente dentro de si. É peculiar no homem a dependência dos outros, no seu desenvolvimento, comparado a outras espécies. Isto explicaria a agressividade particular da nossa espécie, dentro dessa relação recíproca entre dependência e agressão.

A disposição normal da agressão requer oposição. Pais que não frustram os filhos para não lhes gerar agressão, torna-os inseguros e incapazes de reagirem socialmente à qualquer agressão. Se não há ninguém a combater, a agressão volta-se para dentro, contra o "eu". A maioria dos jogos infantis contém elementos evidentemente agressivos. A fantasia agressiva é necessária para o desenvolvimento da criança e não se deve reprimí-la. Storr cita Winnicott: "Se a sociedade está em perigo, não é por causa da agressividade do homem, mas devido à repressão da agressividade pessoal nos indivíduos (55, pág. 62).

O autor contradiz os teóricos da aprendizagem, quando estes acusam os meios de comunicação de aumentarem o comportamento agressivo nas crianças. Afirma ele que não há provas evidentes de que a leitura ou o assistir a filmes com conteúdo agressivo sejam responsáveis por crimes ou outros atos agressivos. O autor concorda que o ambiente exerce certa influência no comportamento das crianças, mas somente quando há fracasso em distinguir entre a fantasia e realidade e persistência das atitudes emocionais infantis, é que as fantasias podem se tornarem em fatos.

A vida fantasiosa das crianças é cheia de agressão. Mas elas necessitam de todo o potencial agressivo que podem reunir para proteger e fazer valer sua individualidade em desenvolvimento.

Como dependência e agressão estão intimamente ligadas poder-se-ia supor que uma vez que o indivíduo cresce, amadurece e se torna independente dos pais, a agressão não teria mais porque estar presente. No entanto isso não ocorre. E Storr argumenta que muitos teóricos acreditam na utopia do homem vivendo pacificamente em comunidades. Essa utopia, afirma ele, é uma fantasia arquetípica, um conteúdo mental adormecido na mente de todos os

homens. O autor cita a esperança de Bertrand Russel num mundo sem guerra e sem competição, que levaria o homem à maior capacidade criadora, e critica-a como ingênua. Afirma ele: "A menos que alguma mutação biológica altere todo o caráter do homem como espécie, é impossível acreditar que algum dia possa haver uma sociedade sem luta e sem competição" (55, pág. 69). Continuando sua crítica, acrescenta ele que a educação não tem o poder que Russel lhe atribui e que se tivesse poderia ser pior, já que esse mesmo impulso agressivo que pode levar à luta e a violência também está subjacente no impulso do homem para a independência e para a realização. E o adulto necessita tanto quanto a criança de expressar seu potencial agressivo para manter sua própria autonomia.

A dependência da qual falamos ainda a pouco quando analisamos a agressão na infância, persiste no adulto não mais com relação aos pais, mas agora referindo-se às associações e grupos aos quais o indivíduo pertença. Onde as associações entre homens são baseadas em estreita identificação, ocorre divisão, que é acompanhada por agressão. E isso seria necessário, pois, como a criança precisa rebelar-se contra os pais também o adulto se rebela contra o confinamento de uma identificação estreita.

Então, no adulto o impulso agressivo que na infância tinha a função de libertação da autoridade paterna, serve agora para manter sua identidade. Uma analogia pode ser feita aqui com relação ao papel da agressão na territorialidade. Certa distância deve ser mantida entre o indivíduo e seu vizinho, ou sua identidade estará ameaçada.

Continua Storr: "O desacordo, a controvérsia e mesmo a luta competitiva tem uma função positiva na existência humana, pois de que maneira um pode saber o que é e o que pensa e crê, a menos que haja outras pessoas que pensam e crêem diferentemente? Na vida é essencial opormo-nos a outras pessoas ou deixamos de existir como indivíduo. A manutenção da identidade humana requer oposição, e se não existirem "inimigos" seremos forçados a criá-los".

- A diferença entre os sexos e a agressão

O autor tem uma posição bastante de finida com relação a agressão nos sexos masculino e feminino. Considera ele que nas espécies superiores, o macho é normalmente mais agressivo que a fêmea. A fêmea só veria sua agressividade manifesta em resposta à ameaça especialmente às crias e às vezes ao seu parceiro sexual. No entanto, a agressão do macho opera mais espontaneamente na rivalidade, territorialidade e exibição.

Existem diferenças culturais no emprego e exibição da agressão, do mesmo modo que existem diferenças biologicamente apropriadas para a agressão nos machos e nas fêmeas. Storr acredita que quando se analisam as relações entre os sexos, em qualquer ambiente cultural, descobre-se que o fato do homem ser mais dominante que a mulher explica tanto a "estabilidade da família" quanto a "felicidade sexual do casal". Além disso, a "indubitável superioridade" na realização intelectual e criadora do homem deve estar relacionado com o seu maior dote agressivo. Argumenta ainda o autor que por mais que se desse oportunidade às mulheres nas artes e ciências a sociedade não teria grandes ganhos.

A sexualidade masculina, pela sua necessidade primitiva de busca e penetração, contém um importante elemento de agressividade, que é reconhecido e respondido pela sexualidade feminina que cede e se submete.

O homem inseguro é geralmente menos dominante e agressivo enquanto a mulher insegura é mais agressiva, e competitiva. Essas características também surgem da falta de relação adequada entre os sexos. A agressão na mulher surge mais como uma defesa, embora inconscientemente ela espera desafiar o homem para que este exerça sobre ela sua dominância.

2.2.3.2. O controle da agressão

Storr acredita que hajam possibilidades de se controlar a agressão humana. Uma delas é reduzir o elemento paranóide na hostilidade, impedindo que a agressão se

transforme em ódio. A outra seria o encorajamento da expressão positiva da agressão. Postula ainda que a agressão é tão inerente ao homem quanto o sexo e que não podemos nos libertar dela além do que é absolutamente necessária à sobrevivência da espécie.

Embora ridicularize a hipótese frustração-agressão, o autor considera que a preocupação dos adultos em satisfazer as necessidades das crianças pode levar a diminuição da hostilidade adulta que se origina da privação infantil.

A eliminação das armas artificiais criadas pelo homem poderia ser benéfico para se reduzir a agressão, embora de difícil possibilidade. Diferente dos outros animais, o homem, por sua inteligência foi capaz de compensar sua carência natural de equipamento agressivo e defensivo pela invenção das armas. As armas facilitam a agressão intra-específica no homem pois a distância entre os indivíduos não provoca inibições contra o ato de atirar um revólver, por ex. A vítima transforma-se num alvo impessoal não havendo identificação humana entre agressor e agredido. A distância, física ou psicológica, facilita a abstração.

O tamanho e a complexidade das instituições civilizadas também podem converter a agressão em ódio. Agregados grandes de homens desvalorizam o indivíduo, gerando mais agressão. "De maneira ideal, os homens deveria viver em comunidades pequenas que lhes permitisse manter sua identidade e encorajar a produtividade individual e que estejam em perpétua rivalidade com as comunidades vizinhas" (55, pág. 136). Aliás a rivalidade deveria ser sempre incentivada, segundo o autor, como um esporte entre nações, para produzirem mais.

A industrialização dos países atrasados e a distribuição mais equitativa de riquezas reduzirão a inveja e o ódio. A redução da população mundial através do controle da natalidade, melhoraria o padrão de vida, reduzindo a hostilidade.

2.3. A Concepção Psicanalítica da Agressão

O estudo da agressão na teoria psicanalítica freudiana não pode ser feito de forma isolada dentro desta obra. O próprio termo "agressão" não aparece frequentemente nos escritos de Freud e está sempre vinculado a outros elementos da dinâmica dos processos mentais do homem.

Para melhor situarmos nossa análise da agressão nessa teoria, faz-se necessário uma breve revisão histórica da evolução teoria dos instintos na psicanálise.

Nagera (50) resume o desenvolvimento da teoria dos instintos em quatro etapas principais, nas quais podem ser observadas concepções distintas acerca da "agressão".

1.^a etapa - Nesta fase Freud dividiu os instintos em duas categorias, com base nos concomitantes psíquicos dos processos biológicos. Instintos de autoconservação (instintos do ego), que incluem tudo relativo à afirmação e engrandecimento do indivíduo, e têm como função a manutenção da vida dos indivíduos, e instintos sexuais (libido), que preservariam a espécie. "No decorrer da investigação das neuroses, vimos a conhecer o ego como o poder limitante e repressor, e as tendências sexuais, como sendo o poder limitado e reprimido; acreditamos, pois, que tínhamos claras provas não só da diferença entre os dois grupos de instintos, mas também do conflito entre eles" (29, pág. 120). A diferença entre as duas classes de instintos se dava, então, pela sua natureza. A agressão, nessa fase, foi situada na categoria dos instintos sexuais, como componente sádico.

2.^a etapa - A introdução do conceito de narcisismo anulou a distinção acima estabelecida uma vez que o narcisismo foi definido como uma fase no desenvolvimento em que o indivíduo unifica seus instintos sexuais para obter um objeto amoroso e esse objeto, no princípio é seu próprio ego. Só posteriormente é que o indivíduo transfere para outra pessoa seu erotismo. Haveria portanto uma catexia libidinal original, que só mais tarde se voltaria para o exterior. Em face disto, a distinção anterior entre instintos sexuais e do ego já não satisfazia. A distinção entre os instintos passa agora a ser estabelecida em função do objeto.

O ego (objeto do mundo interno), ou um objeto do mundo exterior; do que advém a distinção entre "libido narcísica" (ou libido do ego) e "libido objetal". Além do componente libidinal do ego, haveriam componentes não libidinais. Nessa fase, a agressão continua ligado ao instinto sexual, e agora também ao de auto-conservação, relacionado à necessidade de domínio no mundo exterior.

3.^a etapa - Aqui a oposição entre amor e ódio levou Freud a incluir a agressão nos instintos não-libidinais do ego, como instinto de domínio sobre o mundo externo. "Sentimos a repulsa do objeto e o odiamos; este ódio pode logo intensificar-se até converter-se em uma disposição agressiva até o objeto, uma intenção de destruí-lo" (24). A agressão aqui, já não é um componente do instinto sexual, mas pertence apenas ao instinto de auto-conservação.

4.^a etapa - Nesta última fase (1920-1939) Freud reformulou radicalmente sua teoria dos instintos, estabelecendo duas entidades mais amplas que denominou de instintos de vida e instintos de morte. (Ressalte-se que estes são constructos teóricos). O "instinto de vida" é a reunião dos instintos sexuais e de auto-conservação. A agressão é agora considerada como uma manifestação do instinto de morte, dirigida para o exterior. É nessa fase que enfatizaremos nosso trabalho, visto ser esta a última posição de Freud no que se refere ao instinto agressivo e em face de não termos condições dentro do que nos propusemos, de fazer uma análise de toda a evolução da teoria dos instintos em sua obra. Tal análise seria objeto de um trabalho de maior extensão e não se insere em nossa proposta.

2.3.1. A origem da concepção "Instinto de Morte"

A partir de uma posição mantida sem grande alteração ao longo de sua obra, de que os eventos mentais seguem uma direção cujo fim é uma redução da tensão inicial, evitando o desprazer e buscando o prazer (Princípio do Prazer), Freud começa a especular o papel dos instintos sob os aspectos da metapsicologia: "econômico, topográfico e dinâmico". O Princípio do Prazer decorre do princípio da constância: "tendência a manter constante a excitação intracerebral", (25) embora não atue sozinho nos processos mentais. O Princípio do Prazer é modificado em

dominância pelo Princípio da Realidade, sob a influência dos instintos de autopreservação do ego. Este Princípio da Realidade atua, adiando a obtenção do prazer, não o impedindo, porém.

A compulsão à repetição, isto é, tendência instintiva à atuação de experiências inconscientes que não podem ser recordadas, ao lado do Princípio da Realidade, é outro elemento que atua contra o Princípio do Prazer, e contém um caráter instintual em alto grau. Se manifesta principalmente na vida infantil e aparece com frequência no curso da terapia psicanalítica. A compulsão à repetição serviu de ponto de partida para que Freud desenvolvesse as idéias que levariam à concepção do Instinto de Morte. Foi concebida como desprazerosa, parecendo ser algo mais primitivo e elementar, mais instintual que o princípio do prazer. A partir daí Freud considera que "um instinto é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas". (25). Continuando, Freud aceita a teoria biológica da determinação histórica dos instintos, em face de analogias com comportamentos de animais, que seriam impelidos por uma compulsão orgânica à repetição. Seguindo esse princípio da compulsão à repetição, o desenvolvimento orgânico passa a ser atribuído a condições externas, enquanto que os instintos estariam atuando não no sentido de buscar novos caminhos, mas sim de retornar a um estado inicial. No entanto, os organismos se desenvolvem e isso se deve também a uma classe de instintos, que são conservadores da vida do indivíduo, a resistentes às influências externas. A essa classe de instintos Freud denominou-a "instintos de vida", entre os quais incluiu os instintos sexuais.

Conforme a posição dualista do autor, com relação às forças instintuais, haveria uma oposição constante no indivíduo entre os instintos de vida e de morte, embora estivessem ambos associados desde o início. No próprio amor objetal haveria a presença dos dois instintos, espelhados no amor e no ódio. O sadismo, que era encarado como componente do instinto sexual, passa agora a ser o representante do instinto de morte que entra em ação a serviço da função sexual. Ao analisar a fusão dos instintos, Freud retorna à concepção da ambivalência entre amor e ódio em "O Ego e o Id" (1923) (26).

O Princípio do Prazer, passa então a ser visto em última análise, como a serviço do Instinto de Morte, isto é, um retorno ao estado inorgânico, através da diminuição de excitação ou de sua manutenção num nível o mais baixo possível. "A tendência dominante da vida mental, e talvez da vida neural em geral, é o esforço para reduzir, manter constante ou para remover tensões internas, uma tendência que encontra expressão no Princípio do Prazer, e nosso reconhecimento desse fato é uma das nossas fortes razões para acreditar na existência de instintos de morte" (25). Freud cita o ato sexual como um exemplo dessa possibilidade: "A sujeição de um impulso instintual seria uma função preliminar, destinada a preparar a excitação para sua eliminação final no prazer da descarga" (25). "A ejeção das substâncias sexuais no ato sexual corresponde, em certo sentido, à separação do soma e do plasma germinal. Isso explica a semelhança do estado que se segue à satisfação sexual completa com o ato de morrer..." (26).

Posteriormente, Freud retoma esse aspecto e faz agora uma diferenciação entre Princípio de Nirvana e Princípio do Prazer. Essa diferenciação se dá em termos qualitativos, não bem definidos, porém estabelecendo a partir daí que o princípio de Nirvana pertence ao Instinto de Morte (constância, estado inorgânico), e o Princípio do Prazer, graças ao instinto de vida, está a serviço da libido. O Princípio da Realidade é a influência do mundo externo, modificando o Princípio do Prazer (27). E acrescenta "...o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do Princípio do Prazer" (28).

Instintos de vida e de morte

Como afirmamos, a partir de 1920 (25), Freud defende a existência de dois instintos principais regendo a vida do ser humano. O Instinto de Vida (libido) e o Instinto de Morte (destrutivo). Em 1923 (26), Freud inclui entre os Instintos de Vida (Eros), o instinto sexual desinibido, os instintos libidinais ou sublimados e o instinto de autopreservação, estes últimos atribuídos ao ego. (Anteriormente eram considerados como opostos aos sexuais). O Instinto de Vida teria como principal função preservar a vida do indivíduo, porém ambos - instintos de vida e de morte - es

tariam presentes em todas as partículas do ser vivo, embora em proporções às vezes desiguais. Nenhum dos dois instintos é menos essencial que o outro e quase nunca uma ação é devida a apenas um impulso instintual.

O instinto de morte visa o retorno do indivíduo ao estado inorgânico. Parte deste instinto é externalizado / sob a forma de agressão e parte permanece no indivíduo, agindo contra ele próprio.

Fusão e Defusão

Em sua última teoria dos Instintos, Freud utiliza os termos "fusão" e "defusão" para descrever as relações entre os Instintos de Vida e de Morte. A fusão representa a mistura desses instintos em que cada um deles pode participar em proporções diversas. A defusão designa o funcionamento separado desses dois instintos, ou seja, sua independência. Esses termos são conceitos energéticos, instintivos.

O instinto destrutivo original pode ser percebido em duas condições: se vier combinado com os instintos eróticos no masoquismo, ou se estiver voltado para o exterior sob a forma de agressividade. É possível que a agressividade não possa encontrar satisfação no mundo exterior porque esbarra em obstáculos reais. Se isso acontecer, recuará talvez e aumentará a carga de autodestrutividade existente no seu interior. A agressividade impedida ou bloqueada parece envolver em grande dano para o indivíduo. É como se fosse necessário para nós destruir uma outra pessoa ou coisa para não nos destruirmos a nós mesmos, a fim de nos protegermos contra o impulso da autodestruição. A destrutividade, juntamente com Eros, forma a essência da vida e para Freud é um fenômeno primário.

A agressividade poderia surgir como um impulso aliado à sexualidade como no sadismo. Além disso a satisfação do instinto acompanha um alto grau de satisfação narcisista, visto que realiza desejos de onipotência.

O instinto de morte pode ser externalizado pa-

ra o mundo através de um órgão do aparelho muscular, como um "instinto de destruição". Quando a agressão é colocada a serviço do instinto sexual através do sadismo tem-se um exemplo de fusão. Essa fusão também pode ser vista ao se analisar a polaridade entre amor e ódio. O amor tanto se faz acompanhar do ódio, quanto às vezes precede ou é precedido por este, nas relações entre as pessoas. Em estudos de homossexualidade, essa transformação dos dois sentimentos se tornou nítida. O sadismo seria um exemplo da fusão entre os dois instintos, isto é, "um vínculo entre as tendências para o amor e o instinto destrutivo", enquanto o masoquismo "constituiria uma união entre a destrutividade dirigida para dentro e a sexualidade" (28, pág. 142). Nas funções biológicas, os dois instintos básicos operam um contra o outro ou combinam-se mutuamente. Assim, "o ato de comer é uma destruição do objeto com o objetivo final de incorporá-lo, e o ato sexual é um ato de agressão com o intuito da mais íntima união" (32, pág. 174)

A defusão instintiva aparece na sublimação: "Depois da sublimação, o componente erótico já não tem o poder de ligar a toda a destrutividade que estava combinada com ele e esta é liberada na forma de uma inclinação à agressão e à destruição" (26, 1923).

A fusão e a defusão são baseadas na possibilidade de haver uma corrente energética entre o ego e o id que pudesse ser deslocada levando de uma instância para outra um impulso erótico ou destrutivo. "Os instintos eróticos parecem ser em geral mais plásticos, mais facilmente desviados e deslocados que os instintos destrutivos" (26, 1923). Dessa forma, os instintos de vida são muito mais atuantes e perceptíveis que os instintos de morte, mudos.

Masoquismo

Ao fazer um estudo do masoquismo, Freud distingue-o em três formas: erógeno, feminino e moral. Queremos destacar aqui principalmente, que quando o instinto destrutivo não é externalizado, volta-se para o próprio eu, fazendo com que o indivíduo tenha um certo grau de sofrimento. Em referência ao maso

quismo moral, Freud afirma que "A volta do sadismo contra o eu (self) ocorre regularmente onde uma supressão cultural dos instintos impede que grande parte dos componentes instintuais destrutivos do indivíduo seja exercida na vida. Podemos supor que essa parte do instinto destrutivo que se retirou, aparece no ego como uma intensificação do masoquismo. Os fenômenos da consciência, contudo, levam-nos a inferir que a destrutividade que retorna do mundo externo é também assumida pelo superego, sem qualquer transformação desse tipo, e aumenta seu sadismo contra o "ego" (O prob. ec. do masoquismo, 27).

A formação do ego

O aparelho psíquico é constituído, de acordo com o modelo freudiano, por três instâncias: o Id, o Ego e o Superego.

Na infância não há ainda uma diferenciação entre o ego e o mundo externo. As sensações não são percebidas como oriundas do exterior ou do próprio corpo. À medida que a criança reage a estímulos é que vai percebendo que "o ego é contrastado por um 'objeto' sob a forma de algo que existe 'exteriormente' e que só é forçado a surgir através de uma ação especial" (28, pág. 84). As sensações de prazer-desprazer também são dominadas pelo Princípio do Prazer e o Princípio da Realidade atua diferenciando o que é interno e o que é externo. O ego, que a princípio era indiferenciado, se separa do mundo externo e passa a ter como tarefa a auto-preservação. Em relação ao mundo externo, ele lida com os estímulos, controlando sua entrada, armazenando-os e modificando o ambiente em seu próprio benefício, em relação ao mundo interno, controla as exigências dos instintos e sua satisfação. Seus esforços se dão no sentido de obter prazer e diminuir a tensão produzida pelos estímulos, evitando o desprazer (aumento das tensões). O superego surge de uma parte do ego, sob a influência parental, na infância. Retornaremos ao estudo do superego, ao analisarmos o sentimento de culpa.

A diferença fundamental entre o ego e as outras duas estruturas do aparelho psíquico (id e superego) é que es-

As últimas são influências do passado (da hereditariedade e externa, respectivamente), enquanto que o ego é determinado pela própria experiência do indivíduo (32, pág. 171).

A agressividade pode se manifestar em função do ego, satisfazendo seus desejos narcísicos e de onipotência. Esse narcisismo quando ferido cria um aumento de tensão que exteriorizada em forma de agressão, devolve ao ego satisfação narcísica.

Essa noção de satisfação narcísica e de onipotência a nosso ver parece estar relacionada com a posição de alguns psicólogos sociais como Berkowitz e Feshbach que defendem o comportamento agressivo tendo como uma das causas a restauração da auto-estima ameaçada ou danificada pelos outros.

A relação entre narcisismo e auto-estima foi estabelecida por Freud em 1914 (23).

2.3.2. Cultura e agressão - O sentimento de culpa

Em "O Mal-estar da civilização (1930)", (28) Freud analisa as restrições que a sociedade impõe à satisfação das necessidades instintivas do homem e declara o sentimento de culpa como o problema mais grave surgido em decorrência do desenvolvimento da cultura. Nesta obra, Freud assegura que "os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas. Pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa cota de agressividade" (28, pág. 133). E continua, afirmando que essa agressividade tanto pode ser manifesta sob uma provocação externa, quanto pode surgir espontaneamente. Essa agressão inerente ao homem, constitui um dos maiores problemas com os quais a civilização se defronta, ameaçando-a constantemente. Como meio de lutar contra ela, o homem civilizado cria limites de aceitação e controle do comportamento agressivo, impondo normas e criando tabus, referentes a relacionamento entre as pessoas, restrições à vida sexual, principalmente. Embora não tenha muito sucesso com essas restrições - "seria injusto censurar a civilização

por tentar eliminar da atividade humana a luta e a competição - elas são indubitavelmente indispensáveis. Mas oposição não é necessariamente inimizade; simplesmente, ela é mal empregada e tornada uma ocasião para a inimizade" (28, pág. 134).

A agressividade existe no homem, como um instinto, e já existe desde o princípio da vida social da criança: "constitui a base de toda relação de afeto e amor entre as pessoas" (28, pág. 135).

Tanto a agressão é inerente ao homem que ele próprio se sente satisfeito com ela e haverá sempre alguém ou algum grupo que sirva como escoadouro da agressão de uma pessoa ou grupo. Para que um grupo se mantenha coeso e em relação de amor é necessário que outro grupo receba a agressividade externalizada por esse grupo. A respeito dessa necessidade de externalização da agressão Freud afirma que "o instinto de destruição quando moderado e inibido quanto ao seu fim (morte), pode causar a satisfação das necessidades vitais do eu e o controle da natureza, através de sua externalização para objetos" (28, 1930).

Dentro da teoria dos instintos, a agressão apa- receu principalmente como instinto sádico, ligado aos instintos do ego, cuja finalidade não libidinal era a de domínio. Com a postulação do Instinto de Vida e do Instinto de Morte, entretanto, ficou caracterizado que o Instinto de Morte tinha uma parte sua desviada para o exterior, sob a forma de agressividade, podendo estar mesmo a serviço de Eros, como no sadismo, a outra parte estaria voltada contra o próprio self. O instinto quando reprimi- do, ao ser colocado para o exterior voltar-se-ia contra o eu, juntando-se à outra parte voltada para si próprio. "O organismo preserva sua própria vida, por assim dizer, destruindo uma vida alheia... Se essas forças voltam-se para a destruição no mundo externo, o organismo se aliviará e o efeito deve ser benéfico" / (30, pág. 254). A agressividade tolhida parece pois implicar em grave dano para o indivíduo (31, pág. 103).

No desenvolvimento cultural, então, o que existe e a presença continua dos instintos de vida e de morte. O primeiro, com função de reunir, de manter unidos os indivíduos, li-

gando-os libidinalmente uns aos outros. O segundo tenta constantemente impedir esta realização. "Nessa luta consiste essencialmente toda a vida (28, pág. 145).

Freud comenta a rejeição da idéia do instinto de morte por outros analistas e argumenta que ele próprio quando formulou a idéia em "Além do Princípio do Prazer" estava inseguro quanto à sua existência. No entanto em "O Mal-Estar da Cultura", já o considera como impossível de rejeição e argumenta ainda que para o homem é difícil aceitar sua inclinação inata para a destrutividade e agressividade. O instinto agressivo, derivado do instinto de morte tanto pode se manifestar através do sadismo, ligado a Eros, como pode se manifestar também isolado do instinto sexual. Nesse último caso, parece satisfazer às necessidades narcísicas do ego, de onipotência e controle, através do ato agressivo.

A civilização utiliza-se de meios para inibir a agressão do indivíduo voltada para o exterior, sendo o mais importante, o retorno dessa agressão para o próprio indivíduo, isto é, a internalização da agressão no próprio ego. A parte do ego que recebeu essa agressão de volta transforma-se em superego e devolve ao próprio ego a agressividade que este gostaria de externalizar contra os outros, sob a forma de "consciência". O que Freud chama de sentimento de culpa é a tensão entre ego e superego. O sentimento de culpa exige do ego uma reparação e este sente então uma necessidade de punição pelo mau feito ou pelo mau apenas fantasiado e não realizado. O que é mau é definido para o indivíduo como o que provoca medo da perda de amor. Não é determinado pelo próprio ego que bem poderia sentir prazer em sua realização. A dependência de outras pessoas é que causa a ansiedade da perda de amor e evita o ato agressivo (renúncia às satisfações instintivas). No entanto, quando a autoridade é introjetada no superego a vigilância se torna maior e mais imediata sobre o ego que exige punição mesmo pelo desejo instintivo. O sentimento de culpa surge primeiro da ansiedade da perda de amor da autoridade externa e posteriormente, do medo do superego (autoridade interna). Uma consciência mais rígida e severa é formada a partir de cada renúncia instintiva e se forma um círculo vicioso, pois es-

sa consciência cada vez mais severa vai exigir cada vez mais renúncia ao instinto.

Na formação do superego tanto influem a constituição genética herdada quanto o ambiente. Uma criança que tem pais (autoridade) que reprimem a maioria das satisfações de seus instintos, desenvolve contra eles uma certa dose de agressividade. Essa agressividade tem que ser reprimida pelo amor que sente por eles e a criança é obrigada a exteriorizá-lo por outros meios, como a identificação. Através da identificação, incorpora a si a autoridade inatacável. A identificação assim como a introjeção, que ocorrem na formação do superego implicam numa defusão instintiva. ^{A autoridade} Esta transforma-se então em seu superego, entrando na posse de toda a agressividade que a criança gostaria de exercer contra essa autoridade (28, pág. 153). Mas o superego severo representa a própria agressividade do indivíduo contra a autoridade, ao invés de representar a severidade percebida no objeto. "O superego continua a desempenhar o papel de um mundo externo para o ego, embora se tenha tornado uma parte do mundo interno". Representa em toda a vida do indivíduo o passado cultura da criança e a influência também do presente (32, pág. 236). "Uma consciência severa surge da operação conjunta de dois fatores: a frustração do instinto, que desencadeia a agressividade, e a experiência de ser amado, que devolve a agressividade para dentro e a transfere para o superego" (28, pág. 154). A frustração acentua o sentimento de culpa, no caso do instinto agressivo.

Freud argumenta ainda que a educação é falha não só por não preparar os jovens para sua sexualidade como também por não os preparar para a agressividade da qual se tornarão agentes, aumentando então o sentimento de culpa pela realização ou intenção de realizar tais atos. E salienta que a derivação do sentimento de culpa deve ficar restrita ao instinto agressivo e não ser generalizada aos outros instintos, senão de forma indireta, usando a própria agressividade contra o agente frustrador da satisfação instintiva.

Freud faz uma extensa análise do mandamento "Ama a teu próximo como a ti mesmo" e conclui que este "consti -

tui a defesa mais forte contra a agressividade humana e um excelente exemplo dos procedimentos não psicológicos do superego cultural" (28, pág. 168). Freud considera esse mandamento impossível de ser obedecido, sem significado algum para qualquer indivíduo, que face a uma pessoa estranha é mais levado a sentimentos de desconfiança e mesmo de ódio, do que de amor.

O que se pode então esperar da cultura, na dominação do instinto agressivo humano? Há uma equiparação no desenvolvimento cultural filogenético e ontogenético. A luta entre Eros e Thanatos tanto ocorre no processo de civilização da humanidade quanto no desenvolvimento do indivíduo, embora a dinâmica possa ter aspectos especiais em um e em outro. O que se pode esperar então é que "o outro dos dois 'poderes celestes', o eterno Eros, desdobre suas forças para se afirmar na luta com seu não menos imortal adversário" (28, pág. 171).

Em carta a Einstein (1933) (30) Freud acrescenta que o processo da civilização acarreta mudanças psíquicas que são deslocamento dos fins instintivos e limitação imposta aos impulsos instintivos. Uma chance surgida no processo da civilização pode diminuir as possibilidades de guerra. Essa chance está relacionada à dominação do intelecto fortalecido sobre os instintos e à própria internalização dos impulsos agressivos. Um pouco antes, entretanto, afirma que "de nada vale tentar eliminar as inclinações agressivas dos homens" (30, pág. 254). O que se pode tentar fazer e desviar essas inclinações para que não se manifestem através da guerra. Isso poderia ocorrer estreitando-se os vínculos emocionais dos homens (utilizando os serviços de Eros) e promovendo maiores identificações entre os homens. "A situação ideal, naturalmente, seria a comunidade humana que tivesse subordinado sua vida instintual ao domínio da razão" (30, pág. 256). Porém, afirma Nagera, em troca dos sacrifícios impostos a sua sexualidade e sua agressão, o homem civilizado ganha uma maior segurança (50, pág. 115).

Fraz Alexander (1941) discorda da posição de Freud com relação à guerra e afirma que embora Freud tenha assumido que o homem tem uma agressividade inata, falhou em discutir

a relação entre destrutividade e guerra. Para ele, o fato do homem ter impulsos agressivos não nos permite postular que a guerra é inevitável. Além disso, a existência de uma destrutividade inata que atravessa os limites de auto-preservação não foi convincentemente demonstrada (1, pág. 280).

A teoria de Freud sobre instinto de morte e agressão primária dirigida contra o ego é criticada por Paul Schilder (1942), que argumenta que atividade e agressão são primariamente construtivas, são expressões de interesse na construção do objeto e na relação com o objeto, no mundo infantil. Ainda segundo esse autor, a agressividade se origina na estrutura orgânica e nesse sentido é mais difusa, enquanto que traumas psíquicos levam à agressão com relação a situações específicas. A privação de amor e alimento aumenta as tendências agressivas nas crianças e a agressão resulta de experimentação com objetos do mundo externo. A destruição pode se tornar um alvo direto, mas nunca um fim; construção seria o alvo final (52, pág. 248).

Por outro lado, Melanie Klein concebe que a experiência com o meio externo é determinada mais pelos conteúdos inatos do bebê do que pela atitude dos objetos externos. Tais objetos representam um papel secundário na determinação da vida psíquica da criança dado que seria impelido pela luta interna entre os componentes oral libidinal e oral-destrutivo, que o bebê projetaria no exterior essa luta. A concepção da destrutividade como inata está de acordo com a formulação freudiana do Instinto de Morte que é por ela também aceito (40, pág. 41).

Freeman (22, pág. 162), afirma que Freud chegou à conclusão final de que a tendência para a agressão é uma propensão inata, independente, instintiva no homem. No entanto, argui ele, muito comportamento agressivo controlado pelo ego, pode ser, por exemplo, uma reação a uma ameaça à autopreservação; aqui então, a agressão não é um fim em si mesma, mas tem natureza incidental ao satisfazer os propósitos do ego.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazermos uma revisão das teorias expostas encontramos que a teoria da frustração-agressão mostra-se incompleta e pouco abrangente, já que a dinâmica da agressão envolve uma grande diversidade de comportamentos agressivos que não podem ser categorizados dentro da explicação restrita fornecida por essa teoria. Prova disso é que a maioria dos teóricos atuais dão apenas um valor histórico aos trabalhos do grupo de Yale. O próprio Berkowitz (8) que iniciou seus trabalhos baseados nesta teoria, critica-a como simplista, acrescentando que a agressão é um fenômeno muito mais complexo do que foi colocado por Dollard e seus colaboradores.

É evidente que a frustração pode resultar em agressão e que a agressão seja uma das possíveis consequências da frustração, mas o processo não se resume a essa relação causal. Parece-nos ainda que o abandono dos autores à questão da agressão ser inata ou aprendida tem a ver com a precariedade da teoria. Eles apenas salientam que a frustração e agressão são sempre unidas como sequências de respostas, que poderiam já se manifestar no próprio nascimento, mas admitem ignorar se a origem dessa relação é inata ou aprendida.

Mesmo a idéia de que o comportamento agressivo teria uma função catártica é questionada por autores como Feshbach que propõe que a agressão pode ter efeito purificador se a situação subsequente está relacionada com a do ato agressivo, o mesmo não ocorrendo na ausência dessa relação, quando então pode ocorrer maior agressão numa segunda oportunidade.

A posição dos autores parece um pouco ambígua. Usam metodologia experimental e analisam apenas o comportamento manifesto ao estudarem a agressão no indivíduo. Ao estabelecerem a segunda F-A parece-nos possível predizer que ao se eliminar a frustração, a agressão desapareceria, o que os colocaria numa posição de ver a agressão como controlável e passível de eliminação, concordando com os teóricos da aprendizagem.

Por outro lado, admitem a agressão como catártica e falam em deslocamento da agressão, como os instintivistas, embora não aceitem a agressão como pulsão autônoma, que pudesse se manifestar espontaneamente.

Embora falha, no entanto, a teoria F-A serviu como ponto de partida para pesquisadores que incluíram outros elementos de estudo na relação causal primária, complexificando e ampliando essa relação.

Parece-nos que Berkowitz conseguiu dar maior significância a essa teoria ao incluir dois elementos importantes na relação F-A - a raiva e a interpretação que o indivíduo dá à situação frustradora. Esses dois elementos são importantes numa análise da agressão pois envolvem tanto o aspecto afetivo (raiva) quanto o cognitivo (interpretação) do indivíduo, além do social, pois é o ambiente que vai fornecer ao indivíduo as condições antecipatórias e consequentes da agressão.

Berkowitz, tanto considera a raiva como uma resposta inata à frustração, e admite a existência de uma personalidade agressiva, como propõe que as condições ambientais vão interferir na manifestação da agressão, inibindo-a ou provocando-a. Além disso, a ênfase no processo de socialização da criança, na influência dos pais e instituições e nas situações sócio-culturais do indivíduo, provê dados significativos para uma visão mais abrangente de um fenômeno que por muitos autores é visto apenas por um ângulo.

Embora seguindo a mesma linha de pesquisa e metodologia, Bandura se restringe mais que Berkowitz ao compor suas formulações teóricas. Ele próprio, dentro de sua "Teoria da Aprendizagem Social" se propõe a analisar apenas os aspectos sociais responsáveis pelo comportamento agressivo. O que interessa a Bandura é a rotulação do comportamento agressivo, a avaliação que lhe é dada, suas formas de aprendizagem e controle. Apesar de admitir teoricamente que o homem tem capacidades de auto-direção, recusa-se a aceitar qualquer concepção que afirme um aspecto instintivo agressivo e seus trabalhos experimentais mostram um to-

controle sobre o comportamento humano. Bandura admite ainda a total eliminação da agressão sem danos para o indivíduo.

A maior importância é dada ao aspecto da aprendizagem vicária da agressão e suas conseqüências reforçadoras ou punitivas e nenhum significado especial tem o drive agressivo para a TAS.

Diferentemente, Feshbach distingue entre a agressão como um drive e agressão instrumental, embora como Bandura dê ênfase maior à influência do ambiente no comportamento agressivo. Feshbach acredita na agressão como tendo efeito catártico em certas situações, mas para ele o drive agressivo não tem o caráter inato da teoria Freudiana, pelo contrário surge no processo de socialização.

No entanto é interessante notar que Feshbach aceita a hipótese F-A (embora não se restrinja a ela) e também algumas colocações da teoria psicanalítica, quando sugere por exemplo, que uma fonte de drive agressivo pode ser a gratificação do impulso erótico.

Daí, sua proposição teórica, não ser suficientemente explícita, pois ele não esclarece adequadamente o conceito do drive agressivo. Apenas afirma que esse conceito não pressupõe uma teoria do instinto, nem uma teoria modificada do instinto, como na teoria F-A.

Ao afirmar ainda que o drive agressivo (uma motivação adquirida) tem sua origem no emparelhamento de "causar injúria" com a "contra-agressão", explica a origem do ato a partir do próprio ato, o que consiste também numa clarificação insuficiente da origem do drive agressivo.

A teoria etológica da agressão sofreu diversas críticas nos meios científicos.

O que nos parece mais intrigante é a caracterização do ser humano feita pelos etologistas no mesmo nível dos outros animais. Assim, é possível a extrapolação de dados obtidos da ob

servação de comportamento de gansos para o homem, eximindo-o de qualquer responsabilidade sobre seu próprio comportamento e destino.

A tese defendida por Lorenz e outros de que o comportamento agressivo é filogeneticamente adaptativo parece óbvia, considerando-se que os animais nos quais a agressão foi maladaptativa não existem mais.

A teoria etológica da agressão falha por não fornecer uma teoria sistemática. Ao contrário, Lorenz demonstra sua teoria apenas através de exemplos seletivos, usando expressões in definidas, não indicando critérios que tornem convincentes suas hipóteses. Johnson (39, pág. 211) afirma sobre os etologistas "No one really knows exactly what they mean nor is it clear that they them selves know". E critica ainda a colocação da agressão como analoga a outros drives biológicos como a fome, pois se a falta de comida aumenta a fome cada vez mais, a ausência de agressão não torna ninguém necessariamente mais agressivo.

Denker (15, pág. 160) argumenta que Lorenz, ao estilo de outros biólogos como Darwin, observa a natureza conforme as situações sociais que atravessa em sua época. Assim, Lorenz coloca que se luta pela ordem hierárquica, se defende o território vital e se elimina o rival no amor. No entanto, no homem isso não acontece exatamente dessa forma. Os instintos evoluíram no homem. Mas as novas armas mortíferas que atuam à distância e portanto excluem a inibição de matar, introduzem uma mudança radical nessa ordem. O homem não só luta, como também mata. E os "Grandes Construtores" ainda não modificaram a estrutura dos estímulos endógenos do homem. Então, só restaria ao homem esperar uma melhor "hora cósmica" até que a natureza se apiede e melhore a convivência dos homens.

Denker acrescenta ainda que Lorenz viola os limites demarcados por ele próprio, ao pretender que o que é válido para os gansos seja também para o homem.

Lorenz não só interpreta o comportamento dos animais autropomorficamente como também faz um teromorfismo, ao interpre

tar o homem como um animal.

Uma contradição evidente na colocação de Lorenz se refere à espontaneidade do impulso agressivo. Ora a agressividade é tida como manifestação inevitável e saudável para o homem, ora é sujeita à inibições e um certo controle por parte do ambiente, através da aprendizagem e experiência individual.

As defesas contra a agressão propostas por Lorenz e Storr parecem ingênuas e contraditórias. Qualquer pessoa ao encarar a violência que está por trás das lutas e competições, não só a nível comunitário como a nível internacional, como pretendem os etologistas, pode perceber que os jogos são mais uma oportunidade para manifestação da agressão pura e simples contra as pessoas, numa forma aceita socialmente, do que um desviante da energia agressiva.

Storr (55) defende a agressão como essencial para a manutenção da paz e da ordem, estabelecendo como ideal a hierarquia baseada na dominância. A sociedade que pretende se manter coesa deve deixar de lado os ideais democráticos. Apesar de discordarmos totalmente dessa posição extremista, preferimos não discutir esse aspecto, que seria assunto para um trabalho a parte, de conteúdo político, que foge à preocupação da discussão presente. Apenas cumpre lembrar que o próprio autor se contradiz ao afirmar que o desacordo, a controvérsia e mesmo a luta competitiva tem uma função positiva na existência humana. No entanto, essa oposição necessária à manutenção da identidade humana não pode existir num sistema hierárquico rígido.

A teoria do Instinto de Morte Freudiana não tem muitos adeptos na psicanálise moderna. A maior adepta dessa concepção de Freud foi Melanie Klein e seus seguidores. Com relação a eles comentam Heimann e Valenstein (35, pág. 33: "The followers of Melanie Klein accept as literal Freud's most speculative venture into global theory, i.e. his speculative superordinal proposition of two classes of primal drives, namely the life and death instincts, latter called by Freud the primary forces of life and death (1937). They apply the concept of the death ins-

tinct directly to their clinical evaluations and technique as if it were clinical theory, immediately verifiable in the microscopic field of the psychoanalytic situation".

Stein (54) cita que muitos dos psicanalistas atuais preferem considerar a agressão como uma energia comparável à libido, sem entrar em questão à existência de um instinto destrutivo primário, enquanto outros rejeitam a idéia da necessidade de qualquer conceito primário de agressão. A agressão seria extrinsecamente motivada e conseqüentemente não seria um instinto. Nessa posição, Stein coloca Fenichel, Gillespie e Stone.

Para Gillespie a agressão seria um meio de fazer as coisas ao invés de uma atividade em si própria e questiona a concepção da agressão como um elemento irreduzível e fundamental na constituição humana (35, pág. 34).

E Brenner vai além quando recorre ao apoio de campos correlatos para contribuírem com os dados obtidos apenas nos conceitos de drive psicanalítico (35).

Heimann e Valenstein (35, pág. 35) salientam que a agressão está clinicamente ligada às neuroses, a auto-defesa na infância e condições ambientais que não permitiram as necessidades da expressão normal da agressão no desenvolvimento. No entanto, os estados de tensão na primeira infância não devem ser confundidos com manifestações do drive no adulto. É necessário distinguir entre potencial agressivo (inato) e a emergência da agressão reconhecível (nível comportamental)⁽¹⁾. Derivativos do drive agressivo se tornam parte da estrutura do ego, servindo, dessa forma, a um propósito adaptativo.

Com relação ao instinto de morte, Denker (15, pág.

(1) Nesse ponto, a posição psicanalítica atual não seria tão diferente da de Berkowitz (1975) que defende uma disposição inata para agressão no homem. A diferença maior além da metodológica, talvez resida na ênfase à aprendizagem da manifestação da agressão.

86) interpreta "Estas pulsiones son construcciones teóricas. No constituyen una descripción directa de la realidad. Freud mismo calificó su teoría de las pulsiones de 'mitología' pues en ella se atribuye a estas un poder de semidioses que determinan todos los fenómenos de la vida y de la muerte". Denker acrescenta ainda que Freud não pretendeu criar mitos ou religiões substitutivas, mas que sua teoria das pulsões teria caráter de modelo.

É Johnson (39, pág. 217) argumenta: "O instinto de morte, é claro, não é um conceito científico e portanto não pode nunca ser provado ou 'desprovado'".

A noção instintivista do modelo hidráulico defendida tanto pela psicanálise quanto pela etologia, é criticada por Johnson (39, pág. 212) "Encouraging the 'flushing out' of hostility, in cathartic therapy may do little good and in fact may provide a negative model for maintaining or increasing deviant behavior".

Comparando as duas correntes instintivistas Johnson afirma que Freud concebeu a agressão como uma necessidade destrutiva, enquanto Lorenz a viu como um instinto adaptativo. Além disso, Freud dá ênfase ao papel da experiência social, particularmente na infância e a agressão poderia na teoria psicanalítica, ser controlada embora não eliminada, provendo-se saídas aceitáveis para o drive agressivo.

Megargee (48, pág. 14) concorda com Johnson quando afirma que enquanto Lorenz admite que tanto a motivação agressiva quanto as inibições são inatas, Freud sustentou que embora os impulsos agressivos tenham uma base biológica, as inibições se desenvolvem durante a infância, em consequência da solução do complexo de Édipo e da formação posterior do superego ou consciência moral.

Guntrip (34) rejeita o instinto de morte freudiano e coloca a agressão como fruto do medo e da ameaça ao eu nas relações do indivíduo como meio. A agressão poderia surgir dessas relações objetivas na infância e também como consequência da frustração.

Maple e Matheson (47, pág. 12) consideram que o mais importante na teoria de Freud foi a noção de energia. Os homens são dirigidos, de acordo com Freud, para se comportar em certos modos e a energia por traz dessas urgências necessita encontrar expressão de uma forma ou de outra. O potencial de energia para o comportamento está sempre presente em algum nível.

Para Denker (15, pág. 195), ambas as Teorias, F-A e Instintivistas podem ser superadas por um modelo que conceba a agressão como uma pulsão secundária (sem uma fonte somática específica) que nasce quando se impede a um ser vivo satisfazer suas necessidades vitais. Em vez de uma pulsão da agressão inata, seu ponto de partida é um ego de prazer puro - como vem ao mundo - cuja energia é despertada por uma experiência traumática primitiva, como descrita por Freud anteriormente.

As posições atuais da Psicanálise com relação à agressão diferem da de Freud principalmente na relação da manifestação da agressão com o ego. Freeman (22, pág. 162) por exemplo, coloca que o reconhecimento psicanalítico da natureza da agressão foi gradual e que o próprio Freud não aceitou a existência de um instinto de agressão especial em seus trabalhos iniciais. Contudo, Freud nos legou a conclusão de que a tendência à agressão é uma propensão inata, independente e instintiva no homem. Mas Freeman replica que muito do comportamento agressivo é controlado pelo ego; pode ser, por exemplo, uma reação à ameaça à auto-preservação. Isto significa que a agressão deixará de ser um fim em si mesma para ser de natureza, incidental ao satisfazer os propósitos do ego.

CONCLUSÕES

"It is difficult to ascertain which variables are most critical in the normal development of a human being and thus which factors may be responsible for the appearance of aggressive or hostile behavior (Maple)."

"It is relatively easy to identify environmental or nurture variables per se, but it is somewhat difficult to delimit them: That is, to establish where nature variables end and nurture variables begin. At what point does biology turn into sociology? (Maple)."

Dentro de tudo que foi visto, parece-nos que as conclusões a que podemos chegar sobre as origens da agressão e sua dinâmica não são muito animadoras em termos definitivos. Parece ainda que, apesar da vasta literatura a respeito, a parte maior do "iceberg" continua encoberta.

É realmente difícil se estar seguro com relação às teorias que se apresentam pois, ou se restringem a uma relação causal, ou são constructos hipotéticos, ou se resumem em considerações "românticas" tecidas com base em exemplos selecionados, ou abordam apenas uma faceta do problema pretendendo com isso abarcar toda a manifestação agressiva no homem.

A questão de se optar por uma visão única implica em deixar de lado trabalhos cientificamente valiosos que podem contribuir enormemente para a clamação do problema em questão. Como diz Eisenberg (18, pág. 56) - "What we choose to believe about the nature of man has social consequences" e é necessário estarmos conscientes dessas implicações sociais em face de uma posição assumida.

No entanto, concordamos com Megargee (48, pág. 49) quando afirma que uma solução inequívoca desse problema (origem da agressão) é talvez impossível, pois aparentemente existem tanto fatores biológicos quanto fatores de experiência que certamente influem no comportamento agressivo. Em vez de se terem os fatores biológicos como prova de impulsos inatos e destrutivos no

homem, pode ser mais produtivo considerar tais processos fisiológicos como capazes de fornecer estruturas básicas de ativação ou de prontidão para respostas no interior do indivíduo.

Como Eisenberg (18, pág. 58), afirma não há fundamentos sólidos para a extrapolação teórica dos instintivistas, etólogos, behavioristas ou psicanalistas, apesar da "súplica" especial que sempre é tão sedutiva para aqueles ávidos de uma "ciência real" do comportamento. Nem é válido o pessimismo exagerado dos que creem que a agressividade ou territorialidade está na natureza do homem, para justificar o que existe como o que precisa existir. Nesse caso, a repressão social se torna uma resposta à violência, ao invés de causa da mesma. Nem o falso otimismo dos engenheiros comportamentais, que ignoram a variação biológica e criatividade do indivíduo. Concordamos ainda com Eisenberg (18) ao considerar ser mais parcimonioso se assumir que os homens são por natureza nem agressivos nem pacifistas, mas ao invés disso assim se tornam como resultado de uma interação complexa entre uma grande e modificável classe de dados biológicos e influências modeladoras do ambiente biológico, a cultura e a experiência individual. "O homem é seu principal produto".

Tinbergueu (56, pág. 286) tem uma visão semelhante a de Eisenberg com relação à interação organismo x meio no processo de desenvolvimento: "...This is owing to the discovery, on the one hand that 'innate' patterns may contain elements that at an early stage developed in interaction with the environment and, on the other hand, that learning is, from step to step, limited by internally imposed restrictions".

Algumas correntes psicanalíticas atuais enfatizam o ambiente e o aspecto reativo da agressão.

Dentre os psicanalistas, a posição de Denker, (15) nos parece lógica e adequada ao problema da agressão. Acredita ele que só depois de se explicar as diferenças que ainda subsistem entre as distintas orientações será possível discriminar que parte da agressão tem sua origem no indivíduo e que parte se deve às circunstâncias sociais. Só depois se poderão desenvolver mecanismos adequados para modificar, se for necessário, a agressão ao mesmo tempo que as condições que a motivam.

Provavelmente, afirma Denker, não existe nenhuma fonte específica de origem somática para a pulsão da agressão, a qual talvez se forme e atue através do sistema muscular em caso de obstrução das pulsões genuínas, quando estas paralizadas pelo aparecimento da angústia, mobilizam o sistema muscular quer seja para eliminar agressivamente o obstáculo ou para buscar um objeto substituto.

Denker (15, pág. 165) propõe um modelo da agressão baseado nos processos internos do organismo e nas influências do meio. Para ele, existem energias oriundas do corpo que atuam a nível inconsciente. Existem ainda centros localizados no encéfalo que desempenham um papel de descarga psíquica, que se transforma em sistema orgânico da agressão, quando um organismo mobiliza seu sistema muscular ao ser impedida a satisfação de suas necessidades básicas. A frustração também pode seguir-se uma reversão contra o próprio indivíduo, da qual este pode estar consciente ou não. Além da expressão direta da agressão contra objeto frustrante, também podem haver superposição ou substituição, como também a reversão.

As condições sociais, nessa proposta de Denker, desempenham papel decisivo na estruturação da agressão, seja na desinibição do ato de matar, como na guerra, ou na manipulação da agressão ideologicamente, através dos meios de comunicação de massa.

Essa visão difere da dos instintivistas tradicionais principalmente pela colocação da agressão como reativa, sem a espontaneidade característica das proposições de Freud e Lorenz. É mais importante, ao diferir de instintivistas e behavioristas, provê ao homem a capacidade racional de, pelo menos até certo ponto dirigir suas próprias ações, antevendo conseqüências e fazendo opções.

Realmente, como afirmamos anteriormente parece difícil confiarmos em uma única teoria como abrangente da problemática da agressão. Além disso, seria inconsequente e desvantajosa a afirmação de que todas essas teorias se entrelaçando produziriam como resultado uma teoria "real" da agressão.

Apesar das dificuldades de um posicionamento seguro, no entanto, para nós alguns pontos são fundamentais. O primeiro se refere à espontaneidade da agressão. Pela total falta de provas científicas e pela precariedade da argumentação teórica dos que a defendem, consideramos essa idéia impossível de ser aceita. Dado o fato de o homem se desenvolver num ambiente social que está, a todo tempo, interferindo no seu comportamento e deixando "marcas" na personalidade do indivíduo, como se pode afirmar com segurança que um ato agressivo esteja ocorrendo espontaneamente, independente de qualquer provocação ambiental, circunstancial ou não? Evidentemente, há todo um caráter ideológico nessa posição, no entanto, qualquer área de ciência está envolvida pela ideologia e algumas até mesmo por questões de fé.

Um segundo ponto que gostaríamos de ressaltar e que está relacionado ao primeiro é a importância que existe do meio ambiente no comportamento agressivo dos indivíduos. E quando falamos de indivíduos aqui, estamos falando de seres humanos, e não de animais. Talvez nosso estudo se mostre incompleto, por carecer de contribuições da sociologia e antropologia que talvez fundamentassem melhor essa nossa idéia. No entanto, quando nos propusemos a esse trabalho não tínhamos condições de ampliá-lo a tal ponto que pudesse abarcar por todos os lados a agressão, que é em suma, um problema social, e preferimos analisá-lo apenas dentro da visão um tanto restrita, da psicologia. Se tivéssemos considerado aqui também a influência que têm no comportamento agressivo humano, as condições precárias de vida, a subalimentação, as frustrações advindas do disnível social, a ausência de liberdade e uma série de outros fatores sociais, temos certeza de que nossas conclusões poderiam ser mais esclarecedoras e nosso trabalho mais produtivo.

No entanto, temos que ficar com os dados que temos. E o que eles nos sugerem é que o ambiente exerce enorme influência no desenvolvimento do indivíduo e grande parte de seu comportamento é controlado pelo ambiente que o cerca.

Concluindo, tanto as posições instintivistas como behavioristas pecam por isentar o homem da responsabilidade sobre seu próprio comportamento, deixando-o sem opção. Ou o homem

é comandado por instintos que urgem em ser externalizados a qual quer custo, ou é controlado pelo ambiente que o modela. Essa robotização do homem não coincide com o modo como o vemos.

Preferimos a idéia de que existe no homem uma predisposição latente para a agressão, que poderia ou não ser chamada de instinto⁽¹⁾. Essa capacidade inata teria como função a preservação da vida do indivíduo, criando-lhe condições de defesa, de disposição e de luta, mas sempre num sentido reativo. O ambiente atua sobre comportamento agressivo no homem, fornecendo-lhe as situações em que a agressão pode ou deve ser manifesta, normas e padrões de comportamento, repressões, inibições ou facilitação da agressão.

Parece evidente que o processo de socialização tem muito a ver com a manifestação da agressão no indivíduo. Frustração, carência afetiva, rejeição dos pais, inadaptação à padrões rígidos de conduta, são fatores que sem dúvida influem no desenvolvimento da personalidade agressiva. A ameaça a auto-estima parece ser também uma causa relevante do comportamento agressivo.

O indivíduo teria então, uma potencialidade para a agressão, potencialidade esta de caráter filogenético, que poderia ou não resultar em comportamento agressivo. O ato agressivo, por outro lado, também depende da história familiar e social do indivíduo, de frustrações, modelos reforçadores ou punitivos, características de personalidade compatíveis ou não com agressão.

O comportamento agressivo reativo, resultante da complexa interação entre esses fatores teria como objetivo atender às necessidades do indivíduo que agride, em algum grau e de

(1) A dificuldade que nos surge no uso desse termo, pelo menos no sentido freudiano, é que o instinto para Freud tem uma fonte orgânica e é difícil de se imaginar a localização orgânica do instinto agressivo, enquanto fome e sexo por exemplo são instintos claramente identificáveis quanto a aspectos topográficos. Ao postular a existência dos Instintos de Vida e de Morte, Freud afirmou que o Instinto de Morte já se encontra em cada célula dos organismos pluricelulares, mas essa consideração já faz parte de um constructo teórico e portanto impossível de avaliação científica.

alguma espécie.

Achamos válido aqui, concluir com um pensamento de Denker (15, pág. 190) a esse respeito:

"El gobierno de la conducta humana, no deve esperar se de los grandes gestadores del cambio en las espécies ni del poder divino del Eros, sino, unicamente, de la actividad humana en un processo de elucidación crítica, cuyo fin es descubrir falsas formas de repressão y defensa para vivenciar sus contenidos de manera nueva y racional, para reorientar sus funciones y en caso necessário, sublimarlos".

Sistematizando melhor nosso ponto de vista a respeito das origens do comportamento agressivo cabe aqui sintetizar que:

- A) Rejeitamos as posições parciais de teóricos que consideram a agressão como tendo uma única origem, seja ela filogenética, fisiológica ou ambiental.
- B) Discordamos ainda dessas posições que, ao subjugarem o homem ao domínio total de seus instintos ou ao oposto, do ambiente, ignoram outros determinantes do comportamento agressivo humano.
- C) Consideramos a evidencia de que nenhuma teoria pretende, nem é capaz, de abarcar e explicar toda a dinâmica do fenômeno agressivo, mas achamos que um estudo profundo do comportamento agressivo deve levar em conta as estruturas genéticas, biológicas, físicas, sociais e linguísticas, que são determinantes da personalidade. Esse tipo de estudo parece de difícil consecução por seu caráter interdisciplinar, embora talvez, não impossível.
- D) Nossa concepção é de que uma abordagem psicológica da agressão no homem deve pressupor a existência de uma capacidade inata para a agressão. Essa predisposição latente, de caráter reativo, teria uma função de defesa no indivíduo, uma função conservadora da vida. Considerando que os interesses vitais do homem abrangem uma vasta área tanto física quanto biológica, social e psicológica podemos supor que o fenômeno aqui torna-se muito mais complexo do que nos animais. Nessas condições, não estamos colocando aqui a noção de instinto adotada pelos etologistas e discutida anteriormente.
- E) Por outro lado, o homem, no seu desenvolvimento, sofre a influência de determinantes culturais, sociais, históricos, físicos e psicológicos (conscientes ou inconscientes). Esses fatores atuam no comportamento do indivíduo, dirigindo-o, pelo menos em parte.
- F) A atuação do ambiente não pode ser subestimada ao analisar-se o fenômeno agressivo. É esse ambiente que vai frustrar o indi

víduo, ferir-lhe a auto-estima, inibir ou facilitar-lhe o comportamento agressivo. E é contra esse ambiente que o indivíduo vai usar sua capacidade agressiva inata como auto-defesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - ALEXANDER, F. - The Psychiatric Aspects of War and Peace (1941). In: Agression, Hostility and Violence - Nature or Nurture? Maple, Matheson & Holt (Ed.) Holt, Rinehart and Winston, Inc. 1973.
- 2 - ARDREY, R. - The Territorial Imperative. Collins, Londres , 1967.
- 3 - BAND, A. - Um exame crítico do conceito freudiano de "Instinto de Morte" (TODESTRIEB). Dissertação de Mestrado - PUC-RJ, 1977.
- 4 - BANDURA, A. - Agression: A Social Learning Analysis. Prentice-Hall, 1963.
- 5 - _____ . - Social Learning Theory of Agression. In: Journal of Communication, Summer, 1978.
- 6 - BENDER, L. - Treatment of Agression: Agression in Childhood (1943). In: Agression, Hostility and Violence - Nature or Nurture? Maple, Matheson & Holt (Ed.) Holt, Rinehart and Winston, Inc. 1973.
- 7 - BERKOWITZ, L. - Agression: a Social Psychological Analysis - McGraw Hil, New York, 1962.
- 8 - _____ . - Roots of Agression. A Re-examination of the Frustration-Agression Hypothesis, New York, 1969.
- 9 - _____ . - Simple Views of Agression (1969). In: Man and Agression. Montagu, A. Ed., Oxford University Press, 1973.
- 10 - _____ . - Some Determinants of Impulsive Agression. In: Psychological Review, vol. 81, nº 2, pág. 165-176 , 1974.

- 11 - BERKOWITZ, L. - A Survey of Social Psychology - Dryden Press, 1975.
- 12 - BOULDING, K. E. - Am I a Man or a Mouse - or Both? (1967). In: Man and Agression. Montagu, A. (Ed.) - Oxford University Press, 1973.
- 13 - BRENMAN, E. - O Ponto de vista psicanalítico. In: Sexualidade e Agressividade na Maturação-Novas Direções, Sydney Klein (Org.), Instituto de Psicanálise de Londres (1969). Imago, 1975.
- 14 - BYCHOWISKY, G. - Odio y violencia en la vida contemporanea. Ed. Paidós, Buenos Aires, 1971.
- 15 - DENKER, R. - Elucidaciones sobre la agresion, Amorrortu Ed., Buenos Aires, 1973.
- 16 - DOLLARD, J., MILLER, N.E., DOOB, L., MOWRER, O.H., and SEARS, R.R. - Frustration and Agression. Yale University Press - New Haven, 1961.
- 17 - DUBOS, R. - Man's Nature and Social Insitutions (1971): In: Man and Agression, Montagu, A. (Ed.), Oxford University Press, 1973.
- 18 - EISENBERG, L. - The Human Nature of Human Nature (1972). In: Man and Agression. Montagu, A. (Ed.), Oxford University Press, 1973.
- 19 - FESHBACH, S. - The function of agresion and the regulation of aggressive drive (1964). In: Psychological Review, nº 71, pág. 257 a 272.
- 20 - _____ . - Dynamics and Morality of Violence and Agression: Some Psychological Considerations (1970). In: American / Psychologist, nº 26, pág. 281 a 292, 1971.
- 21 - FESHBACH, S. & SINGER, R.D. - Television and Agression (1971).

In: Agression in Man and Animals, Johnson, R.N., W.B. Saunders Comp., 1972.

- 22 - FREEMAN, D. - La agression humana en perspectiva antropológica. In: Historia Natural de la Agression, Carthy, J.D. & Ebling, F.J. (Edit.) - Siglo Veintiuno Edit. S.A. México, 1977.
- 23 - FREUD, S. - Sobre o Narcisismo: Uma Introdução (1914). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Imago, 1974, Rio de Janeiro, pág. 89-119.
- 24 - _____. - Os Instintos e Suas Vicissitudes (1915). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV, 137-162, Imago, 1974.
- 25 - _____. - Além do Princípio do Prazer (1920) - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII, pág. 17-85, Imago, 1976.
- 26 - _____. - O Ego e o Id (1923). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIX, pág. 23-76, Imago, 1976.
- 27 - _____. - O Problema Econômico do Masoquismo (1924) - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIX, pág. 119-212, Imago, 1976.
- 28 - _____. - O Mal-Estar na civilização (1930). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Imago, 1976.
- 29 - _____. - Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (1933/1932). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Imago, 1976.
- 30 - _____. - Por que a guerra? Carta a Einstein (1933) - Edição

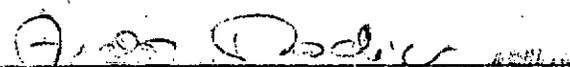
ção Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXII, Imago, 1976.

- 31 - FREUD, S. - Ansiedade e vida Instintual (1933). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXII, pág. 103-138, Imago, 1976.
- 32 - _____ . - Esboço da Psicanálise (1940/1938). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII, pág. 168-237, Imago, 1975.
- 33 - FROMM, E. - Anatomia da Destrutividade Humana - Zahar Edit. 1975.
- 34 - GUNTRIP, H. - El Self en la teoria y la terapia psicanalítica. Amorrortu Ed., Buenos Aires, 1971.
- 35 - HEIMAN, P. e VALENSTEIN, A.F. - The Psuchoanalytical Concept of Agression: an Integrated Summary. In: International Journal of Psycho-Analysis, vol. 53, Part. I, 1972.
- 36 - HOKANSON, J.E. - Avaliação Psicofisiológica da Hipótese da Catarse. In: A Dinâmica da Agressão. Megargee, E.I. e Hokanson. J.E. - Flórida State University, EPU, 1976.
- 37 - HUNT, M. - Man and Beast (1970). In: Man and Agression, Montagu, A. (Edit.), Oxford University Press, 1973.
- 38 - JANIS, I.L. e KATZ, D. - The reduction of Intergroup Hostility (1959). In: Agression, Hostility and Violence, Nature or Nurture? Maple e Matheson Edit. Holt, Rinehart e Winston Inc., 1973.
- 39 - JOHNSON, R.N. - Agression in Man and Animals, W.B. Saunders Comp. 1972.
- 40 - KAUFMANN, H. - Psicologia Social, Interamericana, México, 1971.

- 41 - KLEIN, M., HEIMANN, P., MONEY-KYRLE, R.E., Novas Tendências na Psicanálise, Zahar Ed. 1969.
- 42 - KLEIN, M., HEIMANN, P. ISAACS. S., RIVIERE, J. - Os Progressos da Psicanálise, Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1978.
- 43 - LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. - Vocabulário de Psicanálise. Moraes Ed. Lisboa, 1970.
- 44 - LEACH, E. - Don't say "Boo" to a Goose (1966). In: Man and Agression, - Montagu, A. Edit., Oxford University Press, 1973.
- 45 - LINDZEY, G., HALL, C.S. & THOMPSON, R.F. - Psychology - Worth Publishers, Inc. 1975.
- 46 - LORENZ; K. - A Agressão: Uma história Natural do Mal, Moraes Ed. Lisboa, 1974.
- 47 - MAPPLE, T. e MATHESON, D.W. - Agression, Hostility and Violence: Nature or Nurture? Holt, Rinehart and Winston Inc., 1973.
- 48 - MEGARGEY, E.I. e HOKANSON, J.E. - A Dinâmica da Agressão - EPU, 1976.
- 49 - MONTAGU, A. (Edit.) Man and Agression. Edit. Oxford University Press, 1973.
- 50 - NAGERA, H. - Desarrollo de la teoria de los instintos en la obra de Freud - Horme-Paidós, Buenos Aires, 1975.
- 51 - RODRIGUES, A. - Psicologia Social - Ed. Vozes, Petrópolis , 1975.
- 52 - SCHILDER, P. - In: Agression, Hostility and Violence: Nature or Nurture? Holt, Rinehart and Winston Inc., 1973.
- 53 - SCOTT, J.P. - The Old-Time Agression (1967). In: Man and Agression. Montagu, A. Edit. Oxford University Press, 1973.

- 54 - STEIN, M.H. - Painei em Agressão. In: International Journal of Psycho-Analysis, vol. 53. Part. I. 1972.
- 55 - STORR, A. - A Agressão humana, Zahar Edit. 1976.
- 56 - TINBERGEN, N. - On War and Peace in Animals and Man (1968).
In: Agression, Hostility and Violence: Nature or Nurture? Holt. Rinehart and Winston Inc., 1973.

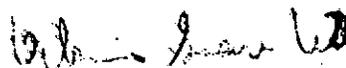
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, fazendo parte da banca examinadora os seguintes professores:



Prof. Aroldo Rodrigues
Orientador



Prof. Samuel Faro



Prof. Octávio Soares Leite

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 06/08/1979



Prof^a Vera Ferrão Candau,
Coordenadora dos Programas de
Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas